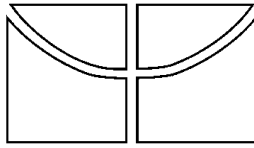


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

O conceito Digital no contexto da Comunicação

Liliana Ribeiro de Lima

Brasília,
Janeiro, 2011.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

O conceito Digital no contexto da Comunicação

Liliana Ribeiro de Lima

Trabalho apresentado à Banca Examinadora de Defesa de Dissertação do PPG/FAC-UNB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação. Orientador: Prof. Dr. Pedro David Russi Duarte.

Brasília,
Janeiro, 2011.

Liliana Ribeiro de Lima

O conceito Digital no contexto da Comunicação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília (UnB), em 18 de janeiro de 2011, com requisito parcial para obtenção de grau de Mestre. Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação. Defendida e aprovada pela Banca Examinadora abaixo assinada:

Prof. Dr. PEDRO DAVID RUSSI DUARTE – Orientador
Universidade de Brasília

Prof. Dr. TIAGO QUIROGA FAUSTO NETO
Universidade de Brasília

Profa. Dra. COSETTE ESPINDOLA DE CASTRO
Universidade Católica de Brasília

Brasília – DF
2011

Dedicado a todos que desejarem dialogar com as ideias contidas neste trabalho, apontando as falhas, as incoerências e porventura algumas poucas virtudes, mas, sobretudo, oferecendo estímulo e juízos para o aprimoramento desta pesquisadora sempre aprendiz.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PPG/FAC-UNB, pela oportunidade de aprendizado que foi proporcionada nesta etapa da minha formação acadêmica.

A CAPES pela provisão da bolsa de mestrado.

A banca examinadora por sua disponibilidade e contribuição preciosa, na participação dos professores Dr. João Curvelo e Dra. Cosette Castro.

A todos os professores da pós-graduação da UNB, especialmente ao prof. Dr. Pedro Russi, prof. Dr. Luiz Claudio Martino, prof. Dr. Tiago Quiroga e também a todos os colegas do PPG por cada momento compartilhado.

Em especial aos companheiros da linha de pesquisa Teorias e Tecnologias da Comunicação pelo contato colaborativo constante na aventura do conhecimento, nas tarefas desenvolvidas durante o curso, pelo apoio na concretização desta pesquisa.

Àqueles cientistas que dedicaram suas vidas ao pensamento epistemológico e que hoje encantam-me e instigam-me. Também aos que propiciaram transgredir sistemas decimais e binários miniaturizando componentes e ampliando infinitamente humanas capacidades de se reinventar.

Ao Google e suas ferramentas maravilhosas.

Aos colegas de trabalho, docentes e estudantes, de todas as instituições por onde passei.

Aos mestres, de todas as fases da minha formação, que a cada dia me estimularam e me muniram da perseverança de não desistir de tentar.

A todas as famílias que me adotaram e que se deixaram adotar por mim. Mães, irmãos, tios, primos, compadres e comadres.

Do fundo da minha alma agradeço ao meu esposo Cristovão, aos meus filhos Mariana e Luca, por serem a minha razão e emoção.

A minha mãe Marilda especialmente, por ter me trazido numa tarde daquelas da infância para conhecer o campus da UNB, imagem de satisfação e desejo que nunca saiu da minha memória.

Por fim, agradeço por estar viva, pelo ar que enche meu peito e por todas novas chances que recebi e com certeza ainda receberei na Vida.

Resumo

Esta pesquisa visa analisar a constituição do conceito Comunicação digital, segundo a perspectiva do saber comunicacional. Neste intuito partiu-se do levantamento da ocorrência do termo “digital”, em artigos científicos indexados no Portal Revcom, repositório e fonte de produção científica em Comunicação. Por meio da análise de conteúdo de corpus selecionado, procura-se na presente investigação estudar sobre o quanto a produção intelectual de pesquisadores em comunicação se apropria e repercute o conceito “digital”. Busca-se ainda compreender o seu transbordamento conceitual ao compor a expressão “comunicação digital” no contexto da literatura científica em Comunicação.

Palavras-chaves: *Comunicação digital, epistemologia da comunicação, teoria da comunicação.*

Abstract

This research aims to analyze the constitution of the concept digital communication from the perspective of communication knowledge. With this in mind we started with the survey on the occurrence of the term "digital" in scientific papers indexed in the portal Revcom, repository and source of production in scientific communication. Through content analysis of corpus, seeks to present research study about how the intellectual output of researchers in communication and relays appropriates the term "digital". Also tries to understand its conceptual spillover to compose the words "digital communication" in the context of the scientific literature in Communication.

Keywords: *Digital communication, epistemology of communication, communication theory*

Sumário

RESUMO	6
ÍNDICE DE FIGURAS - TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS.....	9
APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	11
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	15
1.1- TECNOLOGIA, SOCIEDADE E MEDIAÇÃO DIGITAL	17
1.2- CONTEXTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA.....	19
1.3 - O PROBLEMA DA PESQUISA	22
1.4 - JUSTIFICATIVA	26
1.5 - OBJETIVOS.....	27
2. REFERENCIAL TEÓRICO	28
2.1 - OPÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DO SABER COMUNICACIONAL.....	31
2.2 - CONSTITUIÇÃO DOS CONCEITOS.....	38
3. CONCEPÇÕES DIVERSAS E NOÇÕES DO DIGITAL.....	49
3.1 - GÊNESE DO TERMO DIGITAL	49
3.2 - TEORIAS E MODELOS COMUNICATIVOS RELACIONADOS À NOÇÃO DE DIGITAL.....	53
4. PERSPECTIVAS CAPTADAS A PARTIR DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS	69
4.1 - O PROCESSO METODOLÓGICO E ABORDAGEM DE PESQUISA	74
4.2- A CONSTRUÇÃO DO CORPUS DA INVESTIGAÇÃO: COLETA DE ARTIGOS DO PORTAL REVCOM	78
4.2.1- ESTABELECIMENTO DA AMOSTRAGEM	83
4.3 - O TRATAMENTO DOS RESULTADOS, A INFERÊNCIA E A INTERPRETAÇÃO	106
4.3.1 - UNIDADES DE ANÁLISE: OCORRÊNCIA DO TERMO DIGITAL	107
4.3.2 - UNIDADES DE ANÁLISE: EXPRESSÃO COMUNICAÇÃO DIGITAL	120
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
5.1- APONTAMENTOS CRÍTICOS.....	128
5.2- RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE	140
ANEXO 1- PESQUISAS SIMILARES	140
ANEXO 2- TABELA DA PRIMEIRA TRIAGEM NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS INDEXADOS NO PORTAL REVCOM	143

Índice de figuras - Tabelas, gráficos e quadros.

Figura 1. Quadro - Modelo tradicional da comunicação científica de Garvey e Griffith	20
Figura 2. Quadro - Modelo comunicativo básico, segundo a Teoria da informação	55
Figura 3. Quadro -Modelo comunicacional- Esquema clássico	57
Figura 4. Quadro -Modelo comunicacional- Esquema circular	57
Figura 5. Quadro - Modelo básico da comunicação digital	58
Figura 6. Quadro - Modelo comunicacional- Esquema aberto	60
Figura 7. Tabela - Coletânea do Portal Revcom	80
Figura 8. Quadro - Estrutura da análise de conteúdo	86
Figura 9. Gráfico demonstrativo da relação entre a triagem de artigos realizada na pré-análise e a triagem de refinamento da amostragem	88
Figura 10. Quadro de artigos aonde a expressão comunicação digital é acusada pela busca detalhada	89
Figura 11. Tabela - Expressões em destaque quantitativo na amostragem	97
Figura 12. Gráfico - Expressões em destaque quantitativo na amostragem	98
Figura 13. Relação entre categorias de análise e subcategorias	102
Figura 14. Separação da ocorrência do termo digital de acordo com as categorias de análise	103
Figura 15. Gráfico - Comparação entre categorias de análise	108
Figura 16. Gráfico - Relação entre subcategorias na categoria Tecnológica	109
Figura 17. Tabela - Categoria Tecnológicas, baseadas na divisão de domínios de saber Ciências Exatas	110
Figura 18. Gráfico - Categorias Sociais, baseada na divisão de domínios de saber Ciências Sociais e subcategorias relativas	111
Figura 19. Tabela - Categorias baseadas na divisão de domínios de saber Ciências Sociais e subcategorias relativas	113
Figura 20. Gráfico - Categoria Mediaticos e sua divisão em subcategorias	115
Figura 21. Tabela - Categorias baseadas na divisão de domínios de saber, Ciências da Comunicação- Mediaticos	116
Figura 22. Tabela - Principais referencias bibliográficas nos artigos	119

Apresentação

Não é fácil o processo de constituir-se pesquisador. Não tanto pela intensa quantidade de leitura que esta condição demanda, nem devido ao estreito espaço de interlocução com a sociedade. A questão mais complexa é a interna. Diz respeito ao fato de reconhecer-se como tal, desconstruindo mitos, certezas e ingenuidades acerca do fazer científico. Esta investigação molda-se na perspectiva de que o conhecimento científico não é uma propriedade deste ou daquele, mas um interesse coletivo sob o qual o pesquisador exerce uma apropriação momentânea de determinados aspectos para empreender, por meio da aproximação, possibilidades de respostas a questionamentos que não cessam na mente humana.

Chegar ao trabalho experimental aqui exposto é uma tentativa de confrontar-se com essa perspectiva, justamente por entender que a configuração do problema da presente investigação e seu objeto não ocorreria de forma imediata, decorrendo de um processo de maturação e reconhecimento construído ao longo do trabalho de pesquisa.

Examinar questões aparentemente claras e tão específicas em relação à dimensão do conjunto de teorias e noções mais fundamentais do campo de estudos da comunicação poderia ser um desestímulo definitivo, mas, ao contrário foi uma libertação. Consciente da dimensão que o campo da comunicação toma na atualidade, este trabalho pretende contribuir em alguma medida para este campo, ao discorrer sobre a adoção do conceito digital, tomando emprestado as palavras e as ideias expressas por pesquisadores, por meio de seus artigos científicos.

Construindo um raciocínio por meio do diálogo propiciado pela leitura de artigos científicos disponibilizados em repositórios digitais, buscou-se um por meio das abordagens e técnicas fundadas na análise de conteúdo, adaptar-se um método que pudesse dar conta da relação de forças entre a inquietação pautada no senso-comum e a sistematização meticulosa inerente a ciência. Que fique clara, entretanto, a consciência das limitações deste exercício, sobre as quais deve-se entender que os resultados obtidos não se pretendem conclusões irrefutáveis a respeito da constituição do conceito digital no contexto da comunicação. Dentro de suas limitações, o processo de investigação e o resultado atingido somam-se como ilustrações que permitem corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos que foram se configurando no percurso do estudo.

Introdução

A presente pesquisa é fruto do exercício que vem se configurando a partir do próprio engajamento enquanto estudante das Teorias da Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília. Foi moldada já influenciada pelas intensas e esclarecedoras discussões sobre o estatuto da Comunicação, sobre as especificidades da pesquisa científica e impulsionada pela perspectiva da importância da Comunicação estabelecer-se como campo científico.

A inquietação que a provocou, entretanto, manifesta-se há bastante tempo. Desde 2000 venho atuando como professora em disciplinas obrigatórias de cursos de graduação em Comunicação Social, dirigidas às práticas e teorias vinculadas a comunicação mediada por computadores¹. Nesta tarefa docente sempre é desafiador estabelecer a forma adequada de tratar a temática das novas tecnologias na comunicação equilibrando a tendência às abordagens superficiais das constatações do cotidiano, ou aquelas de mérito tecnicista, focadas apenas em competências operacionais e instrumentalistas. Ou ainda aquelas críticas com tendências maniqueístas, e mesmo as abordagens mais teóricas, densas em conteúdo, comprometendo a compreensão dos conteúdos e contextos fundamentais pelos graduandos.

Sendo o conhecimento uma qualidade conquistada “pela educação técnica e pelo hábito de meditar sobre os problemas científicos” (RAMON y CAJAL, 1979, p.21), a possibilidade que se abriu de estudar aspectos fundamentais da Comunicação sistematicamente amparada pelo suporte teórico metodológico de um programa de pós-graduação, tem proporcionado uma oportunidade ímpar de amadurecimento, de revisão e de reelaboração de convicções, algumas vezes viciosas, desenvolvidas durante o percurso acadêmico e de pesquisadora.

O trabalho dedica-se a estudar como o conceito digital tem sido apropriado, constituído e reconstruído no campo da comunicação, pelo transbordamento conceitual

do termo digital ao compor a expressão “comunicação digital” ou quando o mesmo permanece subentendido por outras expressões correlatas.

A noção de apropriação, referida no trabalho, tem um sentido interdisciplinar, de o termo ser tomado do vocabulário de outra área com outras significações, mesmo que similares para ser constituído, isto é, tratado como uma identidade peculiar decorrente da condição de estar absorvido pela cultura, na literatura, pelo pensamento, pelas experiências e por observações pertinentes a uma área de conhecimento, para além de o sentido vulgar em entendimento. Por reconstruído pressupõe-se a condição de uma relação com toda uma variedade de significados, interesses e acúmulo de noções contidas nas ideias que o termo exprime. Ao acrescentar a ideia de transbordamento, procura-se na figura de linguagem exprimir a compreensão de que mesmo adotado e apreendido sob condições determinadas, o conceito como uma combinação química ainda pode ter seu sentido peculiar modificado ao ser associado a um outro conceito já fundamental.

Neste propósito, a investigação serve-se do conteúdo expresso na amostra de artigos científicos propiciada pela disponibilização de revistas científicas do Portal Revcom, vinculado à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom. Essa opção foi determinada por se tratar de um serviço de referência nacional, com amplo alcance, com permissão para acesso público, irrestrito e gratuito ao conteúdo armazenado. Tanto a coleta quanto o tratamento da seleção de artigos analisados seguiram as orientações preconizadas pela análise de conteúdo e se estruturou por meio da associação da análise categorial temática com técnicas que favoreceram a abordagem qualitativa dos conteúdos que se revelam durante o exame dos dados.

O primeiro capítulo, **Contextualização da Investigação**, faz o encadeamento de percepções que propiciou o interesse no desenvolvimento da presente pesquisa, de maneira a tornar claro o ponto de onde as primeiras percepções começaram a ser moldadas. Essa parte introdutória contém a contextualização e os entornos que

1 Docência nas disciplinas Comunicação Digital, Design Gráfico, Editoração Eletrônica, História da Comunicação, Jornalismo Digital, Jornalismo e Convergência Digital, Jornalismo Online, Planejamento Gráfico, Produção e Edição em Jornalismo Digital além de oficinas de instrumentalização técnica relacionada a aplicação da informática na Comunicação.

desencadearam na consolidação da investigação, bem como o esforço de reflexão realizado no estabelecimento e construção do problema e a caracterização do objeto de pesquisa. Desta forma, pretende-se explicar como foram estabelecidos os argumentos da problemática, o problema em si e os objetivos almejados com o desenvolvimento da presente dissertação.

A proposta do segundo capítulo, **Referencial Teórico**, é não perder de vista as questões fundamentais consolidadas pela tradição científica. No exercício necessário de posicionar-me enquanto pesquisadora, demonstrando a pertinência do olhar dirigido ao conhecimento gerado sob o rótulo da Comunicação, busca-se na epistemologia concernente a área, elementos adequados para compreender suas questões. Aqui se propõe uma visão geral de questões relativas ao problema de pesquisa, com a revisão da base epistemológica e teórica orientadora na formulação dos conceitos científicos adotados de forma genérica nas ciências sociais e aqueles distintos da Comunicação que relacionam-se com esta investigação.

No terceiro capítulo, **Concepções e noções sobre o termo digital**, ainda no empenho de tornar claras noções e referências, propõe-se uma breve reconstituição da gênese do termo “digital”, por meio da qual pretende-se recapitular concepções e noções que somaram-se ou dissiparam-se na formação do conceito digital, da sua origem, de sua significação no campo da matemática e da informática até a presente apropriação pelos estudos em comunicação. Enriquecido pela fundamentação desenvolvida nos capítulos anteriores, este capítulo busca situar a lógica em uso, dando o suporte para a sistematização das questões cruciais para a resolução do problema de pesquisa. Além da exposição da argumentação teórica, percebe-se que a contextualização histórica pode acrescentar elementos que de alguma forma explicam como foi sendo configurada a percepção conceitual sobre a expressão comunicação digital entendida segundo a perspectiva da comunicação como área de saber.

Após delinear a estrutura do processo metódico e metodológico, passa-se, enfim, no quarto capítulo, **Perspectivas captadas a partir dos artigos científicos**, ao tratamento do material coletado a partir dos artigos científicos indexados no Portal Revcom. Seja em resposta às necessidades da sociedade, seja no estímulo à continuidade do estatuto científico da área, entende-se que o artigo científico possui uma função legitimadora e propagadora do conhecimento que se gera e se distribui

sobre o objeto da disciplina comunicação. Por meio de uma amostragem de textos retirada dos artigos, a pesquisa completa-se com a análise das condições na qual o conceito digital se apresenta mesmo quando este permanece subentendido em outras expressões correlatas presentes no texto dos artigos.

No quinto capítulo são estabelecidas as **Considerações finais**, com a apresentação das conclusões propiciadas pela investigação empreendida. Também são informados os apontamentos críticos diagnosticados durante a realização da pesquisa e sugestões de outras frentes de estudo e pesquisa, que extrapolam o foco da presente investigação, bem como as perspectivas de avanços em outras etapas de meu processo formativo.

Efetivamente, a investigação empreendida nesta dissertação não trata de listar quais assuntos podem ou não ser compreendidos sob o rótulo comunicação, ou mesmo da tecnologia digital, já bastante abrangentes, e atravessados por interesses interdisciplinares (conteúdos e métodos de diferentes disciplinas associados para produzir um novo saber) ou transdisciplinares (saberes novos que se originam da interdependência de vários aspectos da realidade). Ponderando que o ato de conhecer é uma ação de continuidade, contudo não de linearidade progressiva, empreender esta pesquisa é uma tentativa de contribuir com o diálogo científico da comunicação em alguma medida, compartilhando algumas reflexões, cujo contexto apresenta-se nas próximas páginas, sobre conceito digital no contexto da comunicação.

1. Contextualização da investigação

A modernidade não descobriu a comunicação - apenas a problematizou e complexificou seu desenvolvimento, promovendo o surgimento de múltiplas formas e modulações na sua realização. (MARTINO, 2001. p.41)

Este capítulo contém a contextualização e descreve os entornos que desencadearam na consolidação da investigação, bem como o esforço de reflexão realizado no estabelecimento do problema e a caracterização do objeto de investigação. Desta forma pretende-se explicar como se estabeleceram os argumentos da problemática, o problema em si e os objetivos desejados com o desenvolvimento da presente dissertação.

A intuição sobre a possível existência de algum tipo de implicação na produção científica proveniente dos diversificados usos do termo digital e expressões correlatas, para a comunicação permaneceu latente em todo o percurso acadêmico antes do mestrado, mas não configurava por si um objeto de investigação, visto que perdia-se em meio a contextos diversificados. Acalentada pela perspectiva postulada por Bachelard de que o objeto num contexto epistemológico se constitui em um curso lento, parcimonioso e por vezes obscurecido pela ânsia da resposta prematura, ou medo do fracasso, parti a averiguar os percursos e possíveis métodos no empenho de estabelecer e organizar os argumentos que poderiam dar a forma científica ao esboço de pesquisa.

A definição do objeto da presente investigação foi apresentando-se aos poucos, por meio do diálogo coletivo propiciado pelo intercâmbio de ideias nas disciplinas cursadas no primeiro ano do mestrado. Do mesmo modo foi forjado o objeto empírico, delineado em consequência de inferências tomadas após o resultado obtido em uma incursão ao conteúdo do portal de Banco de Teses e Dissertações da Capes², Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que oferece acesso a trabalhos de pesquisa em nível de mestrado e doutorado produzidos a partir de 1987 e armazenados em seu repositório.

O intento inicial desta consulta efetuada à Capes, antes de se tornar uma

² Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-tese>>. Material acessado no período compreendido entre janeiro de 2007 e dezembro de 2009.

proposta de pesquisa científica, era o de coletar o máximo de referências bibliográficas possíveis relativas ao assunto das chamadas Novas Tecnologias da Comunicação e Informação, NTCIs, com o propósito específico de incorporar as informações nas atividades das minhas aulas. Sendo em meados da década de 1990 um tema recente, com bibliografia em livros ainda escassa, a produção acadêmica poderia fornecer proposições, noções definições e conceitos que fundamentassem ou caracterizassem as especificidades do que seria a comunicação digital segundo os interesses aplicados à rotina de jornalistas e de publicitários.

O critério para a busca, naquele momento foi intuitivo. Fundamentado pelo senso comum, distinguiu apenas a ocorrência de qualquer uma das palavras e expressões normalmente associadas ao tema das tecnologias informáticas e escolhidas aleatoriamente: digital, informática, ciberespaço, hipermídia, cibercultura, *World Wide Web* ou novas tecnologias. Isto é, a partir destas palavras-chave o sistema de busca listaria todo e qualquer trabalho no qual pelo menos uma das palavras houvesse sido citada, ao menos uma vez, no conteúdo disponível no sistema de armazenamento do portal. Três datas foram fixadas: Primeiro 1987, ano inicial da indexação disponibilizada no banco de teses; o ano 2000, pontuado como marco cronológico do fim do século, e na última data de catalogação disponibilizada pela CAPES até então, em 2007.

Considerando os dados captados naquela consulta, percebeu-se, em relação à produção acadêmica de pós-graduação ali armazenada, que em 1987 ao menos alguns dos termos mencionados já fazia parte do vocabulário empregado em 10 trabalhos de Doutorado e 61 de Mestrado. Já no ano 2000, foram 553 dissertações de Mestrado e 133 Teses de Doutorado. Em 2007 a quantidade de trabalhos que atendiam ao critério de busca foi 1090 no mestrado e 293 no doutorado. Dos trabalhos mais antigos que retratam os primeiros impactos das NTCIs até os que problematizam especificidades de sistemas e modelos comunicativos digitalizados, enumeram-se características bastante similares e de certa maneira genéricas, que poderiam ser utilizadas para delimitar sentidos nos demais termos ou expressões correlatas. Assim como os vários termos utilizados como filtros para efetuar a consulta ao banco de teses, outros tantos termos e expressões prestavam-se a contextualizar conceitos muito similares, advindos das mais diversas fontes bibliográficas e disciplinares.

Não era intenção, nem havia condição de aferir por meio dos dados coletados uma estatística fiel e rigorosa, mapeando toda a produção acadêmica do ensino superior, visto que o Banco de Teses é alimentado continuamente e depende do material fornecido pelos programas de pós-graduação, responsáveis igualmente pela veracidade dos dados disponibilizados.

Os argumentos de busca, disponíveis para a averiguação acima descrita, não permitiram isolar do conjunto de textos aqueles trabalhos que estavam sob a área da comunicação. Todavia, ainda na instância das observações preliminares, notou-se que a produção acadêmica de teses e dissertações indexadas, ao longo do tempo, revelava um número crescente de trabalhos que se propunham a investigar temas ligados ao impacto social das tecnologias digitais.

1.1- Tecnologia, sociedade e mediação digital

O interesse dos pesquisadores aparentemente está em consonância com a crescente e surpreendente³ adesão da sociedade brasileira às tecnologias digitais. (celulares, internet, computadores) e seus recursos comunicacionais, conforme revelavam os institutos de pesquisa de audiência. A pesquisa do Pnad de 2001 apontava que 12,6 por cento dos domicílios brasileiros tinham computadores⁴, na aferição de 2008, 31,2 por cento dos lares brasileiros possuíam esse produto e 23 por cento destes possuíam acesso a internet⁵, uma média de três em cada 10 domicílios.

Em relação a internet, principal expoente da comunicação digital na primeira década do século XXI, o relatório do IBOPE/*NetRatings*, por exemplo, informa que a quantidade de pessoas com potencial para acessar a internet residencial no seu próprio domicílio esteve-se em 23,7 milhões em julho de 2008, chegando a 24,5 milhões em

3 Surpreendente segundo especialistas em tecnologias devido ao paradoxo entre disparidades sociais e econômicas e a velocidade de adoção e adaptação das pessoas a algum tipo de tecnologia digital (computadores, aparelhos de telefonia celular e outros acessórios como filmadoras, gravadores, fotografia digital etc). Gráfico Telecom: < http://www.teleco.com.br/imagens/figura_PNAD_2008a.gif > Acesso em: 30-06-2009.

4 A existência de computador em residências foi incluída na PNAD em 2001. Esse percentual equivale a 21.105.925 pessoas numa população estimada de 169.369.557 de habitantes.

5 Total equivalente a 17,95 milhões de domicílios brasileiros, numa população estimada de 189.952 milhões de pessoas. Dados sobre do IBGE retirados do Gráfico 11 - Percentual de domicílios com microcomputador. <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/images/1455_2574_194438_387193.gif> Acesso em: 06-07-2010.

dezembro do mesmo ano⁶. O tempo médio de navegação do brasileiro na rede mundial de computadores, em julho de 2008, 23 horas e 12 minutos, permanecia o índice mais alto entre os dez países medidos com a mesma metodologia - Brasil, Estados Unidos, Austrália, Japão, França, Alemanha, Itália, Suíça, Espanha e Reino Unido. Os países que mais se aproximaram do tempo uso residencial médio do internauta brasileiro foram a Alemanha (20h11min), os Estados Unidos (19h52min), a França (19h50min) e o Japão (19h31min)⁷.

O celular é o equipamento que atualmente sintetiza toda uma gama de convergência digital. Extrapolando a função exclusiva de telefonia móvel e do contato interpessoal, transforma-se a cada dia num dispositivo com múltiplas funções. Quanto ao uso, estima-se 124 mil assinantes de serviços em 2010, numa média de 96,83 celulares para cada 100 habitantes no mês de julho de 2010.⁸

Nenhum meio comunicativo preexistente à incorporação da comunicação digital no cotidiano ficou impune aos avanços tecnológicos, as novas configurações de produção e audiência. Nem a TV, símbolo máximo dos meios de comunicação de massa desde a década de 1950. Como bem descreve Castro, há "um movimento de interação em diferentes níveis entre os conteúdos gerados pelo campo da produção e uma recepção/audiência que não é previsível nem controlada como seres autômatos como se imaginava até há poucos anos" (2005, p.307).

A aceitação dessas novas formas de interação digitalmente mediadas pelas sociedades é quase imediata e globalizada. E o fenômeno que não se cristaliza na dicotomia da riqueza e da pobreza econômica, mantém-se avançando sobre a indústria cultural já estabelecida não só por conta do apelo comercial dos objetos tecnológicos. Também atinge fórmulas mercadológicas, releituras legais por conta das novas maneiras de se comercializar, produzir e distribuir informação e entretenimento.

Enfim, se as relações sociais ainda não foram alteradas de maneira definitiva, é

6 Disponível em: < <http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-01-2008.htm>>. Acesso em: 06-07-2010.

7 Disponível em: < <http://idgnow.uol.com.br/internet/2008/07/24/com-22-9-milhoes-de-usuarios-internet-residencial-cai-1-em-junho> > Acesso em: 10-03-2010.

8 Dados divulgados em 20 de agosto de 2010 pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

Disponível em:

<<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=21052>>. Acesso em: 20-08-2009.

inegável o impacto que o acesso à tecnologia digital tem provocado nos processos interativos, na comunicação social.

1.2- Contexto da produção acadêmica

Ainda em relação ao impacto da informática e das tecnologias digitais nas distintas dimensões da vida social, os últimos anos do século XX deixaram como herança, variadas possibilidades de reflexão sobre aspectos sociais, técnicos, econômicos. E ainda epistemológicos, por conta da apropriação dessas tecnologias digitais, dos usos práticos que se fizeram, das potencialidades comunicativas que se apresentaram e, por consequência, de como impactaram tanto em conteúdo como a própria produção da literatura científica.

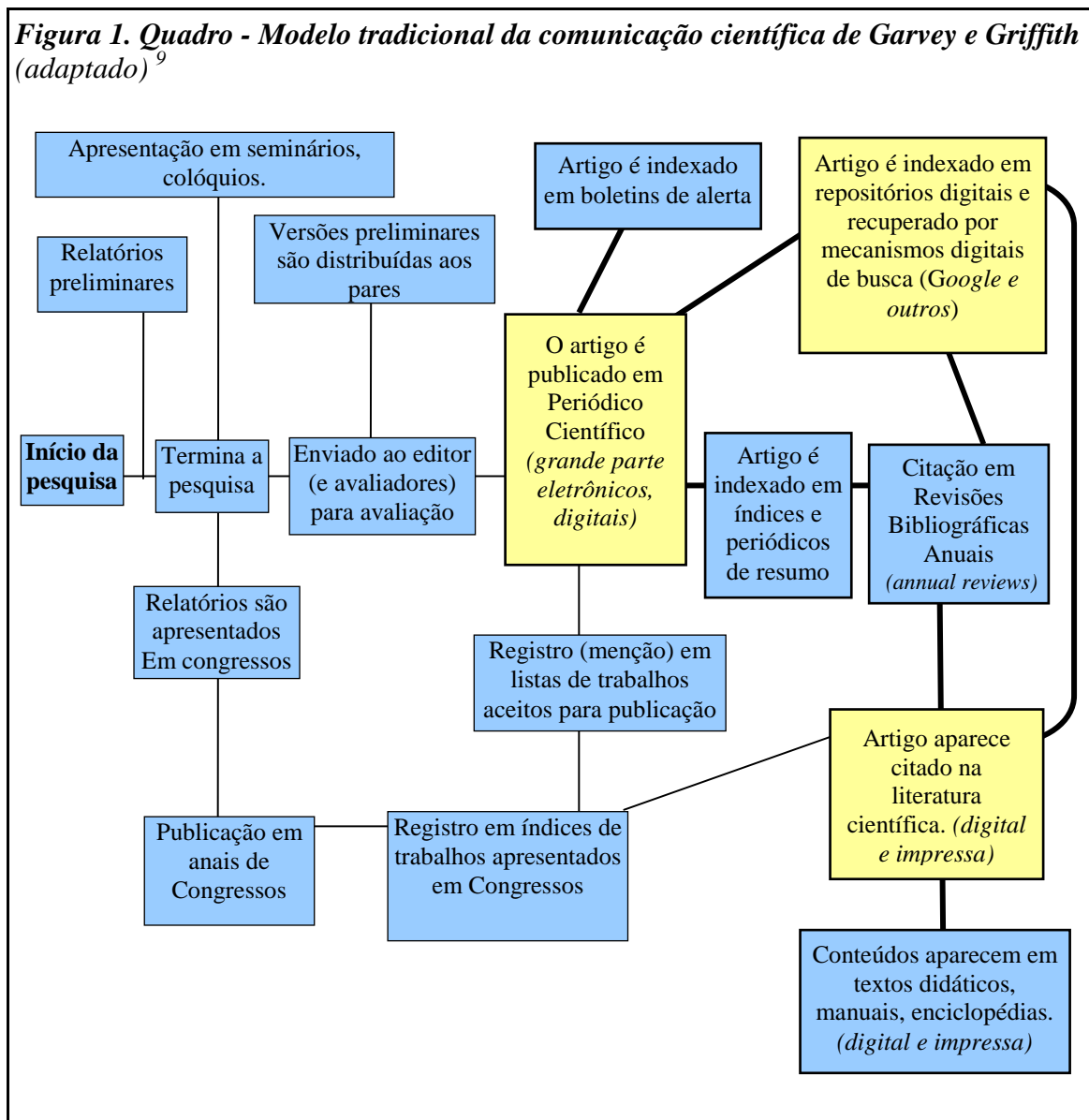
O estímulo propiciado pelas observações acima descritas despertou a curiosidade de proceder, senão mesmo o experimento de busca no Portal de teses da CAPES já relatado, alguma outra averiguação similar, porém focada exclusivamente nos repositórios eletrônicos dedicados a divulgação científica em Comunicação. Especificamente naqueles que organizavam e disponibilizavam periódicos científicos. Entende-se que há um fluxo da distribuição da informação científica, e que dentre os vários meios de divulgação, os artigos publicados em periódicos se destacam como fonte informativa.

Dada a condição de terem sido submetidos a uma seleção criteriosa e enquadrados como pertinentes àquele campo de conhecimento, estes espaços são imprescindíveis na configuração do corpus que caracteriza o diálogo entre o conjunto de ideias que configuram o pensamento comunicacional. São por meio deles que se fomenta o progresso científico. O campo se estabelece e se fortalece nas reflexões algumas vezes complementares, outras excludentes ou mesmo contraditórias, mas que formatam a massa de conteúdo que permitirá às futuras gerações compreender e avaliar melhor entre tantas ciências e tendências, como estabeleceu-se a discussão sobre a comunicação digital no campo da comunicação, no início do terceiro milênio.

Os pesquisadores da área da Informação observam que o processo de disseminação do pensamento científico tem se modificado rapidamente após a informatização. Seguindo o roteiro apresentado pelo modelo da divulgação científica

proposto na década de 1970, pelos sociólogos da ciência Garvey e Griffith (MUELLER, 2000), para demonstrar o fluxo de disseminação da produção científica, havia um circuito pouco flexível e de certa forma ritualístico para a apresentação, indexação, validação e adoção das informações apresentadas por pesquisadores.

Figura 1. Quadro - Modelo tradicional da comunicação científica de Garvey e Griffith (adaptado)⁹



⁹ Versão adaptada daquela apresentada por MUELLER (2000) citando HURD, Julie M. **Models of scientific communication systems**. In: CRAWFORD, Suzan. Y; HURD, Julie M; WILIER, Ann C. **From print to electronic: the Transformation of Scientific Communication**. Medford, NJ: Information Today, 1996.

A inserção das ferramentas da informática e de *softwares* aplicativos de confecção, editoração, avaliação e publicação têm atingido tanto os modos de produção, quanto o acesso ao conteúdo endossado e disponibilizado pelas revistas. Ao longo dos 40 anos da proposição original do modelo de Garvey-Griffith, a influência e a adoção de tecnologias digitais também afetou a forma como a exposição da reflexão acadêmica é feita.

Há, conforme a visão de pesquisadores e envolvidos com os processos de divulgação de publicações acadêmico-científicas, a percepção de que a informatização dos modos de produção e disponibilização de conteúdos digitais, ocorridas desde a década de 1980, ampliaram irreversivelmente as dinâmicas de produção científica por meio de periódicos:

...tendo em vista que grande quantidade é produzida diariamente por pessoas e instituições. Conforme Meadows (1999, p.246): “As atividades informatizadas parecem destinadas a melhorar a produtividade nos anos que virão, permitindo assim que continue a crescer a quantidade de informações científicas em circulação.” Aliado a isso, as Universidades brasileiras colocam a disposição de alunos e pesquisadores uma infra-estrutura de computadores que contribuem tanto para acessar quanto para divulgar as informações disponibilizadas na rede. (MESQUISTA e STUMPF, 2004).

Atualmente as bases de dados digitais têm proporcionado aos pesquisadores uma potencial facilidade para a produção, submissão, aceitação, publicação, disseminação e uso da literatura, dinamizando tanto o interesse de divulgação quanto a propagação e adoção de proposições e conceitos.

Por outro lado, a tarefa de editar revistas científicas tornou-se bastante complexa por envolver, além dos critérios de qualidade tradicionais, outros intrincados e múltiplos aspectos éticos e de validação deste conteúdo. Por exemplo, conforme discorrem Castiel Javier e Sanz-Valero no artigo “Entre fetichismo e sobrevivência: artigo científico é uma mercadoria acadêmica?” (2007), mais do que a função de promover o reconhecimento científico, a produção de artigos vem degenerando em fenômenos diagnosticados como o “publicacionismo”, a “produtivite”, o “citacionismo” e “autoplágio”, recorrentes em todos os campos de saber.

Do ponto de vista da assimilação de novos meios de comunicação e a velocidade

com que se demandam a produção, é por meio do que se torna consensual que o controle social de cada grupo científico delinea as especificidades de seu campo de atuação e pesquisa, da mesma forma que valida suas teorias, métodos e conceitos. Desta forma “cada comunidade científica é por assim dizer uma pequena sociedade com seus próprios meios de efetuar o seu controle social” (KAPLAN, 1975, p.6), e nesta condição, todos os seus membros ativos exercem pressões no sentido de estabelecer certa uniformidade nos padrões de competência e respeitabilidade adequados ao grupo.

E a literatura científica é uma maneira pela qual a “pequena sociedade” de estudiosos da comunicação tem para difundir a existência do seu pensamento, estabelecendo a relação entre diferentes abordagens da produção intelectual, incluindo o que tange a teorização sobre a imersão da sociedade nas tecnologias ou mesmo na naturalização das ferramentas comunicativas digitais.

Em conjunto com as observações sobre ampliação de acesso proporcionada pelas tecnologias no cotidiano da sociedade em geral, essa constatação em relação ao modo de produção e divulgação científica ganha dimensões preocupantes numa área de saber como a comunicação, ainda em tensionamento sobre seu próprio objeto, no qual tudo é tão presente e novo, e profundamente contaminado pela velocidade e sedução das tecnologias.

1.3 - O problema da pesquisa

A problemática que envolve esta pesquisa delinea-se a partir das constatações sobre a relevância que a comunicação digital toma gradativamente nas diversas dimensões da sociedade, advindas dos dados levantados e expostos acima, que combinados, impactam inclusive na formulação do conjunto de noções conceituais que permeiam e compõem o conhecimento desenvolvido pelos estudiosos da comunicação.

Em síntese, a primeira constatação diz respeito ao apelo da contínua incorporação das tecnologias digitais no cotidiano das pessoas. O que resulta na naturalização da necessidade de equipamentos digitais e suas consequentes apropriações. Um aparelho celular, por exemplo, detém funções que variam de um relógio até a produção de vídeos ou a localizadores GPS. Ter um aparelho dotado de funcionalidades diversificadas é comum, mesmo que parte das ferramentas simplesmente não sejam usadas. Essa naturalização se manifesta igualmente nos

resultados da incorporação coletiva desses equipamentos como meio de comunicação e expressão, em situações de mobilizações coletivas como as chamadas *flashmobs*, em denúncias, na documentação e divulgação de fatos eventos por cidadãos comuns, como também na invasão da privacidade, na burla ao direito autoral entre outras ações.

Outro aspecto constatado é uma nova condição de atuação do pesquisador em diálogo quase imediato com a sociedade como crítico, intérprete e propositor de reflexões aprofundadas diante da realidade que se apresenta à contemporaneidade.

O fazer e o refletir sobre a comunicação social tem rendido vários trabalhos que elencam as especificidades da relação entre as tecnologias advindas da informática no campo comunicacional, assim como a produção de artigos tem sido estimulada, por um lado pela obrigatoriedade de publicar para cumprir exigências formais de avaliação de produção, e por outro devido as facilidades nos processos de divulgação. Esse contexto parece dinamizar e impulsionar o aparecimento de neologismos com pretensas funções conceituais, com propósito de descrever alguma novidade, inovação ou o extraordinário ainda em reconhecimento.

Uma peculiaridade é que o ambiente de pesquisa do campo da comunicação social ao mesmo tempo em que se dedica a investigar os efeitos, o conteúdo, a produção, a recepção e as causas da interferência dos meios de comunicação na sociabilidade humana utilize-se dos mesmos meios para publicitar e repercutir suas ideias e descobertas. Seu objeto de estudo também é seu instrumento de ação sobre a sociedade. Na presente investigação procura-se raciocinar cientificamente sobre o quanto dessa imersão da sociedade e da naturalização das ferramentas e meios digitais, a produção intelectual de pesquisadores em comunicação absorve e repercute em suas reflexões científicas. Para tanto, estabelece o foco sobre o tema da configuração do conceito digital.

O interesse de desenvolver teórico-conceitualmente reflexões sobre questão da incorporação das tecnologias digitais é compartilhado por alguns estudos similares, apesar dos distintos objetos de investigação conforme é indicado resumidamente no Anexo 1 deste trabalho. Pela triagem referente ao estado da arte que circunscreve esta pesquisa foram revelados ao menos dois projetos de pesquisa financiados pela Capes e seis artigos onde a compreensão dos conceitos relativos às tecnologias digitais, é pontuada como fundamental para os estudos da comunicação.

Um desses projetos de pesquisa se chama “Por uma Nova Teoria da Comunicação para a era tecnológica”, coordenado pelo professor Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, e objetiva dotar a área de comunicação de uma teoria própria, sintonizada com as mudanças no campo. Englobando a questão conceitual e indo além, diagnostica-se que o campo da comunicação não dispõe de teorias próprias e importa seus postulados da sociologia, da teoria política, da antropologia, da semiologia/semiótica e de outras áreas. Sugere o estabelecimento de um conceito de comunicação que transcenda as formas convencionais de linguagem. Trata fenômeno específico da comunicação tanto pessoal, quanto dos diálogos grupais, da situação de ensino quando através dos sistemas de irradiação coletiva (TV, rádio, imprensa, publicidade), passando pelos produtos culturais e chegando até as formas digitais. A teoria foi toda produzida no Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, FiloCom, e por estudiosos brasileiros. Segundo o coordenador, em mais de dez anos estudos, o projeto avaliou todas as teorias que já foram publicadas, propondo de maneira original, novas abordagens sobre ao assunto.¹⁰

O outro projeto de pesquisa, iniciado em 2005 e coordenado pela professora Denize Correa Araujo, o “Comunicação e Cibercultura: conceitos, espaços virtuais, tendências e clusters” propõe, na etapa denominada “clusters epistemológicos”, o mapeamento dos conceitos e usos dos termos formados pelo prefixo ciber, multiplicado nos estudos da cibercultura. O estudo conclui que “há muitas pesquisas interessantes e relevantes inclusive sobre adequação de conceitos e teorias para nossa realidade, ou estudos comparativos em parceria com outros países”. Entretanto “seu uso generalizado, por vezes confuso e inadequado, acarreta uma sobreposição de ideias e uma ambigüidade nem sempre salutar”. Também revela que “pesquisadores trabalham em fronteiras, produzindo e analisando interfaces da comunicação com áreas correlatas”. A hipótese defendida no projeto de pesquisa em questão é “que as novas mídias proliferam com mais rapidez e diversidade do que as análises sobre as mesmas causando uma

10 Com informações da entrevista de Ciro Marcondes, Novos olhares sobre o estudo da Comunicação, ao site Nós da Comunicação. Disponível em: <http://www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?panorama=374&tipo=E>. Acesso em 30-11-2010.

defasagem quase inevitável e disseminando termos ainda não bem assimilados e contextualizados”¹¹.

Nesta condição, questiona-se o quanto realmente é o novo que surge como fenômeno comunicacional e o quanto é o mesmo conteúdo abordado por meio de ferramentas metodológicas e objetos de estudo de distintos campos do saber. Conforme esclarece Martino: “o objeto de um certo trabalho de investigação é, por assim dizer, a matéria intelectual que ele manipula, dessa maneira só aparece efetivamente nas elaborações teóricas pelas quais os fenômenos que lhe dão sentido se apresentam formulados à investigação científica” (2003, p.87).

Por meio da dissecação de definições inerentes aos vários sentidos que o termo comunicação pode tomar, a depender do ponto de onde se especula o estudo epistemológico desconstrói o aparente conforto de uma preliminar obviedade de entender “tudo” como comunicação, segundo a leitura do senso/comum. Uma projeção da interrogação chave proposta por Martino (2001): “De qual comunicação estamos falando?” suscita a derivar outras inquirições, talvez não tão centrais, mas também pertinentes ao lugar de fala do pesquisador de comunicação.

Naquilo que faz o corpus do pensamento da sociedade da científica vinculada a comunicação. (KAPLAN, op. cit.), cabe também refletir quem seria o comunicador a depender do ponto de vista que se lança a avaliar a comunicação. Da mesma forma, parece relevante avaliar sob quais orientações teóricas essa compreensão deve se dar. Qual objeto deve contextualizar e formalizar seus interesses? Qual metodologia se adequa às suas pesquisas?

E num sentido mais particular, focado especificamente no que diz respeito ao objeto desta investigação, sobre qual compreensão de comunicação digital esses fenômenos contemporâneos na pesquisa de comunicação devem ser abordados. Credo-se que há uma relação direta entre como o conceito digital é incorporado pelos estudos da comunicação.

Se por um lado há dentro da comunidade científica da comunicação uma visão que se diz estratégica ao pensar a respeito da comunicação e como ela se constitui como

11 Informações retiradas dos artigos da pesquisadora Denize Araújo, referenciados na bibliografia da dissertação, também em trocas de email com a mesma.

campo científico ao longo dos anos, aparentemente há também a percepção da necessidade de ainda constituir o domínio de territórios, estabelecendo marcos conceituais para a realidade que lhes é pertinente. Para alguns estudiosos a complexidade da atualidade distingue uma nova realidade para a comunicação e esta carece de um novo olhar conceitual e teórico para ser interpretada e reconhecida. (FAUSTO NETO, 2002; LOPES, 2003; MARTINO, 2007).

Ainda tateando no desenvolvimento da problemática, pleiteou-se mapear certo número de expressões validadas pela produção científica dos pesquisadores brasileiros de comunicação social que tratassem dos processos comunicacionais digitalmente mediados e contemporâneos. Entretanto, o risco era esse procedimento não corresponder plenamente a uma investigação dentro do rigor científico.

Considerando-se todos esses fatores acima problematizados, juntamente com a ideia de que deve haver alguma especificidade na comunicação digital que repercute na cultura científica comunicacional, o presente trabalho pretende ir além do senso comum ao situar teórica e epistemologicamente de que maneira ocorre a adoção de ideias relativas ao termo, como também sobre apropriações e usos da expressão comunicação digital enquanto conceito. Esta pretensão resume-se pela seguinte proposição interrogativa:

Como o termo digital é constituído e reconstruído conceitualmente na literatura científica da comunicação?

1.4 - Justificativa

Instigada pela constatação preliminar que evidencia o incremento na produção de pesquisas com temáticas relacionadas a comunicação digital, suas tecnologias e usos, em grande parte das áreas de conhecimento tanto naquelas listadas portal da Capes, quanto na diversidade de publicações científicas eletrônicas armazenadas em repositórios acadêmicos e institucionais, é pertinente como interesse investigativo, problematizar a questão do conceito "digital".

Com vistas àquilo que confere algum status científico dentro das especificidades do campo da comunicação, justifica-se essa investigação, como instrumento que pode auxiliar no entendimento de um conceito fundamental, sob o prisma da comunicação, para exercitar a análise de processos ou produtos comunicacionais digitalmente

mediatizados e contemporâneos, assim como ajudar a compreender os processos comunicacionais digitais sob o viés teórico. Para atingir este objetivo usa como referência uma coletânea de artigos científicos publicados em periódicos da área de Comunicação disponibilizados no Portal Revcom.

1.5 - Objetivos

Então, surgida da reflexão sobre os aspectos acima mencionados é que a investigação desta pesquisa visa identificar e refletir sobre um conceito chave na comunicação na atualidade, o digital, e seu desdobramento na expressão comunicação digital. Por uma dinâmica de reconstrução lógica persegue como objetivos secundários:

—Verificar como o conceito tem sido construído como fenômeno comunicacional.

—Mapear como o conceito digital foi apropriado no contexto dos estudos da comunicação ao debruçar-se sobre a fala do estudioso, expressa nos artigos científicos produzidos pelo campo da Comunicação disponibilizados à leitura pública.

—Obter uma compreensão mais clara sobre o consensual e o que ainda inspira uma melhor “reflexão” no que diz respeito ao entendimento do digital inserido nestes estudos.

Distinguir as objeções e os consensos acerca do uso do termo “digital”, bem como a adaptação empreendida no contexto dos estudos brasileiros sobre comunicação ao compor a expressão “comunicação digital” ou ainda quando este permanece subentendido por outras expressões correlatas.

2. Referencial teórico

"Compreender algo não é apenas reconhecer este algo, mas considerá-lo como sequência de alguma coisa que já se conhece. A retificação é o objetivo."
(BACHELARD, 2004, p.19).

Após apresentar as considerações que culminaram na questão chave da pesquisa, propõe-se uma visão geral de questões relativas ao problema de pesquisa, com a revisão da base epistemológica e teórica sobre a formulação dos conceitos científicos adotados de forma genérica nas ciências sociais e aqueles distintos que compõem o repertório da comunicação que se relacionam com esta investigação.

São nos preceitos que regem os estudos em ciências sociais em geral e ainda naqueles que se agregam em torno das especificidades da Comunicação, que se fundamenta todo o processo desta investigação. É verdade que se trata de um campo reconhecido por divergências e instabilidades naturais de sua recente manifestação como saber específico.

Vários autores forneceram o suporte para se pensar metodologicamente este trabalho. A opção de recorrer ao percurso epistêmico, isto é, avaliar, sistematizar e esclarecer segundo a orientação de cada um refere-se à dificuldade de trabalhar uma investigação de fundo conceitual, na qual estão envolvidos tanto aspectos das teorias fundamentais das teorias do conhecimento quanto de uma epistemologia própria relativa a comunicação.

Por esse motivo, o caminho que pareceu mais amoldar-se num território ainda em conformação é arquitetar esta dissertação mesclando duas noções apreendidas pela leitura de obras de Karl Popper e de Gastón Bachelard¹². Ao menos por hora parecem complementares, visto que ambas tratam de uma concepção desafiadora, ao sugerirem que conhecer, mais do que chegar à verdade é indagar, é disponibilizar seu percurso de reflexão e suas tentativas metodológicas auxiliando, desta forma, o desenvolvimento científico. Chegar ao conhecimento tanto segundo Popper quanto para Bachelard é um exercício de tentar aproximar-se de uma verdade por meio de contestações e testes

12 Referências citadas na bibliografia da dissertação.

científicos. Os métodos e técnicas da apreciação científica, porém, variam ao longo do tempo, pelas tradições, pelas tendências e mesmo de acordo com os objetivos dos pesquisadores ou dos interesses diversificados que lhe acompanham.

Em suas conjecturas, Karl Popper observa e analisa que para a escola britânica a origem fundamental de todo conhecimento estava na observação, “enquanto a escola continental” insistia que sua “origem reside na intuição intelectual de ideias claras e distintas”. Popper, no entanto, entendia que “embora tanto a razão como a observação desempenhem funções importantes” as mesmas não podiam ser descritas como fontes do conhecimento, sugerindo que estas têm o importante papel de contribuir para o exame crítico, pois tudo parte de um reconhecimento de algo passível de ser refutado sempre que é colocado em questão (2008, p.24-32).

Em defesa de sua tese a respeito do caráter aproximado do conhecimento Bachelard adota como postulado epistemológico que este “caráter inacabado do conhecer”, não sendo um ato pleno deve ser entendido no fluxo especulativo onde o antigo explica o novo e o assimila, o novo reforça o antigo e o reorganiza continuamente (2004, p.17-19). Em sua perspectiva, o contato com o pensamento tradicional fornece a condição adequada a ruptura, ao corte epistemológico na medida que ao confrontarem-se proposições científicas, por uma atitude contestatória superam-se obstáculos que obliteram o progresso da ciência.

De ambos se infere a participação ativa do pesquisador diante do interesse despertado por qualquer tema. Não se conhece a partir do nada. O conhecimento é um ato de consciência. Situação superior à mera informação dada, este desenvolve-se na compreensão e na reelaboração das ideias prévias em novas ideias. Assim, o processo do conhecimento tem um aspecto de continuidade que não se limita a compreensão ou reconhecimento de algo, mas a capacidade de interpretar e fazer associações fundamentadas em algo já conhecido. Paradoxalmente, por falar em corrigir em lugar de refutar, entretanto de forma similar a Popper que vê no reconhecimento de falhas a possibilidade impulsionar o conhecimento, Bachelard (2004, p.19) crê na dimensão científica onde “a retificação é o objetivo”, pois essa conduta permite exatamente manter o aspecto de progresso e diálogo contínuo.

Essa maneira de entender o processo do conhecimento reflete o ponto de vista de um conhecimento volátil. Isso, no entanto, reforça a necessidade de se estabelecer uma

base de argumentos que delimite as angulações adequadas desse olhar direcionando compreensão a esse campo de saber, no caso da investigação desta dissertação, o comunicacional. Fazer referência à compreensões dadas anteriormente por outros campos não diminui a importância de demarcar delimitações da perspectiva da qual se propõe estabelecer o processo de conhecer acerca da questão conceitual que permeia a perspectiva comunicacional.

De fato, Bachelard aponta-nos que o conhecimento constrói-se sempre em relação às vivências, e pode ser registrado por meio das inferências e questionamentos que as experiências humanas suscitam.

O conhecimento quer se exerça sobre os dados imediatos da percepção ou sobre o dado elaborado pela ciência, quer se aplique em realizar industrialmente seus projetos ou em construir os seres matemáticos classifica necessariamente seus diferentes atos. Ou melhor, a classificação é sua própria vida. O conhecimento é sempre uma referência a um domínio antecedente, a um corpo de elementos do qual se admite a racionalidade e em relação ao qual se mede a leve aberração dos fatos. (BACHELARD, 2004, p.245)

Popper empenha-se na defesa do método das tentativas, que entende todas as leis e teorias como possibilidades e não como certezas e que devem por isso ser observadas e experimentadas como testes de conjecturas ou testes de hipóteses, de forma a valorizar a possibilidade de se discutir sobre resultados e processos que aproximam a busca de um consenso. Ciência ou senso comum, são das inferências míticas ou mesmo simplistas que o processo de conhecer constitui-se primariamente. O conhecimento desenvolve-se também segundo uma tradição.

A tradição é vista como um ponto de partida, na qual enraiza-se a identidade de uma ciência, porém nunca no sentido de fechar um saber, mas de abri-lo para dar continuidade a sua construção, pois um saber não é em essência nem estático nem definitivo. É sobre a tensão constante entre a tradição e a mudança no campo científico que reside a base do surgimento de estudos e diagnósticos que buscam sua reestruturação. (LOPES, 2002, p.228)

Ainda nos lembra Popper que tanto a tradição científica, quanto a pré-científica legam suas teorias. O que distingue o conhecimento científico, não é a “coleção de observações ou na invenção de experimentos”, mas a atitude crítica com relação à essas teorias. Na tradição científica “As teorias são transferidas não como dogmas, mas

acompanhadas por um desafio para que sejam discutidas e se possível aperfeiçoadas” (2008, p.19). Se a tradição favorece o desenvolvimento do conhecimento, isso é consequência das descobertas que propiciam críticas e novos juízos em contraponto aqueles já acatados por tradicionais que se modificar as teorias precedentes.

Milton Cabral, interpretando as reflexões de Bachelard, sobre progressos nas técnicas de pesquisa científica das ciências exatas, entende que estamos hoje vivendo um período que se caracteriza pelo fato de haver um caráter indireto das determinações do real científico, o que aponta para um reino epistemologicamente novo.

Uma outra distinção cuja importância é inegável, se quisermos privilegiar o conhecimento científico e com isso preservar nosso estudo de pelo menos duas atitudes corriqueiras: uma adesão gratuita ou uma recusa meramente opiniática a linguagem digital. [...] o objeto descrito como nômene [uma essência de pensamento que engendra pensamentos, um progresso de pensamento] segundo Bachelard, “esta aberto a um futuro de aperfeiçoamento que o objeto de conhecimento vulgar não possui absolutamente”. (DRAVET, CASTRO, CURVELLO, 2007, p.63, 65).

É possível a aceitação de noções importadas, algumas vezes de forma irrefletida acerca da fundamentação epistemológica que se constrói externa e internamente no estudo comunicacional. Estas podem ser definidas pela visão tecnológica ou pela tecnomeritocrática (CASTELLS, 2000, p.36) que só se enxerga algum valor na comunicação pelos instrumentos tecnológicos e seus operadores, resultado de uma tradição, da qual "tecnologia e comunicação foram reunidas num par indissociável, indispensável à conquista dos grandes espaços" (SFEZ, 1994, p.25) ou focados na concepção sociológica, antropológica e dos estudos da língua e sentidos.

Entretanto, se é fato que não se conhece a partir de um nada, também não é arraigando-se no conforto de acatar conceitos já estabelecidos sem uma avaliação conceitual baseada em critérios capazes de testar as perspectivas em que se desenvolve o conhecer. Para contrastar as opiniões e assertivas com estruturas conceituais já consolidadas é necessário transcender as proposições já estabelecidas do sistema conceitual (CHALMERS, 1993, p.111) pelo método científico.

2.1 - Opções epistemológicas do saber comunicacional

Sob a perspectiva do saber comunicacional, que ainda sofre pela indeterminação

de seu estatuto, muito pela indução empírica de que se servem seus pesquisadores, a definição de um objeto de pesquisa requer, no mínimo, o mesmo cuidado que se deve ter ao elaborar conjecturas a respeito do objeto do campo de saber.

Se ainda são poucas as pesquisas que tratam de aspectos epistemológicos aplicados à Comunicação como campo de estudo, partimos da condição de foco, proposta por Martino, que considera que os estudos da área devem gravitar em torno dos media e as “as repostas, assim como as perguntas” relativas a essa perspectiva sobre o objeto deste campo de investigação “parecem sempre estar associadas a essa condição”. (MARTINO, 2001, p.41). Ou seja, destaca-se a leitura científica por teorias dentro de uma tradição já consolidada na área.

Do ponto de vista epistemológico, a comunicação configura-se, de acordo com Martino (2003, p.85) a partir de quatro bases complementares. Uma primeira e crucial, diz respeito ao esforço de definir o que seria o saber comunicacional, apontando condições satisfatórias para se acatar um estudo, teoria ou investigação como sendo um trabalho em comunicação. Outra base está em identificar e explicitar os fundamentos que regem as ações e teorias relacionadas diretamente a ele. Uma terceira, seria classificar o estatuto desse saber e por último tornar clara sua relação com outros saberes científicos. Na atualidade dessa sociedade complexa se constata uma verdadeira explosão comunicacional:

[...]de um lado, os meios de comunicação vão permitir uma imensa acumulação do patrimônio simbólico, em grande parte proporcionada pela exteriorização da memória (o suporte passa a ser material, não mais psicológico) e o aperfeiçoamento técnico de reprodução mecânica dos livros (Imprensa); de outro lado, ao processo de universalização dos valores, através do qual as culturas particulares(etnias) acabam perdendo seu elemento de singularidade exclusiva e passam a constituir um verdadeiro patrimônio da humanidade. [...] No cruzamento destas linhas de desenvolvimento tecnológico e social vamos encontrar a constituição de uma cultura do presente, aberta a todo se reciclada a uma velocidade espantosa que somente o alcance e a potência de nossos poderosos meios de comunicação podem proporcionar (MARTINO, 2006, p.5-7).

A comunicação, se definida como processo, abrange a compreensão sobre as consequências da contínua complexificação das relações sociais ao longo da história. Diz respeito à intrínseca necessidade humana de relacionar-se, de colocar suas experiências em comum.

Inerente ao ser humano, a comunicação está relacionada com a capacidade cognitiva, mas não se limita a isso, pois não se realiza apenas na consciência de si próprio, e sim na sensibilização simultânea entre consciências distintas. Essa capacidade ou verdadeira necessidade de compartilhar evidencia-se nas transformações que o processo comunicativo provoca e sofre, nas dimensões econômicas, tecnológicas, de mentalidade, das manifestações culturais e no próprio ato comunicativo.

A despeito da variada interpretação que o termo comunicação tem recebido, mesmo nas ciências sociais, consensualmente assinala-se que para que a comunicação seja possível algumas ações conscientes são imprescindíveis: É preciso produzir, codificar, transmitir mensagens que possam circular entre as pessoas, para que sejam interpretadas e se tornem comuns, para serem trocadas e compartilhadas, criticadas e questionadas. A atenção também é necessária por conta do atravessamento das relações entre usos e técnicas “de” e “para” a comunicação.

No entendimento acatado nesta investigação, é partir do século XIX que se destacam características até então não co-existentes como conjunto e que dão um sentido de identidade ao saber comunicacional. Com o desenvolvimento de meios técnicos de comunicação cada vez mais elaborados, as práticas comunicacionais passam a ser compreendidas também a partir da relação dos indivíduos com as mensagens que produzem ou ainda pelas relações que estes desenvolvem por meio da troca de mensagens. Mesmo a interação de pessoas ou grupos entre si e com as mensagens passa a ter no emprego dos meios de comunicação sua expressão mais constante e evidente (MARTINO, 2003, p.74).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, os meios de comunicação, são entendidos como objetos técnicos que por conta do seu alcance de difusão "alargaram" o contato com a realidade; e geram o compartilhamento da experiência social numa escala impossível de se alcançar sem esta intervenção. Os fatos, os eventos, a percepção do indivíduo sobre seu contexto, passam a repercutir de forma ampliada atingindo um número maior de interlocutores no jogo mediado e viabilizado pelas tecnologias de comunicação.

De alguma forma associada ao sentido original, *comunicatio*, - de romper com o isolamento, de criar um momento de cumplicidade e compartilhamento-, a proliferação dos meios de comunicação singulariza e enfatiza especificidades das quais sobressaem-

se características distintas das analisadas nas outras interpretações referentes ao termo comunicação, quando aplicadas por outras áreas do conhecimento.

Essas especificidades dão o tom de originalidade do saber comunicacional e, ainda segundo Martino, os pesquisadores podem se servir de reflexões baseadas em tendências empiricistas, lógico-formais ou arqueológicas para delinear contornos que definam de forma mais eficiente qual é a comunicação que se torna conceito central quando nos posicionamos como pesquisadores de comunicação.

Pela perspectiva apresentada na compilação elaborada por Mauro Wolf, os estudos em Comunicação desde sua conformação, foram marcados por duas correntes: a pesquisa crítica, teoricamente orientada e atenta às relações gerais existentes entre o sistema social e os meios de comunicação de massa e a pesquisa administrativa, acentuadamente empírica e caracterizada por objetivos cognoscitivos inerentes ao sistema dos meios de massa, posteriormente evoluindo para uma confluência entre as duas tradições (WOLF, 1995, p.16-17).

Sem esgotar a variedade de caminhos que hoje se propõem a delimitar o campo investigativo da comunicação, visitamos também a compreensão proposta por Venício Lima (2001, p.37) que entende a estruturação da área em “modelos teóricos (e metodológicos)” precária e provisoriamente adaptados para o que ele chama de estudo das comunicações (no plural), incorporados, em graus diferentes, à história da pesquisa brasileira no campo. Nomeando de acordo a proposição de palavras-chave em cruzamento com critérios de classificação que considerou adequado para exprimir as articulações teóricas, propôs modelos extraídos pelo viés dos seguintes aportes:

a) da Ciência do Comportamento, originada nos Estados Unidos e focada na manipulação do comportamento com fins comerciais ou de propaganda política;

b) da Ciência Formal na perspectiva da semiologia por um lado e das teorias matemáticas da comunicação, da cibernética e da teoria dos sistemas de origem;

c) da Ciência Crítica com uma visão materialista do homem, da sociedade e de suas relações;

d) da Ciência da Cultura com teorias ligadas ao materialismo cultural, a literatura, e arte e também a da psicologia social, a antropologia, a literatura e da fenomenologia.

A conclusão de Wolf, ao catalogar uma série de teorias sob o estatuto da comunicação, encaminha para uma percepção mais voltada para o viés sociológico impregnado nos estudos da comunicação.

Vera França entende que é “na medida desse movimento de congregação de olhares diversos” que se pode pensar o campo de estudos da Comunicação enquanto domínio ou espaço interdisciplinar (2001, p.50).

Quando pela interdisciplinaridade, processo transitório da formatação de concepções científicas, criam-se referências e uma estabilidade razoável de pressupostos, pode-se falar do surgimento de um domínio novo. Somando esforços para se estabelecer sentidos nos estudos da comunicação, parece que as concepções podem ser entendidas, juntamente com outras, como proposições experimentais que estão arraigadas nos pilares que fortalecem os primeiros esboços para distinguir a comunicação como área.

A teoria da comunicação se caracteriza, sobretudo pela heterogeneidade das correntes e concepções que abriga, e a apresentação de um quadro geral das teorias esbarra na dificuldade de sistematização: não há como apresentar de forma orgânica e estruturada um quadro que é fragmentado e descontínuo. (FRANÇA, 2001, p.57)

Entretanto observa-se que se há este antecedente, a cada novo estudo aprofundando a leitura pelo recorte dos media, novos conceitos e classificações passam a englobar sentidos que só podem ser compreendidos e interpretados adequadamente segundo o olhar característico dos estudos da comunicação.

Do ponto de vista da teoria do conhecimento, conforme Martino, é o contraponto que permite ao sujeito, por meio do seu repertório, produzir o reconhecimento e a apreensão de informações que descrevam características inerentes àquele objeto em questão e ainda sobre o próprio sujeito (2003, p.86). Conhecer e interpretar um objeto implica em fundamentar-se em “um saber teórico que fornece uma representação do mundo, ou de um mundo que aparece por meio desse saber”. Essa compreensão, como é típico na ciência, não é um consenso.

É por meio daquilo que se extrai, nesta relação entre objeto de estudo e o seu sujeito, que também o sujeito constrói seu repertório, suas teorias, constituindo um campo de saber definido. Daí percebe-se uma distinção entre a configuração do objeto

de estudo e do objeto empírico. Relativo ao senso comum, o segundo pode ser descrito sem muita reflexão, por meio de suposições e sem rigor, baseado nas impressões que desperta apenas no primeiro impacto. Da mesma forma, por si só, não consolida a vinculação com nenhum saber específico. No caso do objeto de estudo, há na formalização de suas características, o recorte mais detalhado e direcionado pelo e para o saber a que se refere. Como uma proposta de entendimento, o objeto de estudo sempre será relativo a qualquer fenômeno ou conceito que lhe enquadrem em um ou outro campo.

Nessa investigação, não é diferente, seu objeto está moldado sob as impressões da atualidade mediática, que engloba toda organização social, e, por conseguinte, abarca também a organização dos nichos de pesquisa acadêmica se configuram por meio da ação decisiva dos meios de comunicação. O elo entre os indivíduos que emergem dessa estrutura de sociedade é a atualidade, que só existe através da atuação desses meios comunicativos.

Em relação a questão em estudo na pesquisa ora apresentada, portanto, juntamente com a preocupação em delinear os limites de seu objeto específico, destaca-se também este outro lado, de manter uma relação indissociável e recíproca com os conceitos e teorias que lhe validam enquanto fenômeno apto à apreensão, ao ser reconhecido por pertinente neste campo de saber.

Distinguem-se no objeto de estudo da comunicação as referências e nuances da complexidade de um saber específico e detentor de uma série de qualidades que lhe conferem singularidades. Para além da discussão da multiplicidade de interpretações sobre o conceito dado a algum termo em si, a comunicação possui sob o ponto de vista de categoria de ação, tanto a condição de campo de estudo com teorias e objetos distintos, quanto o de meio difusor da informação na sociedade com técnicas de capacitação profissional reconhecidas. Entendida como elemento da sociedade, torna-se também assunto legítimo de ser discutido pelas demais ciências sociais e ainda das exatas.

A consequência complicadora que parece ser mais evidente reside na maneira com que essa massa de conteúdo científico de vários domínios é reaproveitada na pesquisa específica da comunicação. O desejo de extrair do genérico o que é específico provoca distorções tais como a produção de informação com elaborações conceituais

bastante restritivas para serem interpretadas sob uma mesma tradição teórica, ou por outro lado sem embasamento que lhes dê validade.

A compreensão contextual ou mesmo a averiguação científica, em decorrência, implica em necessários resgates das matrizes conceituais originais em notas explicativas e glossários, isto é, o novo conceito só se torna compreensível se explicado por meio daquele conceito anterior ou de teorias, previamente rotulados como insuficientes.

Por outra parte, existem os temas que já estão apresentados e referenciados na produção intelectual já realizada, divulgada e incorporada, favorecidos pelas emergências tecnológicas, talhadas por metodologias diversificadas, fundadas em reflexões de berços diversos, mas que são aceitas a priori, apenas por serem populares. Como consequência perigosa disso, pela perspectiva do rigor do método científico, também está o estabelecimento de cânones sem a devida reflexão.

Na emergência das ferramentas tecnológicas, a velocidade de lançar ao público a informação científica não é proporcional à empregada no diálogo questionador e crítico, que refuta ou endossa fontes e teorias. É possível a aceitação de noções importadas, algumas vezes de forma irrefletida acerca da fundamentação epistemológica que se constrói externa e internamente no estudo comunicacional. Também aceitar o que for definido pela visão tecnológica que apenas enxerga algum valor na comunicação pelos instrumentos tecnológicos e seus operadores, ora focados na concepção sociológica, antropológica e dos estudos da língua e sentidos.

Por mais que se tangenciem conceitos e terminologias, dada a variedade de campos de estudo que se revelam como partida para cada pesquisador, não se pode dispensar a conquista dessa distinção. A compreensão científica da comunicação não deve esperar que outras áreas, nem nas ciências sociais, nem em qualquer outra ciência preencham possíveis lacunas conceituais, condição natural de um campo que se constrói continuamente.

A interdisciplinaridade, compreendida como uma condição de diálogo propiciada na gênese dos conceitos fundantes, mantém coerência com a visão da comunicação como marco de orientação das investigações inerentes ao seu objeto, não como encruzilhada. Essa compreensão é uma questão de assumir e enriquecer a dimensão dos estudos que gravitam em torno dos medias, evitando o risco de se perder em obstáculos epistemológicos incrustados na mera aceitação de proposições e noções

ditas consensuais, mas que em algumas situações, pela escassez de discussão tomam dimensões dogmáticas. Como consenso, proposições advindas de fontes tidas como definitivas acabam por padronizar ações e reflexões.

O sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa natureza algum hábito que determinará as nossas ações [...] agarramo-nos tenazmente, não meramente à crença, mas a acreditar exatamente naquilo em que acreditamos. (PIERCE, 1877).¹³

Voltar o interesse para o interior do campo comunicacional é o que se problematiza ao extrair do termo digital o que lhe dá a dimensão e importância como noção na leitura da comunicação. Nesta perspectiva, revela-se um exercício importante desnaturalizar conceitos e explicações já postas como suficientes apenas por estes terem sido incorporados no vocabulário acadêmico. Reforça-se também o entendimento de que o conhecimento científico relativo a comunicação possui características que o distinguem dos estudos produzidos por outras áreas das ciências sociais. Sua base é um quadro teórico que se constitui em torno dos meios de comunicação e pelos processos comunicacionais mediados numa relação de reciprocidade e complementação.

2.2 - Constituição dos conceitos

O assunto conceito é o objeto de estudo da Teoria Geral da Terminologia. Por essa teoria, os conceitos relacionam-se entre si dentro de um mesmo domínio e podem ser organizados em uma estrutura, formando um conjunto sistematizado (BARROS, 2004, p.113). Os termos e símbolos são suas formas designativas (expressões). A classificação sistemática que reúne conceitos afins, no sentido de catalogar e organizar metodicamente termos e expressões não se configura objetivo, no contexto da presente pesquisa, entretanto, será mais um subsídio no entendimento sobre o conceito digital pretendido nesta dissertação.

¹³ Pierce, C. A fixação da crença. Tradução de Anabela Gradim Alves, Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>>. Acesso em: 08-07-2010.

Da mesma maneira que todo circuito de propagação do conhecimento, a produção de conceitos na academia também tem sido afetada pela atualidade mediática. Isto é, a complexificação da sociedade e do desenvolvimento das tecnologias da comunicação tem propiciado uma avalanche de termos, neologismos, “tudo novo ou revisitado” numa mistura de fatos de mérito empírico e de construções da ciência moldados de forma a atender os interesses do momento incorrendo numa tautologia (BARCHELARD, 2004, p.23) que confunde o desenvolvimento de conceitos com a proposição de definições e sinônimos. Portanto, entende-se que quanto mais se torna de uso comum na literatura, um termo com forte conteúdo conceitual naturalmente permite constantes reconfigurações.

Da mesma forma, quando um termo comum em determinada área do saber, ao ser agregado ou associado a um conceito fundamental de outra área, ocorre uma reação que neste trabalho é chamada transbordamento, isto é, pela relação de forças dos significados, passa para uma condição de conceito-chave, sob o qual, outros tantos se justificam. Bachelard (1996, p.77), denomina teoria dos conceitos proliferantes, a situação do poder de deformação que conceitos científicos primitivos sofrem ao serem incorporados por meio de sucessivas reinterpretações por algum campo de saber.

Na presente pesquisa, o cuidado na identificação do conceito expresso pelo termo digital não impõe-se como verdade irrefutável, apenas se propõe como possibilidade de apreensão reconfigurada sobre um conceito importado, o que provoca captar outra dimensão semântica ao conceito mais fundamental da área: comunicação.

Também entende-se que ao ser encampado pela comunicação, o vocabulário, as ideias e preceitos resguardam seus indícios históricos e racionais, mas não mais podem ser interpretados sem este novo traço de identidade enquanto abordados nesse novo domínio. Esta noção é aqui compreendida como uma nova constituição, na medida em que ao ser adotado pela nova área o termo e seu significado primário coloca-se contaminado de forma irreversível por novas características e significações.

O intento de representar e distinguir entre concepções e classificações não é exclusividade da atual sociedade complexificada. O filósofo grego Porfírio, por exemplo, no séc. III d.C., já desenvolvia, a partir da filosofia aristotélica, um raciocínio similar aos modernos mapas conceituais, conhecido como *Árvore de Porfírio*. A

estrutura tinha o objetivo de introduzir o estudo das categorias aristotélicas segundo uma hierarquia na qual os termos são classificados por cinco predicados: gênero, espécie, diferença, propriedade, acidentes. Estes predicados, distribuídos em um diagrama e separados ou agregados por aproximações semânticas, permitiam a representação de um universo possível, do qual descortinavam significados pela associação ou exclusão de determinadas relações.

Na ideia da árvore, os sistemas de relações podem ser constantemente reorganizados de acordo com diferentes perspectivas hierárquicas do reposicionamento dos diferentes componentes. Por sistema compreende-se um estruturado de conceitos constituído com base nas relações estabelecidas entre esses conceitos e no qual cada conceito é determinado por sua posição neste conjunto. A configuração de um sistema conceitual depende dos critérios estabelecidos para sua organização (BARROS, 2004, p.128).

Pode-se considerar que o cerne de uma pesquisa teórica é um problema conceitual. Ou seja, a dificuldade apresentada por uma teoria ou campo, para interpretar as questões cuja resolução depende da reflexão sobre a natureza das ideias e dos conceitos. Um problema conceitual caracteriza-se por uma reconstrução dos dados conhecidos, mas que se circundam de diversas interrogações e variáveis relativas à sua representação. Uma vez formulado, o problema conceitual, permite entender melhor os dados conhecidos anteriormente tanto quanto para descobrir outros aspectos e novas relações pertinentes ao processo investigado. Para empreender qualquer pesquisa que envolva um objeto conceitual é necessário esclarecer como o campo teórico relacionado fundamenta seus conceitos como fruto circunstancial de uma verdade possível de ser questionada a respeito dessa condição, provoca Duarte:

Não apenas o conceito de comunicação, mas qualquer conceito enquanto objeto de uma epistemologia precisa ser exposto da maneira mais clara que for possível. Este procedimento deve ser adotado mesmo que “haja um consenso político contextual quanto a normatização do conceito a fim de que a ideia seja sempre reexplorada e o conceito alimente-se de sua fluidez para poder expressar mais do que um contextual bom senso permite num hiato de tempo da humanidade.” (2003, p.45).

Intrincado por referências multidisciplinares o próprio termo conceito, entretanto, é um difícil de ser formulado. “Embora seja normalmente indicado por um

nome não é o nome, já que diferentes nomes podem exprimir o mesmo conceito ou diferentes conceitos podem ser indicados, por equívoco, pelo mesmo nome.” (ABBAGNANO, 1998, p.166). A literatura é bastante extensa, de certa forma confusa, espalhada por hipóteses originadas em campos de saber variados.

Sob o ponto de vista psicológico tem-se a noção de que conceitos são entidades mentais (processos cognitivos), análogas às ideias ou crenças. Pela perspectiva da linguística, por exemplo, os conceitos são significados de termos gerais. Na visão da epistemologia geral encontramos que os conceitos são unidades de conhecimento. O ponto de vista ontológico aponta-nos que os conceitos são abstrações de tipos, atributos ou propriedades, isto é, em geral padrões invariáveis no lado de entidades do mundo.

Visões diferenciadas sobre o que são conceitos podem ser distinguidas em especial relacionadas com as diferentes abordagens nas teorias do conhecimento. Entretanto, de maneira geral, são noções que podem atravessar todas as quatro áreas acima mencionadas. Os estudiosos consideram, no entanto, que esses quatro sentidos relativos ao termo conceito não são contraditórios uns em relação aos outros. Daí, talvez, uma explicação da profusão de sentidos conferidos a determinados termos. Essa condição polissêmica faz parte das ressalvas de Goode e Hatt ao pesquisador principiante sobre a interpretação dos conceitos apresentados pelas comunidades científicas:

Conceitos são construções lógicas criadas a partir de impressões sensoriais, percepções ou mesmo experiências bem complexas [...] o conceito não é o fenômeno, isto é, essa construção lógica não existe sem o quadro de referencia estabelecido [...](GOODE e HATT, 1973, p.56).

Aprofundando a relação entre conceito e o termo pesquisado estabelece que há uma distinção entre o conceito e as relações empíricas simbolizadas pelo conceito e os fenômenos afirmados pelo fato a ele relacionado.

A distinção de fato e conceito é que conceito simboliza as inter-relações empíricas e fenômenos que são afirmados pelo fato. [...] o fato é uma construção lógica de conceitos. Como a ciência exige uma maior precisão de comunicação, o processo de conceitualização deve ser muito mais conscientemente uma parte da ciência do que a maioria dos contextos do senso comum e da vida diária. [...] cada conceito comunica ao especialista um grande número de experiência abstraída e esclarecida para aqueles que compreendem o termo. (Idem, ibidem, p.57).

Cabe entender que a precisão necessária aos conceitos de uma determinada ciência não os devem transformar em dogmas imutáveis e eternizados. Para Bachelard (2004, p.30), a psicologia já estabeleceu exaustivamente a anterioridade do juízo em relação ao conceito.

Um dos pesquisadores que desenvolveu estudos experimentais para observar a dinâmica do processo de formação de conceitos foi o psicólogo bielorusso Lev Vigotsky que distinguiu basicamente dois tipos de conceito: um formado espontaneamente e outro não espontâneo. Aqueles espontâneos se formam naturalmente no cotidiano, em respeito às relações da palavra com os objetos a que se referem. Os elaborados cientificamente dependem de uma orientação ou instrução para ser organizado num sistema conceitual (2001, p.217).

Sobre a formação das famílias de palavras, Vigotsky diagnosticou que novos objetos frequentemente são "designados em função de atributos que não são essenciais, de forma que a palavra não exprime verdadeiramente a natureza da coisa nomeada". Em seu uso inicial a palavra tem a compreensão "simultaneamente demasiado limitado e demasiado vasto" (2001, p.175). As principais conclusões do psicólogo a respeito do tema foram:

- a) a percepção e a linguagem são indispensáveis à formação de conceitos;
- b) percepção das diferenças ocorre mais cedo do que a das semelhanças porque esta exige uma estrutura de generalização e de conceitualização mais avançada;
- c) o desenvolvimento dos processos que resultam na formação de conceitos começa na infância, mas as funções intelectuais que formam a base psicológica do processo de formação de conceitos amadurece e se desenvolve somente na adolescência;
- d) a formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas (atenção deliberada, memória lógica, abstração,

capacidade para comparar e diferenciar) tomam parte; os conceitos novos e mais elevados transformam o significado dos conceitos inferiores (NÉBIAS, 1998)

Todo esse tratamento relacionado a evolução conceitual no indivíduo pode ser adaptado ao que ocorre no desenvolvimento conceitual de ideias a serem compartilhadas em grupo. Assim, a formação básica das pré-noções, a necessidade de traduzir aos outros as próprias experiências conceituais que manifesta-se em criação de palavras, expressões, e mesmo apropriações que só podem ser interpretadas num contexto muito específico para terem sentido adequado.

Por seu turno, a linguística de Ferdinand Saussure (2008, p.19-23) trata o conceito como sinônimo de significado (plano das ideias). Voltado principalmente para a compreensão da dinâmica da língua, traduz a união deste conceito (significado) a uma imagem acústica (significante) como sendo o signo linguístico. Este, por sua vez, tem como características ser mutável ao longo do tempo e ser interpretado de acordo com sua relação com os outros signos que compõem a língua “não mais em sua composição, mas em seus contornos”. Na concepção proposta pelo estudioso suíço, significado e significante tem a capacidade de se alterarem simultaneamente. Para ele é preciso considerar o signo por suas relações com os outros signos. Essa ideia de mútua alteração parece estar estendida também na compreensão psicológica de Vigotsky sobre conceitos elevados e inferiores.

O linguista Roman Jakobson (1971, p.19) considera ser possível discutir problemas totalmente novos sem a necessidade inovar no vocabulário. Ele diagnostica o apreço a termos novos como uma doença terminológica típica de “nova ciência ou de um ramo novo de uma ciência”. De qualquer forma considera esta uma questão menor, pois o principal é tornar claro aos pares o que se quer dizer efetivamente.

A opção que parece caber com mais efetividade neste trabalho considera a reflexão de estudos de metodólogos e epistemólogos sobre a questão do conceito no fazer científico. Esta concepção, no entanto, não é consensual. Deleuze e Guattari (2002, p.47) dizem que o conceito pertence filosofia e só a ela pertence, considerando que ciência não tenha necessidade dele, pois só se ocupa dos estados das coisas e de suas condições.

Por sua vez os sociólogos Goode e Hatt (1972, p.56-61), nos dão pistas que conceitos científicos exigem uma maior precisão de comunicação, precisando ser

constituídos de maneira que todos seus componentes sejam conhecidos. Mesmo que seus termos possam ter significados, e normalmente os tem, em outros quadros de referência, a experiência dividida, isto é, estar envolvido na dinâmica e nas operações que precisam ser descritas por um ou outro termo fazem parte do desenvolvimento de um sistema conceitual.

Conforme Bachelard, na ciência o ideal é que o conceito seja desvinculado de outras noções e ainda do detalhamento de sua gênese (1996, p.51). E ainda que “um conceito torna-se científico na proporção em que se torna técnico, em que está acompanhado de uma técnica de realização” (1988, p.77).

Duarte recorre à noção de macroconceito (2003, p.43), extraída de Morin, como “um plano que emerge do encontro de planos cognitivos” e que “surge da articulação recíproca de vários conceitos que se combinam fazendo emergir um conceito macro”. Complexo, este tipo de conceito é o produto de inter-relações, de “constelações conceituais, fora das quais se volatilizam”. No seu exemplo, o termo entendido como macroconceito é justamente comunicação, constituída pelo núcleo de ideias que se associam: “pertencer a muitos, comungarem, tornar comum, estar em relação e ação”.

Na estrutura básica formal pode-se distinguir no conceito: o termo ou vocábulo que o representa, que é invariável; e os sentidos e significações, que mudam de acordo com a aplicação. Um termo não necessariamente vincula-se a um único conceito, assim uma palavra pode atender muito bem a várias interpretações. Estas interpretações estão vinculadas as noções que cada grupo tem em comum, e também sobre quanto de informação pretendem abranger sob um mesmo termo.

Essa variação polissêmica ocorre tanto com definições simples dentro de um jargão em palavras como fonte, edição, produção quanto em conceitos mais teóricos como o próprio termo comunicação quando aplicado a mídias e mediadores.

Sabendo que os termos podem referir-se a distintos fenômenos, e que os conceitos podem ser continuamente modificados, seja por conta da acumulação de conhecimento, seja pela alteração de foco de uma ciência ou teoria, torna-se necessária a atenção responsável ao quadro de referências que cada campo de saber agrega. Também é importante sempre lembrar o que induz a se achar necessário usar esse ou aquele conceito. Que tipo de experiências e o quanto a interpretação pelo meio científico sobre determinado conceito pode facilitar ou contrariar o que se deseja, em

tese, compartilhar. Esta outra noção, a da maleabilidade de conceitual, indica que nem todo conceito está solidamente fixado no topo do processo da conceitualização (BACHELARD, 2004, p.21).

De maneira geral,

o conceito, elemento central de uma construção (teoria ou ciência), só tem sentido pleno naquela determinada construção. Sua simples análise deve distinguir os predicados do ato que os reúne. [...] Desenvolve-se em diferentes pontos de vista, segundo circunstâncias, segundo finalidade, segundo o valor intelectual do espírito que nisso se empenha. Seja como for tem um sentido claro, ele avança. O juízo sintético que define um conceito deve evitar a tautologia, senão haverá realmente síntese (BACHELARD, 2004, p.23).

Pelos conceitos que se firmam com o aval do campo, é que os estudiosos contribuem efetivamente com a busca pelo conhecimento. Menos pela inovação e mais pela reflexão sistematizada em prol de uma ciência comum a todos.

É uma redução muito simplificadora considerar uma proposta se fechar um conceito como um conjunto de sinônimos ou na forma de significado de palavras. Logo, é pertinente à ação científica buscar entender as construções conceituais, para daí manter coerência com espírito questionador que empreende seu refinamento.

É assim que, em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar. (BACHELARD, 1996, p. 21.)

A despeito de qualquer confusão na compreensão dos conceitos e suas diferenças cruciais com as definições, noções e significações de um termo qualquer, num conceito central distinguem-se os aspectos de definição, da sinonímia e da metonímia (diferente da metáfora que objetiva a compreensão por meios das categorias disponíveis em outro objeto, tendendo a estabelecer uma relação referencial, ou seja, na metonímia aproveita-se da contiguidade dos objetos substituindo um pelo outro) (FAZENDA, 2002, p.117).

É evidente que os conceitos científicos não atingiram todos o mesmo estado de maturidade; muitos permanecem ainda implicados num realismo mais ou menos ingênuo; muitos são ainda definidos na orgulhosa modéstia do positivismo; o que faz com que, examinada nos seus elementos, a filosofia do espírito científico não possa ser uma filosofia homogênea. Se as discussões filosóficas acerca da ciência permanecem confusas, é porque se pretende dar uma resposta de conjunto, ao mesmo tempo em que se está obnubilado por um comportamento particular. (BACHELARD, 1978, p.20)

Procurou-se neste capítulo delimitar, pelo conhecimento científico relativo à comunicação e suas distintas características, compartilhar uma revisão das proposições acerca do melhor entendimento sobre a ação de se propor, endossar, resgatar, acatar, selecionar ou escolher determinado termo ou expressão revestindo-o de sentido científico. A instabilidade que persiste em boa parte do referencial teórico em ebulição devido as implicações provocadas pela assimilação dos meios digitais no cotidiano, aparece refletida por uma tendência a formular conceituações elaboradas ou detalhadas em contextos mais específicos, ou contemplando uma quantidade de propriedades ora restritivas, ora especializadas sobre um determinado tema, provocando uma falsa sensação de interdisciplinaridade.

Após estabelecer as condições e características que um conceito científico necessita, cabe ainda esclarecer a distinção deste com uma definição. Definição, conforme Popper é “um tipo de afirmativa, julgamento ou proposição que consiste na afirmativa da natureza (ou essência inerente) da coisa definida”. Indica o sentido da palavra que designa aquela essência, entretanto jamais contribuem com qualquer conhecimento factual sobre a “natureza”, ou a “natureza das coisas”.

A tarefa de conceitualizar se distingue numa ação contínua, sempre aberta a reelaboração, pois um conceito é sempre designado por uma acepção dinâmica. Na raiz do conceito há uma vida flexível apta a conservar e ao mesmo tempo aperfeiçoar-se. Ao se estudar a condição de aplicação de um conceito, completa Bachelard, ele entra em movimentação quando quer combiná-lo ou simplesmente servi-se dele (2004, p.23).

A imutabilidade de um conceito não faz parte da operação científica, pois é contrária ao sentido de progresso promovido pelas rupturas e continuidades que a retificação e a contínua refutação de ideias sugere ao desenvolver do conhecimento sobre qualquer tema. Duas tendências, em princípio contrárias, se e complementam no

âmbito da conceitualização. Ao se tratar de conhecimento em e compreensão são orientadas pela atração ao particular, por outra parte alcançam um conhecimento em extensão ao admitirem a tendência a universalizar.

A nuance intermediária será realizada se o enriquecimento em extensão tornar-se necessário, tão articulado quanto a riqueza em compreensão. Para incorporar novas provas experimentais, será preciso então deformar os conceitos primitivos, estudar as condições de aplicação desses conceitos e, sobretudo, incorporar as condições de aplicação de um conceito no próprio sentido do conceito (BACHELARD, 1996, p.77).

Como resumo das ideias tratadas neste capítulo, podem-se destacar algumas classificações de conceitos quanto à sua natureza e quanto à sua função como elemento de explicitação de sentidos e esclarecimentos vinculados a uma tradição de pensamento. Acata-se a existência e a relevância dos conceitos científicos, entendidos como aqueles carecem de fundamentação dentro do rigor científico, precisam do aval da comunidade científica referente.

Entende-se que as ideias de qualquer ordem têm origem na observação, na vivência, na interpretação e na reconstrução dialogada de ideias, provocando o desenvolvimento de conceitos que podem ser considerados primitivos, isto é, os conceitos mais elementares, que completam ideias básicas e normalmente são pilares para novas reconstruções conceituais. Bachelard sugere a compreensão do anticonceito, que seria o pólo negativo, inverso do conceito. Como um contraste ou características que podem desqualificar um conceito.

Um conceito dominante, conforme interpretação dada ao raciocínio formulado por Morin seria definido como macroconceito, formado por associações entre ideias que se complementam e influenciam na compreensão de todos conceitos que pertencem ao mesmo domínio, que reagrupe em constelação outros conceitos interdependentes (2003, p.108). Um conceito composto diferencia-se em definição do macroconceito, ele é formado pelo acoplamento de mais de um conceito, isto é, necessariamente se forma de ideias complementares, algumas vezes é representado por mais de um termo, sendo que há uma relação de dominância entre eles.

Exemplificando, pode se destacar a palavra comunicação. A despeito de sua condição polissêmica, pode ser dissecada segundo a orientação de um domínio do

conhecimento, no caso o saber comunicacional. Ao termo comunicação vinculam-se atribuições, características, fenômenos e processos que preenchem toda uma carga simbólica que passa a fazer sentido quando interpretada por estudiosos do campo da comunicação enquanto ciência. Porém a palavra não detém o mesmo foco se contextualizada na argumentação de um psicólogo, de um padre, ou de um matemático. Neste raciocínio, sob a perspectiva do saber comunicacional, considerar tudo comunicação seria atuar com a força do anticonceito. Como um macroconceito, comunicação se refere, para o pesquisador da área, como a própria constituição do objeto de estudo.

Como lembra Bachelard, (2004, p.31) “empregar um conceito é precisamente fazê-lo intervir numa experiência nova”. Sendo fruto de uma cooperação de conceitos que se relacionam sistematicamente a conceitualização científica é uma tarefa essencialmente inacabada e está sujeita a dependência do esforço coletivo de reunir alguns predicados, sentidos complementares e indispensáveis. Quando interpretados no contexto da pesquisa em comunicação, prioritariamente devem partilhar da angulação fornecida pelas teorias pertinentes ao campo. Finalmente considera-se, ao serem interpretados no campo da comunicação, que os conceitos devem ser desenvolvidos incorporando tanto aspectos das teorias fundamentais do campo de saber quanto de sua epistemologia.

Assim como o próprio termo comunicação, o termo digital sob o quadro teórico que se constitui em torno dos media e dos processos comunicacionais midiáticos numa relação de reciprocidade e complementação passa a atender uma concepção em alguma medida distinta daquela original, conforme nos dedicaremos a apresentar no próximo capítulo.

3. Concepções diversas e noções do digital

Dirá-se-a que as máquinas podem comunicar-se entre si, ou igualmente homens com máquinas e até mesmo, porque não, os próprios homens entre si. [...] O ser será constituído pela natureza das comunicações das quais participa (Phillipe Breton, 1980, p.155).

Estabelecidos alguns critérios relevantes para a compreensão do lugar dos conceitos e da constituição de conceitos num determinado campo de saber, outro passo julgado pertinente aos objetivos desta pesquisa diz respeito ao estabelecimento de uma gênese do termo chave “digital”, até a sua apropriação pela área da comunicação. De modo a demonstrar o quanto de originalidade conceitual o termo adquire ao ser incorporado ao repertório da comunicação, bem como de que forma se relaciona, modifica ou amplia o sentido do conceito fundamental comunicação recorre-se a fundamentos que vem sendo organizados continuamente desde o início do século XX e que a partir da década 1940 foram fortemente contagiados pelas implicações advindas das tecnologias de comunicação.

3.1 - Gênese do termo digital

Quando Bachelard propõe que para seu pleno exercício, o conceito científico precisa estar desembaraçado “de todas as morosidades de sua evolução genética” (1996. p.51) supõe-se o rigor de se desvincular das concepções defendidas em áreas de conhecimento distintas. Isto é, por mais próximo que possa parecer em um olhar menos detalhista, um conceito não é uma ideia universal, só pode ser compreendido adequadamente segundo as teorias que lhe dão suporte.

Por isso mesmo, antes de efetivamente empreender a análise sobre o conceito digital e a expressão comunicação digital, nos artigos recolhidos, finalidade do próximo capítulo, faz-se necessário um levantamento sobre os sentidos adquiridos pelo termo digital ao longo de sua adoção nos diversos domínios das ciências e também por seu emprego na Pesquisa em Comunicação, visto que:

Consideradas logicamente, as palavras são símbolos convencionais; em termos psicológicos, são símbolos cujo significado é estabelecido pelo uso, pelo costume, ou por associá-lo. Logicamente, o significado é estabelecido por uma decisão inicial — algo como uma definição ou convenção primária, uma espécie de contrato social originário; psicologicamente, estabelece-se o significado quando aprendemos a usar as palavras pela primeira vez, quando começamos a formar os primeiros hábitos e associações (POPPER, 2008, p.43).

Não se pretende entrar no aprofundamento do mérito linguístico sobre traduções, semelhanças e diferenças do termo nos vários idiomas. Já fruto de uma globalização linguística típica do mundo contemporâneo, o termo digital tem pouca variação gráfica e sua significação geral nos idiomas ocidentais, do inglês ao português, também são pequenas as variações na fonética.

Da origem latina *digitus*, em português, se formaram diretamente dois vocábulos: dedo e dígito. (dito/digito em italiano, dedo/digito espanhol, *finger/digit*¹⁴ em inglês). Ambas as interpretações relacionam-se ao uso dos dedos como instrumentos de cálculo na base do sistema decimal. A palavra *digitus* também denominava a menor unidade de medida do sistema romano, um dígito (dedo ou plugada) equivalente a 0,0184 m. Já o termo digital tem sua origem etimológica no vocábulo *digitalis*, com o significado de algo que seja relativo ao uso do dedo.

Assim como dígito, o termo digital foi incorporado a várias áreas de conhecimento. O primeiro está normalmente associado a cifras, contagem e numerais. O segundo varia tanto da relação ao formato anatômico do dedo quanto da noção de singularidade advinda da impressão digital (dactilograma), o desenho formado pelas linhas presentes na pele, formando texturas em relevo nas pontas dos dedos mãos. Adotados pelas áreas das engenharias, matemática e informática, destaca-se a noção no sentido relativo aos dígitos binários, unidade mais básica de informação referindo-se ao sistema de numeração binária usada em sistemas de comunicações.

Binário refere-se a qualquer sistema que utiliza dois estados alternativos, componentes, condições ou conclusões binárias, ou “base dois”, de numeração. O sistema utiliza combinações de apenas dois números únicos, ou seja, zero e um, para

14 Finger que é dedo em inglês e em alemão derivam de outra origem etimológica. Em francês dedo se escreve doigt. Dígito nas três línguas (inglês, alemão e francês) são respectivamente digit/cifre ou chiffre e ziffer, respectivamente.

representar todos os valores, em contraste com o sistema decimal (base 10), que usa combinações dos dez números, do zero até o nove, para estabelecer suas notações. Computadores digitais representam números de um processo de cálculo usando dígitos e eles implementam um método baseado em algoritmo para resolver problemas.

Foi o engenheiro Claude Shannon, o desenvolvedor da teoria matemática da informação, que em 1948, usou o termo de medida “*Bit*”, como medida de quantidade de informação contida na escolha elementar entre duas possibilidades igualmente prováveis. (BRETON, 1987, p.53). A palavra *bit*, contração do termo *Binary DigIT* (dígito binário), havia sido criada pouco antes pelo estatístico John W. Tukey¹⁵ (1915-2000) como alternativa mais acessível para outras contrações possíveis, tais como *bigit* ou *binit*. Tukey também cunhou a palavra *software* para descrever pacotes de rotinas de processamento formatados como programas que executam tarefas nos sistemas operacionais de computadores.

Com o advento do computador, o termo digital passa a ser utilizado para designar o que é representado exclusivamente por números (segundo um código em um sistema informático digital). Calcado no modelo básico da Teoria Matemática, o modelo de transmissão digital que corresponde à comunicação digital consiste na conversão dos sinais analógicos, seja de quais origens forem (áudio, vídeo, imagem, texto, *scanner* 3d) dividindo-os em pequenos pedaços ou pacotes representados por um padrão binário. Cada pedaço deste sinal originalmente analógico passa a ser identificado em um padrão digital e passará então a representar apenas aquele novo número binário, um pulso elétrico formado por bits. Esse é o processo de modulação ou conversão que se propõe nas teorias da computação. (RUSCHEL, 1996; BRETON, 1980).

Anteriormente específica ao mundo da eletrônica, fazendo contraponto ao sistema analógico de transmissão de dados, as derivações do termo digital passaram, com a popularização da informática, a ser atribuídas a ações e até mesmo ao pensamento e comportamento humanos. Nicholas Negroponte, fundador de um dos primeiros laboratórios para explorar as formas de tecnologia, design e comunicação

15 A informação inicial colhida no livro de BRIGGS e BURKE (2004, p.272), mesmo no original em inglês (ibidem, 2010, p.274), era John STUKEY, porém pesquisando o obituário publicado no jornal New York Times (2000), e outros documentos relacionados disponíveis na web, constatou-se que o nome correto do criador do termo BIT era John W. Tukey, um estático e pesquisador.

convergentes, o Media Lab¹⁶, definia em seu livro, *A vida digital*, de 1995 que “ser digital significa a possibilidade de emitir um sinal contendo informação adicional para correção de erros como a estática do telefone, o chiado do rádio ou o chuvisco de televisão” (1995, p.22). Consequentemente surgem neologismos como o verbo “digitalizar” que diz respeito à ação de converter quaisquer informações em sequências de bits, que por sua vez podem ser comprimidos e transportados em dispositivos de armazenamento. (NEGROPONTE, 1995, p.21)

A informação digital, tratada e matematizada, na perspectiva da técnica é, em geral, vista como o contraponto à informação analógica, O analógico se caracteriza por ter como suporte um sinal contínuo, em amplitude e tempo (RUSCHEL, 1996, p.19) refere-se ao sistema fundamental de gravação e transmissão das informações (LEVY 2000, p. 62) dependente de variáveis físicas como rotação, tensão, distancia, deslocamento, velocidade, aceleração, volume de um líquido, potencial elétrico, etc.

A comunicação desde os estudos comportamentais era interpretada como um comportamento da informação, associada tanto a ação humana quanto a das máquinas (BRETON, 1987, p.155). A expressão comunicação digital, por sua vez, conforme sua utilização nas áreas de engenharia, matemática e informática expressa o sentido de transmissão de informação em forma digital através de símbolos (RUSCHEL, 1996, p.12), a partir de uma fonte geradora da informação até um ou mais destinatários.

O ser humano na contemporaneidade serve-se de recursos digitais ou analógicos para estabelecer relações e tratar e usar dados contidos nas mais diversas formas de dispositivos externos. Entretanto, para tratar a informação no nível da sua subjetividade estabelece uma dinâmica por meio de processos cognitivos baseados em mecanismos complexos. Sendo assim, a distinção entre digital e analógico refere-se ao modo como os dados são processados nas máquinas. De uma forma ou de outra, ao contato humano, o processamento da informação se conduz sob variáveis distintas e inerentes sua subjetividade (MORIN, 2005, p.82-83; LEVY, 2004, p.167).

16 Laboratório de pesquisa fundado em 1983 por Nicholas Negroponte e Jerome Weisner no *Massachusetts Institute of Technology*.

3.2 - Teorias e modelos comunicativos relacionados à noção de digital

Informática é como ficou conhecido um campo de estudo que relaciona a informação e automatização, ou seja, define-se como a ciência que lida com os modos automáticos de tratar a informação. Do ponto de vista histórico, a informática foi sendo agregada a vida social em etapas de desenvolvimento:

A primeira, de 1940 a 1960, onde estava diretamente ligada à cibernética; a segunda, compreendida entre 1960 e 1970, por conta dos grandes sistemas centralizados e vinculados a projetos militares (BRETON, 1987, p.148). Embora Breton conclua com uma terceira etapa, de 1970 até meados da década de 1980, caracterizada pela microinformática e pela ascensão das redes de telecomunicação, acrescenta-se, em concordância com Lemos uma quarta etapa que se configura a partir do desenvolvimento do PC, *personal computer* e se mantém vigente ainda hoje, ao fim da primeira década do século XXI.

Na primeira etapa, as máquinas cibernéticas foram produzidas imitando parte das operações matemáticas do cérebro humano. A comunicação passa a ser compreendida como um "comportamento" da informação em relação a um "meio ambiente". Na segunda etapa, os computadores e assemelhados, além de executarem funções de cálculo lógico, funcionavam como ferramenta estratégica militar e de pesquisa acadêmica. Muito pela baixa funcionalidade operacional e pela expertise singular de que careciam, os sistemas informatizados eram centrados em espaços privados ligados ao Estado ou a universidades. A terceira etapa da informática aproxima os computadores de forma definitiva da rotina da sociedade. Essa etapa estabeleceu-se principalmente por conta da miniaturização dos componentes eletrônicos e do barateamento dos custos de produção de máquinas mais potentes, eficazes, menores, e mais fáceis de operar. De fato, os equipamentos informáticos passam a ser popularizados, num ciclo de consumo forjado por uma demanda social crescente e cada vez mais interessada em objetos com funcionalidades cada vez mais acessíveis e sedutores.

A quarta etapa acrescentada caracteriza-se pela alteração do protagonismo em relação ao uso e à apropriação da informatização desde o surgimento das redes de comunicação digital. Esta fase projeta-se de forma independente da miniaturização dos

equipamentos, visto que a ênfase aí já não se vincula apenas à operacionalidade e a mobilidade do equipamento de hardware, nem nos softwares aplicativos instalados em máquinas. Esta fase diferencia-se da anterior, ligada ao uso pessoal do computador, porém totalmente dependente do equipamento, por ter o foco voltado para o utilizador, cada vez mais conectado com a rede digital, pelo ciberespaço¹⁷, e cada vez menos condicionado a suportes materiais individualizados e de baixa mobilidade para estabelecer suas relações comunicativas (LEMOS, 2002, p.109).

Três grandes territórios delimitarão, a partir dos anos 1950, a área das técnicas de comunicação social: as mídias, as telecomunicações e a informática. (BRETON, 2002, p. 89). Com a incorporação das tecnologias, primeiro com a revolução da microeletrônica, depois com a introdução da microinformática nos produtos midiáticos ocorre, do ponto de vista técnico, uma integração entre informática e as telecomunicações em busca da qualidade, da eficiência e do melhor custo benefício. Aos poucos os produtores de comunicação de massa adaptam e aderem a essas tecnologias. Do ponto de vista teórico, o campo da comunicação e o da informática tangenciam-se¹⁸ principalmente na incorporação pelo segundo, de duas teorias: a matemática e a cibernética.

Teoria Matemática

Foi Warren Weaver, descrevendo um trabalho realizado por Claude Shannon, quem apresentou o modelo comunicativo proposto pela Teoria Matemática da Informação, ou Teoria da Informação - como também é conhecida. Esta é, na verdade, uma sistematização do processo comunicativo a partir de uma perspectiva puramente técnica, quantitativa, elaborada pelos engenheiros matemáticos. Constitui, portanto, um estudo de engenharia da comunicação, com o objetivo claro da eficiência de transmissão de dados.

17 O ciberespaço, ou espaço cibernético, é um espaço virtual criado por sistemas de computador. Abrange desde os mundos da realidade virtual até as simples mensagens de correio eletrônico.

18 Entre convergência e tangência, creio que a segunda percepção se adegue mais ao entendimento da relação entre os dois campos teóricos visto que para informática sobressaia a questão tecnológica relativa a eficiência ou ao controle de transmissão de dados, ou códigos, e o domínio comunicacional se detém na implicação da informática como instrumento para a interrelação da sociedade. Os novos media digitais aparecem com a revolução da microeletrônica nas fusões da informática e das telecomunicações.

A tese defendida sugere que o problema fundamental da comunicação é aquele de reproduzir em um ponto dado, de forma exata ou aproximada, uma mensagem selecionada em outro ponto. Para isso trabalha segundo um modelo que consiste na interrelação entre uma fonte emissora que deposita a informação num meio transmissor que a leva para um canal, este sujeito a ruídos, através do qual a mensagem chega a um dispositivo receptor que a repassa a um destinatário. Sendo a comunicação entendida como o resultado esperado no arranjo. O papel desempenhado pelo receptor e emissor pode ser invertido continuamente estabelecendo um ciclo de troca.

Figura 2. Quadro - Modelo comunicativo básico, segundo a Teoria da informação¹⁹

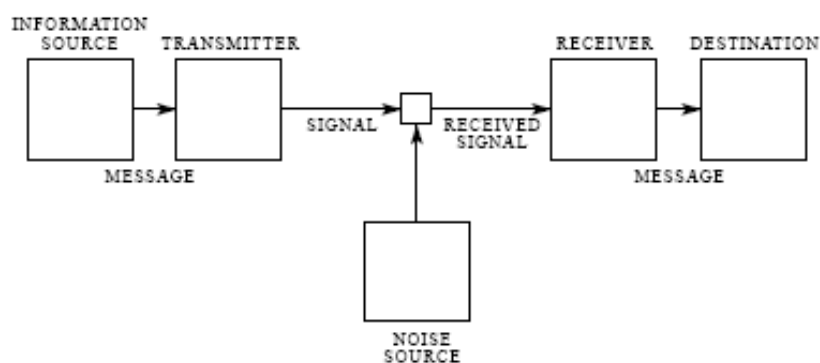


Fig. 1 — Schematic diagram of a general communication system.

A teoria apresentada por Shannon e Weaver, pela primeira vez tratou a comunicação como um problema matemático rigorosamente indicado por uma técnica desenvolvida por engenheiros de comunicações para determinar a capacidade dos canais de comunicação em termos de bits. A comunicação era tratada como um comportamento da informação (BRETON, 1980, p.155).

¹⁹ Quadro recortado do texto **A Mathematical Theory of Communication** by C. E. SHANNON Reprinted with corrections from The Bell System Technical Journal, Vol. 27, pp. 379–423, 623–656, July, October, 1948.

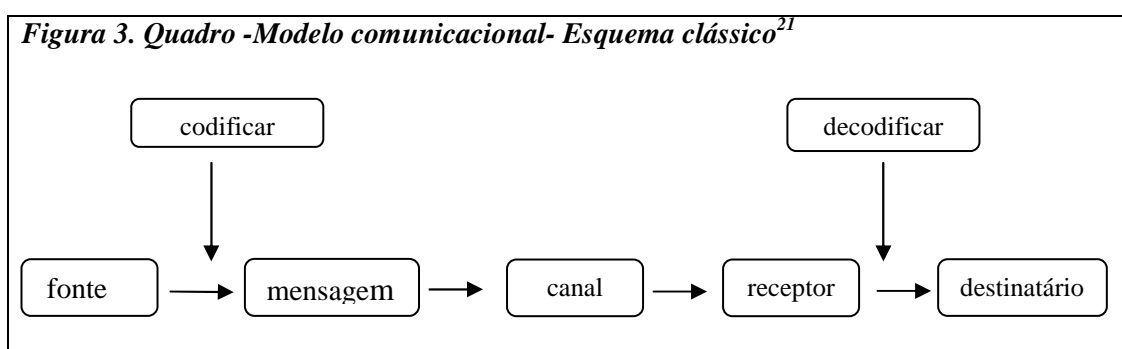
O fato de a mensagem chegar ao seu destinatário não implica em compreensão e inferências humanas. A eficiência do sistema é relativa a transmissão de uma mensagem qualquer, em condições de ser convertida em impulsos e codificada num sinal passível de ser enviado por um canal adequado, neste caso na forma de impulsos elétricos, ao receptor. Da mesma forma que, para estar habilitada a ser transmitida por esse processo, é necessário ajustar a mensagem no formato do código binário. Ao chegar ao pólo receptor a mensagem necessita novamente ser restabelecida num código analógico similar ao original. Ou seja, a comunicação nesta teoria é compreendida como um sistema linear na qual os elementos se organizam num encadeamento fixo, dispostos como elementos de uma equação.

Os conceitos matemáticos e os elementos do processo são encaixados em teoremas que utilizam matrizes e logaritmos num estudo puramente matemático e quantitativo. Seu objetivo é medir por meio de cálculos com máximo de precisão, a quantidade de informação passível de se transmitir por um canal evitando possíveis distorções que comprometam a qualidade e a eficiência do processo. Qualquer inferência a comunicação humana, foi inclusive desmentida pelos autores da teoria (SFEZ, 1994, p.81).

Apesar de ser adaptada em outros contextos, como o processo de interrelação comunicativa de humanos, ela diz respeito basicamente a transmissão de mensagens através de canais mecânicos. Por essa teoria noções como a incerteza, a probabilidade a estropia (a imprevisibilidade ou tendência dos elementos fugirem da ordem), o ruído (interferência que atua sobre o canal e atrapalha a transmissão), e a redundância (repetição utilizada para garantir o perfeito entendimento), assim como os elementos básicos são traduzidos em fatores de cálculo.

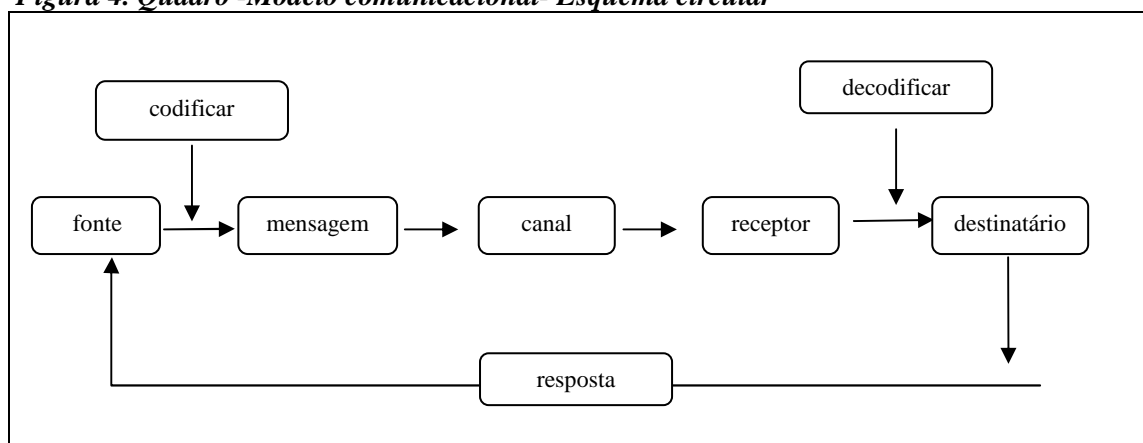
O modelo que exemplifica este sistema é considerado o circuito clássico da comunicação. As características elementares do processo de comunicação, contidas nesse modelo também estão presentes em vários outros considerados fundamentais nos estudos da comunicação como a ideia apresentada por Lasswell, também em 1948, e que trata do efeito que as mensagens propiciadas pelas mídias de massa têm na sociedade. Esta adaptação do modelo comunicativo faz uma mesclagem entre o proposto pela retórica aristotélica e o molde sistêmico sendo problematizada segundo o

postulado que ficou conhecido como Cinco Ws²⁰. O modelo de Lasswell, por sua vez, recupera e incorpora novos elementos ao modelo aristotélico. No modelo retórico de Aristóteles três pólos elementares podem ser destacados: o emissor, a mensagem e o receptor. Lasswell por sua vez, incorporou elementos que foram denominados zonas de processo comunicação, permitindo a análise da interação dinâmica entre todos os elementos do processo.



Descrito dessa forma, o esquema clássico ultrapassa a inflexibilidade do sistema fixo, matematicamente calculado, atingindo os estudos de comunicação de massa. (BELTRÃO,1986, p.173).

Figura 4. Quadro -Modelo comunicacional- Esquema circular



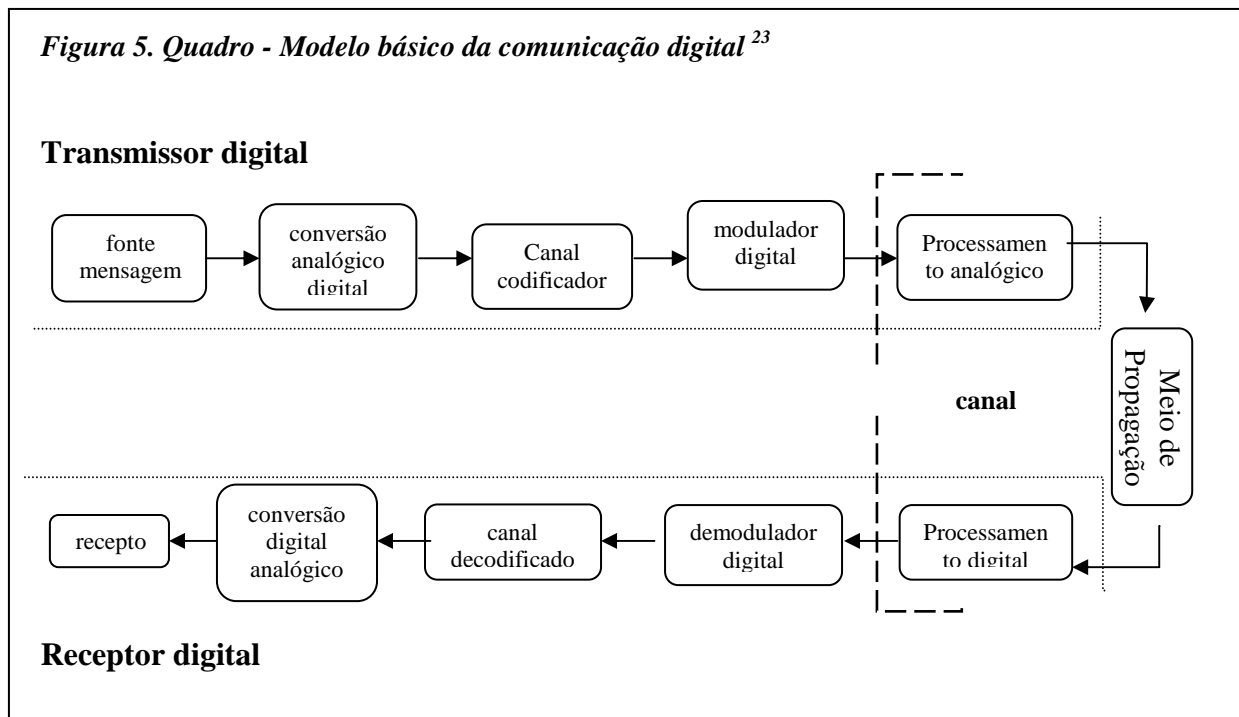
²⁰ Who (quem); What (o quê); Where (meio); Whom (receptor); Why (porquê).

²¹ Quadros 3, 4, 6 baseados em anotações manuscritas sem referência de autoria.

Cibernética

Ainda em 1948, a partir de um estudo desenvolvido por Norbert Wiener, se desenvolveu uma teoria de controle baseada na comunicação entre os sistemas e o meio-ambiente dentro do próprio sistema. Esses estudos denominados cibernética foram os principais precursores da mudança de estatuto das máquinas ao teorizar que estas atuam de modo semelhante aos organismos biológicos efetuando troca de mensagens com o ambiente.

Dentro de um sistema relacionam-se a quantidade de informação que é uma medida grau de organização da informação, e a entropia, a medida do seu grau de desorganização, sendo que uma situação é simplesmente o negativo de outra (WIERNER, 1965) ²². Além dessa noção, Wiener integrou a tecnologia do radar e as calculadoras, chegando assim a uma solução inédita até então, introduzindo o conceito de retroação (*feedback*).



Desta forma, os sistemas funcionariam em cadeias, partindo da transmissão da

²² Baseado em tradução da autora.

²³ Gráfico baseado no apresentado em BIDGOLI, H. (ed) The Internet Encyclopedia. Volume 1. New York: Wiley, 2003. p.458.

informação, retorno da informação e comparação entre os feitos pretendidos e os que foram efetivamente produzidos. Ao comparar sistemas de interação maquinais e humanos a cibernética aproximou de forma mais efetiva alguns aspectos relativos aos processos comunicacionais. Breton argumenta que "graças às novas concepções de Wiener (ou por causa delas), as técnicas da comunicação tiveram doravante a tentação de absorver o social em seu conjunto" (2002, p. 89).

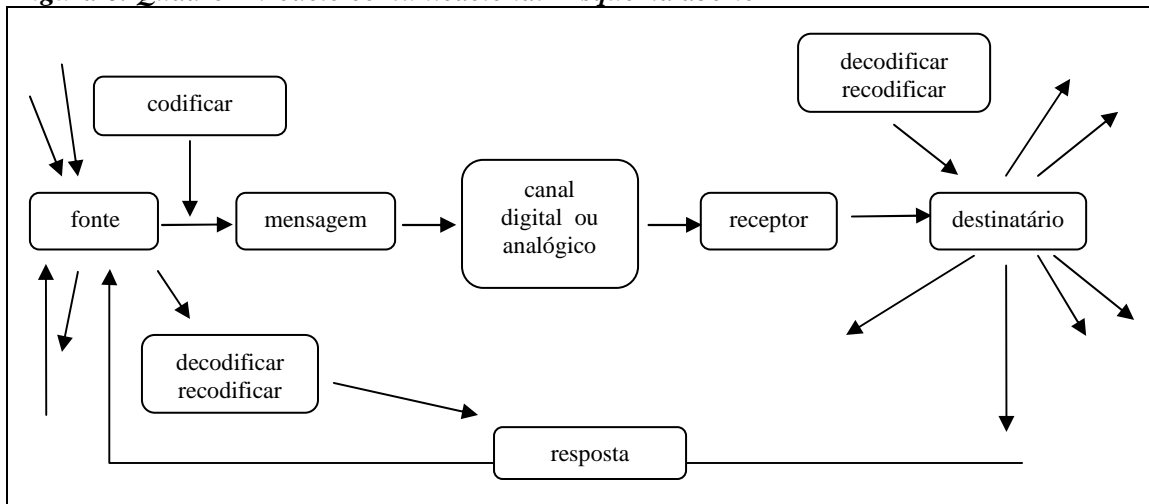
Em um modelo digital básico, definido do ponto de vista da tecnologia, concebe-se um sistema típico em três partes principais: o transmissor, o canal e o receptor. O transmissor processa um fluxo de bits de dados para transmissão através de um meio físico. O canal é o meio físico, o que aumenta a confusão e distorce a sinal transmitido. É responsável pelo meio de propagação, bem como quaisquer efeitos analógicos no transmissor e receptor. O receptor tenta extrair o fluxo de bits transmitidos a partir do sinal recebido. No bloco codificador de canal, o processo acrescenta redundância para a seqüência criptografada forma controlada para prover resistência ao canal distorções e melhorar o rendimento geral. Ou seja, há um tratamento adicional na qualidade da mensagem, que é impossível de ser realizado numa transmissão analógica. Dois tipos de códigos de canal são predominantes: um que se presta a transmitir códigos de correção de erros antecipados a serem corrigidos no receptor e outro, códigos de detecção de erros que permite ao receptor determinar se ocorreu um erro durante a transmissão. O último bloco é o decodificador de fonte, que essencialmente traz os dados de volta à forma em que foram enviados. Embora os meios de comunicação sejam diversificados e com características de transmissão que podem ser significativamente diferentes, o modelo fundamental para cada um desses sistemas de comunicação digital é o mesmo. (BIDGOLI, 2003, p.458-459)

Existem similaridades e distinções nos modelos aqui ilustrados. A principal similaridade pode estar no consenso sobre a representação de elementos básicos a qualquer comunicação relativos aos polos emissores e polos receptores e a mensagem em transmissão. Sob cada perspectiva teórica relacionada apresentada acima, em relação aos estudos da comunicação, uma nova implicação é dada ao sistema de troca comunicativa.

A comparação entre as representações gráficas do modelo clássico, da teoria da informação, da cibernética e o modelo representativo do fluxo da comunicação digital,

demonstra que no modelo digital há a possibilidade de controle ou exclusão da fonte de ruído propiciada pela comunicação eficiente e confiável das redes digitais. A representação dos processos no modelo digital é feita pelo registro de qualidades dinâmicas em momentos discretos no espaço-tempo, ou seja, o sistema emprega um número limitado de partes discretas (bits) de informação.

Figura 6. Quadro - Modelo comunicacional- Esquema aberto



Do ponto de vista humano, por meio da análise apenas dos gráficos esquemáticos recai-se na mesma dificuldade em relação a todos modelos teóricos, em especial ao formatado pela teoria matemática, que similar ao esquema digital apresentado que não prevê a ação do homem no processo de troca informativa. Mas, mesmo uma tentativa limitada pela esquematização bidimensional de um modelo mais aberto e interativo, não consegue abranger suficientemente a extensão da ação humana.

No livro *Galáxia de Gutemberg*, o pesquisador canadense McLuhan (1977, p.169), observava ainda na fase denominada por ele como era elétrica, que e as extensões massivas dos sentidos humanos, ferramentas tecnológicas, no transcurso do tempo histórico tem sido constituídas como sistemas fechados, incapazes de interação ou consciência coletiva. Ao afirmar que “o equilíbrio na interação destas extensões de nossas funções humanas é hoje tão necessário coletivamente como sempre o foi para nossa racionalidade privada e pessoal o equilíbrio entre nossos sentidos corporais”, de alguma maneira o pesquisador já alertava para a interferência do caráter instantâneo da coexistência entre os instrumentos técnicos e os sentidos corporais. Essa interação

notada e problematizada por McLuhan, mais do que nunca na atualidade mediática exige atenção quanto a uma coexistência racional.

Os meios elétricos conhecidos até a década de 1970, rádio, televisão, cinema quando a visão, o som e o movimento já possuíam características de uma possível, nem sempre de fato, simultaneidade e globalidade. Com a digitalização de conteúdos, a miniaturização e usabilidade de equipamentos multifunções, os modelos de sistemas fechados e fechados que constituíram sistemas fechados e fechados tornam-se inviáveis para representar e dimensionar as intrincadas relações que se estabelecem.

Embora a digitalização de todas as formas de conteúdo tornem possíveis a difusão e o desenvolvimento de inovações criativas por parte dos agentes receptores e emissores de mensagens, ela não acaba com os antigos problemas de conteúdo. "O poder que a tecnologia computacional tem de permitir a apresentação, sob a forma digital, de todos os tipos de informação, de processar, transmitir, comprimir e arquivar dados levou a um desvio da atenção pública: da informação comunicada" (BRIGGS, 2004, p. 272) ficando em segundo plano em relação a habilidade representar tudo digitalmente em zeros e uns pela informatização.

Nicholas Negroponte (1995, p.23-25) entende como características de destaque do digital, a compressão de dados; a correção de erros; a multimídia; a metainformação (informação sobre o arquivo sem interferir no conteúdo do arquivo) e a descentralização.

Advindo da teoria matemática da informação o termo digital originalmente não faz inferências semânticas ou sociais, tendo sido adaptado para atender os interesses e necessidades de significação das outras áreas, como ocorreu com a Pesquisa em Comunicação. Aparentemente a expressão "comunicação digital" sofre da mesma polissemia que o conceito comunicação e o conceito digital sofrem. Autores como Manovich²⁴ (2007) argumentam que preferem evitar o termo digital, sobretudo pela sua ambiguidade e imprecisão: tanto significa conversão de analógico para digital quanto uso de um código comum de representação ou ainda representação numérica. De maneira geral junto ao termo digital, que já tem a carga semântica associada indistintamente a qualquer novidade tecnológica se inclui um complemento. Ocorre em

24 Baseado em tradução da autora.

grande parte das vezes que o composto seja adjetivado de forma a esclarecer ou delimitar seu sentido.

Na literatura da área da comunicação, por exemplo, encontramos a expressão “Comunicação digital integrada” proposta por Elizabeth Saad, que a define como “construída a partir de uma avaliação de cada ação comunicacional prevista para as três grandes vertentes da Comunicação Integrada – Institucional, Interna e Mercadológica – e de seu cotejamento face ao público a que se dirige e ao nível de eficácia ampliado caso a ação seja executada por meio do uso das TICs.” (SAAD CORREA, 2005).

Outro autor que se utiliza da expressão para compor uma definição é Carlos Scolari, o qual propõe a expressão “Comunicação digital interativa”, em relação à possibilidade de interação entre fontes emissoras e receptoras da informação²⁵ (SCOLARI, 2008).

Temos também as expressões “infra-estrutura material da comunicação digital”, cunhada por Pierre Levy, que reconhece a comunicação digital como conceito dado e designa a partir dele o ciberespaço: “O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (2000. p.17). Em outro momento, o autor associa a expressão “comunicação digital interativa” ao uso de “toda uma gama de infra-estruturas heterogêneas” e especifica que para esta “as redes funcionais são independentes das redes físicas” permitindo passar por um número indeterminado de suportes (idem. p.192-193).

Ainda exemplificando a variedade de construções terminológicas relativas a um mesmo conceito, recolhemos alguns termos e expressões presentes em alguns livros constantes das referências bibliográficas de artigos visitados e que atendem à compreensão de “comunicação digital” de forma implícita:

Infotelecomunicações - une os prefixos dos três setores convergentes (informática, telecomunicação e comunicação) em uma só palavra. O modelo da infotelecomunicação comporta as reciprocidades e interdependências entre os suportes bem como as ações coordenadas para a concorrência sem fronteiras. O paradigma infotelecomunicacional constitui vetor decisivo para a expansão dos impérios

mediáticos, tendo por escopo a comercialização, sem limites geográficos, de uma diversidade de produtos e serviços com tecnologias avançada. (MORAES, 2001).

Comunicação em rede – relativa aos fluxos comunicativos em tempo real, elimina a distância física e é organizada de forma descentralizada, tornando-se um sistema ágil, superando os tradicionais sistemas organizados de forma centralizada (CASTELLS, 2003).

Comunicação mediada por computador – Processo de envio de mensagens, em texto ou integrando imagem e som, através da utilização direta por parte dos utilizadores de computadores e redes de comunicação. (CARDOSO, 1998).

Novas Tecnologias da Comunicação - termo surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte o computador, de diversas formatações de mensagens. Esta revolução digital implica, progressivamente, na passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos todos) (LEMOS, 2002).

Nova mídia - Uma tecnologia — a computadorização — agora é o módulo para todas as formas de produção de informação: som, vídeo e impressos. Como resultado, os computadores estão obrigando a uma reestruturação maciça dos serviços de mídias antigos. (DIZARD Jr., 2000).

Recentemente, em 2010, a Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, num esforço para reunir o que Marques de Melo (2010, p.9) chama de fortuna cognitiva acumulado de conceitos e definições importantes para a identidade da área, em especial a produção científica brasileira no cenário mundial, lançou o primeiro volume de uma Enciclopédia, compreendendo o Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional - Conceitos, onde a expressão consta como verbete:

Comunicação Digital - Comunicação realizada a partir de diferentes plataformas tecnológicas, como a televisão e o rádio digital, os celulares, os

computadores mediados pela internet e os videogames em rede. Esse sistema pode incluir iPhones e Palms. É, também, o conceito da comunicação que acontece no ambiente digital, possível a partir da informatização das telecomunicações e da radiodifusão, processo que se desenvolveu, a partir da década de 1990, no Brasil e na América Latina. O fenômeno que disparou as reflexões sobre essa área de estudos foi a sua disseminação na internet e no ambiente web mediado por computadores.

Desde o ponto de vista da engenharia e da informática, os estudos de comunicação digital abarcam questões de composição, tráfego, processamento, arquitetura dos computadores aplicativos de conteúdos e serviço. No campo da comunicação, o tema digital ultrapassou campo específico da cibermidiologia ou cibercultura e dos estudos sobre atividades dirigidas aos computadores mediados por internet e sua relação com a vida social. Eles incluem os projetos de conteúdos utilizando áudio, vídeo, textos e dados para uma ou mais plataformas tecnológicas (convergência digital), o uso de recursos interativos, móveis, portáteis, interoperáveis e de multiprogramação.

A comunicação digital também procura compreender as transformações tecnológicas e culturais que estamos passando, assim como a mudança de paradigmas, que exige sair de uma cultura audiovisual analógica para uma cultura digital. São estudadas as mudanças de comportamento nos diferentes grupos sociais, os novos afetos e sociabilidades, bem como os impactos socioeconômicos provocados pelas tecnologias digitais que saíram do campo das telecomunicações e se expandiram para o campo da comunicação, como é o caso dos celulares.

Vizer (2007) recorda que as tecnologias da comunicação e da informação (TICs) e a comunicação digital são consideradas uma segunda comunicação. O pesquisador argentino lembra que ela funciona em uma lógica contrária à primeira comunicação, pois “elimina” o espaço real e anula a limitação de tempo e distância. O tempo já não é o tempo congelado da primeira comunicação; é um tempo sempre no presente, com lógicas próprias de funcionamento e reorganização do mundo. Outro ponto importante que diferencia a primeira da segunda comunicação é que, no primeiro caso, o campo da produção de

conteúdos estava restrito às empresas de comunicação. Na segunda comunicação, a digital, todas as pessoas são, potencialmente, produtores de conteúdos audiovisuais, de dados e textos.

A comunicação digital é um tema transdisciplinar, vista como o faz Martín-Barbero (2002) como a construção de articulações, de diferentes pontos de vista sobre o mundo em uma rede discursiva que se aproxima, dialoga e se transforma. Ela envolve, além das questões econômicas, culturais e sociais, o mundo do trabalho, gerando, assim, novos ofícios e profissões, novos modelos de negócio para as empresas, novas necessidades no campo da pesquisa acadêmica e dos cursos de Comunicação.²⁶

Todas essas definições listadas apresentam um caráter interdisciplinar. A interdisciplinaridade é o que favorece novas formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas. “Pensar uma interdisciplinaridade que seja o fruto de uma exigência do próprio objeto, o que pressupõe a explicitação e a definição deste objeto” (MARTINO, 2001, p.29) Esse diálogo entre distintos domínios do conhecimento mantém coerência com a visão da comunicação como marco de orientação das investigações inerentes ao seu objeto. Esquiva-se, portanto, da opinião sobre a comunicação como encruzilhada, ponto de encontro tangencial, em favor de compreendê-la enquanto resguardo teórico, com vários níveis de interpretação de uma problemática complexa, de onde seus estudiosos recorrem de uma gama bastante variada de saberes, sem, no entanto perder de vista a integralidade de um objeto próprio.

Se o corpus intelectual acadêmico ainda carece de estudos conceituais, há na comunidade científica evidências empíricas já sugerem que a proliferação dos meios de comunicação digital constitui um fenômeno que singulariza e enfatiza especificidades das quais sobressaem características distintas daquelas analisadas em interpretações dos termos comunicação, digital, e da expressão comunicação digital, exercitadas por outras áreas do conhecimento.

26 Retirado na íntegra da Enciclopédia Intercom de Comunicação p. 256-257. Verbete desenvolvido por Cosette Castro. Referências: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette (2008). Comunicação Digital - educação, tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2008.

Por um lado pode-se justificar essa falta de coesão vinculada ao objeto de estudo do campo comunicacional, na variedade de campos de estudo que se revelam para cada pesquisador como ponto de partida em seus estudos. Também pela finalidade proposta a cada estudo ou pesquisa. Por outro lado, a despeito da revisão das bases teóricas sobre as quais produzem-se as pesquisas em comunicação, o objeto de estudo da comunicação já poderia ser a interpretação desses processos, tendo como base um quadro teórico dos meios de comunicação. A questão, segundo os aspectos discutidos neste trabalho, está em assumir e enriquecer a dimensão dos estudos que gravitam em torno dos meios e dos fenômenos comunicativos e por este foco desenvolver os estudos que lhe são pertinentes.

A partir do apanhado desenvolvido nesta gênese é possível destacar algumas características que se repetem nos objetos técnicos digitais, entendidos como dispositivos e artefatos virtuais em forma de *softwares* ou mesmo físicos compostos de *hardware* e se replicam de alguma maneira nas práticas sociais desenvolvidas por meio destes. Tanto nos aspectos tecnológicos relacionado à formalização e efetivação da comunicação como um sistema, quanto no aspecto da própria condição da comunicação como forma de relação humana, da fala, do discurso. E ainda, no aspecto da comunicação como produto intermediado por complexas estratégias de propagação e equipamentos especializados.

Levando-se em conta as problematizações nas quais se empenham diversas correntes teóricas sobre a comunicação pondera-se que a ação humana sob a comunicação digital por mais intensa e hipermediada que seja, dá-se nos seus aspectos mais gerais de forma similar a sugerida nos modelos teóricos resumidamente apresentados considerando os elementos protagonistas, —fontes emissoras, canal, mensagem,— em conjunto. Entretanto nenhum destes modelos, nem mesmo o que descreve esquematicamente a troca de informação digital, consegue responder com exatidão, ou abarcar as conseqüências do processo comunicacional humano. Na verdade, possivelmente nenhum modelo sintético desenvolvido até hoje consiga dar conta das múltiplas implicações da ação humana sobre a profusão de informação e meios de difusão que a digitalização de dados possibilita.

O esquema sistêmico clássico, linear, sintetiza com certa fidelidade o processo mecânico, matemático ou até o eletro-eletrônico da comunicação de dados, mas torna-se

limitado quando confrontado com as questões presentes no pressuposto de Lasswell. Por sua vez, sobre o esquema dos 5ws questiona-se o quanto atende as prerrogativas contemporâneas da comunicação ao se destacar tanto o contexto de sua elaboração quanto da sua capacidade de atender as interações mutuas e multiplataforma que a tecnologia digital propicia. Na concepção da presente investigação, voltada para uma leitura epistemológica, considera-se que por reforçar o papel do receptor e sua intenção de comunicar, e as condições em que o destinatário recebe a mensagem, esta compreensão se serve ao papel de referencia para a reflexão sobre os aspectos que tornam o digital um conceito importante na área da comunicação.

Além daquelas características naturais relacionadas à velocidade de processamento de dados, à clareza de sinais, à modulação e demodulação em bits, à compressão e compactação de dados e outros aspectos técnicos, para a comunicação é importante entender o digital a partir da interferência do humano nos usos e funções e pontencialidades da digitalização. Entre outras coisas se acrescenta nessa dinâmica a possibilidade de **armazenamento** e posterior **difusão**, única ou múltipla por meio da característica denominada **convergência**.

Em relação aos meios de comunicação tradicionais, com as interfaces digitais os indivíduos adquirem um poder de organização e de escolha dos conteúdos de interesse na medida de seu tempo.

Também há a interferência pela **manipulação, ajuste ou alteração** da mensagem, desde que pelo menos um dos interlocutores esteja operando o equipamento informático de transmissão. A capacidade de **uso de múltiplos códigos de forma concomitante** seria outra distinção, juntamente com a possibilidade de opção entre um ou mais códigos. Também a **não simultaneidade e não seqüencialidade hipertextuais** que permitem a reelaboração de conteúdos em novas mensagens.

A **velocidade e a instantaneidade** que permitem a qualquer um que opere equipamentos digitais de se transformar em fonte de informação, quebrando o monopólio de redes e grupos estabelecidos de produção de conteúdo.

Há ainda com a **interatividade**, a **possibilidade de quebra de fronteiras de tempo e espaço**. No sentido e matemático-físico essa quebra ocorre basicamente, por conta da configuração de equipamentos em acessíveis em protocolos e padrões reconhecidos. No sentido geopolítico manifesta-se a potencialidade de integração,

revelação de identidades, de ideologias. São multiplicadas também no sentido da social da interlocução entre indivíduos de culturas e línguas distintas por meio da introdução de tradutores automáticos, de instrumentos de mapeamentos, do estabelecimento de redes de interesses e outros meios de organização.

Não basta evocar uma palavra para designar um conceito (Bachelard, 2004). Ao enumerarem-se características pertinentes ao conceito digital, descritas acima parece possível reter diferenças e semelhanças de onde as áreas de conhecimento recortam conceitualmente aquilo que lhes serve ao propósito científico. Se por algum momento a ênfase manteve-se no caráter lógico matemático relativos adequação de sinais, a contínua adoção pela sociedade dos meios digitais tem permitido abrir outros ângulos de observação dos fenômenos e processos comunicativos modulados em bit.

Com o desenvolvimento digital nos meios de comunicação, perspectivas inovadoras estão surgindo na mídia em geral e também na cultura. De maneira geral para as ciências humanas, há uma aceitação da expressão “comunicação digital” que não se refere exclusivamente a sistemas numéricos. Também não são apenas objetos de análise do que é externo ao humano, mas que incorporam, conforme já discutia McLuhan, as dimensões do social, do psicológico e de uma consciência coletiva.

4. Perspectivas captadas a partir dos artigos científicos

Se as coisas fossem como parecem ser não seria preciso a ciência para tirar do que está escondido, a interpretação correta dos fatos (Freire-Maia, 1998, p.21).

Este capítulo expõe o processo de interpretação dos dados recolhidos no material que compõe o corpus da investigação. Pretende-se nesta fase da análise da propriamente dita, manter o compartilhamento do percurso de construção dos argumentos conforme as concepções propostas tanto por Popper quanto por Bachelard, que entendem essa conduta como uma dimensão imprescindível do ponto de vista do desenvolvimento do conhecimento científico.

Para evitar os riscos dos grandes desvios que de alguma forma poderiam afetar a qualidade do esforço de pesquisa, fez-se imprescindível estabelecer critérios que orientassem o conjunto de ações metodológicas contra obstáculos prejudiciais ao fazer científico. A abordagem da pesquisa, estando circunscrita a um universo de estudo claramente delimitado dentro do campo da comunicação, não pode deixar de lado os impactos que os atravessamentos do cotidiano têm na atividade científica. Também não pode prescindir do conteúdo teórico que a fundamenta, pois como Clarie Selltiz e outros (1974, p. 552) enfatizam: "a teoria aumenta a produtividade da pesquisa" na medida em que "apresenta indicações significativas, liga resultados aparentemente isolados através de processos subjacentes semelhantes e apresenta explicação para relações observadas". Igualmente valorizam o contexto científico ao sentenciarem que a pesquisa orientada pela teoria sistemática tem "maior a probabilidade de que seus resultados contribuam diretamente para o desenvolvimento e maior organização do conhecimento". Este suporte teórico foi dissertado principalmente no segundo capítulo do presente trabalho.

Em concordância com Dominique Wolton, reconhece-se que estabelecer uma reflexão crítica a respeito das técnicas de comunicação e sobre a chamada de ideologia da técnica se configura um desafio contínuo para a pesquisa em comunicação, porquanto esse comportamento carece de que estabelecer alguma distância e condições de neutralidade para enxergar os fenômenos mediáticos, seus processos e ferramentas. Manter distância, instrui Wolton, "significa conjugar cinco verbos: distinguir, regulamentar, relativizar, frear e revalorizar" (2004, p.371).

Delineada como objeto de investigação, a questão da apropriação do termo digital e seu transbordamento conceitual no contexto dos artigos científicos da comunicação é um empenho, como proposto por Wolton (2004, p.328-330), de ultrapassar preconceitos quanto ao impacto e os interesses relacionados a adoção das tecnologias. Preconceitos que se manifestam inclusive do ponto de vista da compreensão teórica do tema (idem, 2007, p.185).

A investigação, focada no conhecimento científico relativo à comunicação, serve-se de um dos produtos mais acessíveis e representativos do pensamento contemporâneo no campo: o conteúdo de seus periódicos científicos, para evidenciar algumas especificidades advindas da apropriação de um termo comum em estudos produzidos em outras áreas das ciências e em vários campos científicos distintos, — segundo argumentos defendidos no subtópico 1.2²⁷ que discorre sobre o contexto da produção acadêmica.

Em cada um dos capítulos anteriores buscou-se, por meio da revisão de alguns fundamentos do pensamento epistemológico focado no campo da comunicação, seguindo a perspectiva de complementaridade indicada por Martino descrita no subtópico 2.1²⁸, rever aspectos de teorias e modelos comunicativos ligados a cibernética, a teoria matemática e que estão inseridos nas raízes do ciclo de apropriação das ferramentas informatizadas pela comunicação. Do mesmo modo, reconstruiu-se um percurso de apreensão de sentidos que tornasse pertinente a inserção de conceitos, relativos a digitalização, no estudo do campo da comunicação.

A palavra digital, identificada no cerne da problemática de pesquisa e compreendida desde a sua origem etimológica, foi dissecada para além de sua definição ou as suas características mais evidentes, percorrendo da sua gênese até a apropriação na pesquisa em comunicação. Com vistas ao entendimento sobre as propriedades e atributos que o termo adquire quando é manipulado conceitualmente, também foram correlacionadas noções e percepções embutidas nos sentidos que sintetizam a abrangência de sua aplicação por vários domínios do conhecimento humano, dos quais se depreendem as condições em que se desenvolve seu uso linguístico e por

27 Contexto da produção acadêmica, na página 18 deste trabalho.

28 Opções epistemológicas do saber comunicacional, página 32 deste trabalho.

consequência, também sobre a noção de “comunicação digital”.

Estes procedimentos propiciaram encontrar um lugar de fala, de onde fosse possível estabelecerem-se parâmetros para delimitar o foco na questão conceitual, assegurando que se mantivesse a objetividade quanto ao que a realidade, representada pelo extrato das informações contidas no universo pesquisado.

[...] a objetividade se determina pela exatidão e pela coerência dos atributos, e não pela reunião de objetos mais ou menos análogos. Isso é tão verdade que o que limita o conhecimento é, muitas vezes, mais importante para o progresso do pensamento do que aquilo que estende vagamente o conhecimento. Em todo caso, a cada conceito científico deve estar ligado seu anticonceito. Se tudo fermenta, a fermentação acaba sendo um fenômeno sem grande interesse. Convém, pois, definir o que não fermenta, o que pode impedir a fermentação (BACHELARD, 1996, p.90).

Buscando uma analogia a esta noção do obstáculo epistemológico do conhecimento geral, não se pode apenas considerar a proposta um tanto simplificadora de compactar um conceito como um conjunto de sinônimos ou referência a significado de determinadas palavras. Pois, se tudo o que envolve a atualidade mediática for considerado sob o rótulo digital, o próprio conceito de digital (o que fermenta) tende a se diluir pelo excesso ou redundância da contínua inserção do termo qualificando tudo que se quer descrever como contemporâneo e revolucionário (generalização ou universalização). Daí talvez surja a sensação de naturalização e a baixa perspectiva em relação à carga conceitual que está embutida na escolha do termo como um identificador de todo esse período compreendido a partir da incorporação dos meios informatizados nas atividades cotidianas.

Evita-se acatar uma conclusão tautológica, que prive um aprofundamento sobre o tema da conceituação, visto que cada palavra usada no texto aqui apresentado carrega em si também uma identidade própria. Efetuar tão somente um compêndio terminológico parecia um risco de não aprofundar uma reflexão importante no atual estágio dos estudos em comunicação. Pois, apenas quantificar e listar as diversas possibilidades de combinação de palavras usadas em associação ao termo seria aderir a conduta já naturalizada com a qual proliferam as expressões e referências ao digital.

Parece ser um erro crer que o simples uso do da palavra ou da expressão comunicação digital por si já configura o status de conceito científico ao termo. Mesmo

que esta condição seja verdadeira, revelando ou não a existência de um conceito estabelecido em decorrência da autoridade implicada na fala tecno-científica, ou pelo uso contínuo e cotidiano. De antemão, admite-se a condição de inacabamento que quaisquer observações resultantes desta análise podem aparentar. Entretanto, creio não as tornar inválidas, pois são tentativas de conjecturar sobre um tema recente e recorrente na comunicação visando uma melhor compreensão sobre aspectos epistemológicos relativos aos processos comunicacionais digitalmente mediados.

Popper (2008, p.69) nos faz crer que para serem classificadas como científicas, as assertivas ou sistemas de assertivas devem ser capazes de entrar em conflito com observações possíveis ou concebíveis, para permitir o diálogo sobre seus resultados e processos. Conjectura-se então, conforme hipóteses delineadas no percurso da análise do material colhido para a pesquisa, que mais que uma noção, o digital é um conceito passível de ser extraído dos artigos em comunicação recolhidos para esta pesquisa. Contudo adota-se a postura de especular o que isso implica tanto em relação ao conjunto de inferências que já foram manifestadas sobre o tema, quanto junto as questões teóricas inerentes ao campo comunicacional.

Uma dificuldade inicial foi enquadrar esta investigação com isenção, do ponto de vista da melhor abordagem, visto que ela propõe a reflexão sobre o campo científico da comunicação, evidenciando a pertinência do olhar dirigido ao próprio campo para compreender, o papel deste mesmo campo enquanto legitimador e propagador do conhecimento que se gera e se distribui por meio de produção científica que seus militantes, pesquisadores engajados na causa da comunicação que atuam com constância nos domínios da pesquisa. Isto é, o objeto de investigação se baseia num olhar interessado, com vistas as compreender elementos que contemplem uma discussão epistemológica, no sentido de estar voltado, ainda que de forma inicial, para uma questão interior ao domínio da comunicação enquanto área de saber. Considera-se então, tratar-se de uma pesquisa teórica, cujo cerne é um problema conceitual do tipo interno, associado à ambiguidades ou circularidades no seio da teoria (MOREIRA, 2009, p.24). Ou seja, refere-se à dificuldade de interpretar as questões cuja resolução depende da reflexão sobre a natureza dos fundamentos e conceitos do campo.

Relembrando Kerlinger (2007, p.1), a abordagem científica traz o “compromisso do método de conhecimento e compreensão mais seguro e digno de confiança”, levando

em conta a objetividade das posições defendidas, a explicação das direções tomadas e a neutralidade quanto à função e os usos posteriores dos resultados obtidos. Selltiz e outros apontam caminhos para a construção de uma investigação:

Existem duas maneiras principais para ligar determinado estudo a um conjunto mais amplo e conhecimento. Um deles é, evidentemente, examinar a pesquisa e as reflexões já feitas sobre determinado problema ou problemas de pesquisa a ela ligados, e planejar o estudo de forma que este se ligue, no maior número possível de pontos, com o trabalho existente. O segundo é formular o problema de pesquisa em nível suficientemente abstrato, de forma que os seus resultados possam ser ligados aos de outros estudos referentes aos mesmos conceitos (1974, p.201).

Numa pesquisa que se desenvolve em torno de problemas conceituais são questionadas as definições e as concepções de fenômenos que caracterizam ou estão caracterizados pelas teorias de determinado campo. Cuida-se para que esta pesquisa não seja deslocada para outro campo de saber, que não seja ela totalmente filosófica por meio da teoria do conhecimento, ou mesmo recortada somente pelas questões da linguística ou das teorias da ciência da informação.

No que concerne à concepção da investigação, pressupõem-se uma fundamentação basilar apontando para a abordagem dedutiva, na qual se exercita um movimento de pensar que parte do âmbito geral para o particular. Condição que implica em indicar uma categorização prévia, antes mesmo de examinar detalhadamente o corpus de textos e de onde surgem as conjecturas sobre possíveis respostas ao problema proposto. Assim, adequada a uma leitura epistemológica baseada no contexto pelo qual a pergunta crucial, Como o termo “digital” é constituído e reconstruído conceitualmente na literatura científica da comunicação?, emerge, estabeleceu-se o recorte a ser interpretado dentro de uma delimitação explicitada, por critérios que serão explicados no decorrer do presente capítulo.

Um cuidado primordial foi separar, na medida do possível, a ansiedade em trazer antes de a investigação ser realizada, uma resposta pronta sobre o uso conceitual da expressão comunicação digital, legitimando noções e perspectivas retiradas apenas da experiência parcial ou advindas da própria urgência em oferecer uma pronta resposta a problemática.

Sendo o objeto desta investigação constituído em torno de questões teóricas e

conceituais da comunicação, o foco também não está na argumentação de defesa em prol de uma nova teoria ou manutenção rígida dos cânones já demarcados. Há uma questão definida após a reflexão atenta, centrada na importância de tornar claro como o conceito digital se constrói e se reconstitui na comunicação por meio de noções advindas da diversidade de referenciais.

A pesquisa está comprometida com a percepção de que é imperioso compreender a comunicação social contemporânea sem o deslumbre pelas técnicas, sem a aceitação tomada das impressões apenas de senso comum. Também evita o rigor excessivo que não admite as contínuas reconfigurações do conhecimento que estão sempre em processo e que em alguma medida afetam também a maneira de exercitar a pesquisa.

Alguma lucidez persiste na consciência de que o lugar da fala em exercício na defesa das posições aqui apresentadas influencia o contexto, assim como as limitações do universo analisado. Portanto, também não se anseia pela absoluta isenção dos resultados, mesmo que fosse desejado. Tendo estas premissas em vista, procura-se a seguir extrair do material que compõe o corpus da análise, as pistas para o reconhecimento de uma possível reconstrução conceitual do termo digital focada nas especificidades do saber comunicacional, bem como posteriormente de alguma reflexão sobre a expressão comunicação digital.

4.1 - O processo metodológico e abordagem de pesquisa

Inicialmente houve a pretensão de avaliar uma seleção de artigos, mediante a orientação da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), visto que esta permitiria analisar as condições de produção do discurso, que compreenderia os sujeitos e a situação em que se produziu o enunciado e seu contexto (ORLANDI, 2005, p.26) favorecendo a compreensão do discurso dos pesquisadores da comunicação social. Outro aspecto seria o contexto imediato da produção do discurso, aquele que envolve as circunstâncias da enunciação, compreendendo o lugar, os sujeitos e a forma de discorrer conceitualmente sobre o digital. Ocorre que essa perspectiva encaminhava a investigação para elementos e orientações, os quais, ainda que pertinentes às preocupações da comunicação, se desvinculavam da abordagem relativa a constituição conceito digital do ponto de vista epistemológico. A alternativa aconselhada pela banca de qualificação foi adotar a sistematização a partir do preconizado pela análise do

conteúdo, mantendo a condição inerente da reflexão atenta sobre os enunciados dados pelos artigos.

Sendo assim, essa investigação não trata de mapear todas as possibilidades de interpretação da expressão comunicação digital nos amplos aspectos que, com certeza, podem ser abordados sob diversos campos do saber. Nem pretende defender ou execrar quaisquer formas de compreender a comunicação digital no âmbito dos estudos comunicacionais.

Na opção pela metodologia da Análise Conteúdo (AC) composta por um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p.33) é possível ultrapassar os limites do quantitativo ao categorizar e analisar o conjunto de artigos objetivando revelar os padrões e frequências de significados e sentidos pelo enfoque qualitativo para compreender o sentido conceitual do termo digital. Conforme Laurence Bardin explica: “A intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente da recepção) inferência esta que recorre a indicadores (qualitativos ou não)” (idem, p. 32-42).

A análise de conteúdo, segundo Selltiz e outros (1974, p. 378), é uma técnica especial para a descrição, sob forma sistemática, do conteúdo de comunicações. Ela é aplicável para apreciação de produtos de mídia de massa a documentos pessoais; de entrevistas assistemáticas a protocolos de respostas a testes projetivos e ainda em registros de interação paciente-terapeuta, etc. As amplas possibilidades que as técnicas reconhecidas como análise de conteúdo propiciam pré-existem a essa nomenclatura. Diversas frentes de pesquisa realizadas por historiadores ou críticos literários, por exemplo, já usavam os registros de comunicação com objetivos de reconstruir, descobrir mensagens, estilos potenciais e até argumentos para definir autoria.

É verdade que, para a pesquisa, a análise de conteúdo contemporânea acrescentou um novo aspecto à exploração do conteúdo de comunicação - isto é, a criação de técnicas complexas para a quantificação do material. Realmente, nos trabalhos metodológicos recentes, a quantificação é vista, em geral, como elemento necessário. Berelson (1952), por exemplo, define a análise de conteúdo como "uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação" (SELLTIZ et al, 1974, p.379- 380).

Outro estudioso do tema, Klaus Krippendorff (1990, p.10-12), descreve três características como fundamentais na estrutura de uma análise de conteúdo:

Uma é guiar-se por uma orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva. Na medida em que a investigação parte de uma questão moldada na vivência e pela inquietação que para se reconstruir como lógica se recorre ao rigor científico, acredita-se atender a esta prerrogativa.

Soma-se o fundamento que evoca a transcendência das noções normais de conteúdo envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema. De fato, há uma apropriação momentânea das reflexões produzida pelos autores de artigo, para destacar do contexto primário, uma perspectiva filtrada das escolhas vocabulares e metódicas.

A terceira característica é a que oferece mais risco, pois envolve o discernimento para usar a liberdade de propor uma metodologia personalizada. Pelo arbítrio, cabe ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente o seu corpus de análise, com independência e com clareza, evitando o risco de encampar proposições tendenciosas.

Russi-Duarte (2007, p.11) considera que saber lidar com o método é fundamental para que novos resultados sejam “constantemente incorporados às produções acadêmicas das diversas ciências, articulando-se, ao mesmo tempo, com conhecimentos anteriores e sendo constantemente revistos, modificados com relação as investigações mais recentes”. Assim, o comunicólogo faz uso dos métodos e conhecimentos das diferentes ciências, particularmente das ciências sociais e humanas, para lançar luz sobre os processos de comunicação, em particular sobre os media e a comunicação social, dentro de um contexto global (econômico, político, ideológico, cultural, etc.).

Esta visão converge com a ponderação de Romancini (2005, p. 22-28) ao lembrar que cabe ao comunicador ao se lançar no estudo de seu próprio campo, disciplinar-se, qualquer que seja a metodologia ou a abordagem adotada, ponderando pela identificação precisa de fontes de pesquisa, expondo o seu processo de construção da problematização conceitual assim como o processo de desenvolvimento da pesquisa, suas conclusões e inquietações. O cuidado democratiza, amplia e favorece que mesmo produtos com ênfase na história de situações locais ou de personalidades da área, forneçam material para a evolução de métodos de trabalho e deem pistas para uma

avaliação mais abrangente da evolução da comunicação social e de seus agentes.

Da mesma forma, vem ao encontro daquela modalidade de abordagem definida por Maldonado (2003, p.206) como “pesquisa da pesquisa”, ou pesquisa epistemológica, definida pelo autor como aquela se dedica a pesquisar a produção teórica, explicitando sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções existentes e vinculando-os na configuração interna com as suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas. Em toda análise de conteúdo a tarefa consiste em formular inferências a partir dos dados em relação com alguns aspectos de seu contexto e justificar essas influências em função do que sabe acerca dos fatores estáveis do sistema em questão. (KRIPPENDORF, 1990, p.38)

Usando orientações de Bardin (1977), Selltiz (1974), Krippendorf (1990), sobre as especificidades da análise de conteúdo, em associação com técnicas fornecidas por Lavelle e Dione (1999), Demo (1995) e Gil (1996), o plano geral da investigação, esboçado para servir de referencial ao longo de todo o trabalho, não seguiu um percurso linear, mas de idas e vindas, mesclando o embasamento teórico e os ajustes de análise necessários para o tratamento do problema. Entretanto, com vista a responder às questões orientadoras e atingir os objetivos propostos, alguns caminhos foram definidos:

- Levantamento de dados empíricos;
- Fundamentação e Problematização teórica;
- Definição e ajustes no corpus;
- Seleção da amostra adequada da população;
- Verificação do perfil de produção temática;
- Codificação o conteúdo e constituição as categorias de conteúdo a serem analisados;
- Definição das unidades de análise e estabelecimento de um sistema de quantificação;
- Análise de dados referenciais e síntese dos resultados.

Aproveitando a maleabilidade que a análise de conteúdo permite, dando ao pesquisador condição para elaborar o roteiro de trabalho de acordo com a necessidade da pesquisa, houve agrupamento de algumas etapas dadas. Como lembra Krippendorff,

(1990, p.63), as mudanças produzidas nas tramas sociais exigem uma definição estrutural do conteúdo que tenham em conta os canais e as limitações dos fluxos de informação, os processos de comunicação e suas funções de e efeitos na sociedade, os sistemas que incluem tecnologias avançadas e as modernas instituições sociais. Dessa forma e condicionado as peculiaridades que envolvem a pesquisa, o corpus foi constituído conforme explica-se no subtópico em sequência.

4.2- A construção do corpus da investigação: coleta de artigos do portal Revcom

Para organizar o corpus pertinente ao interesse de estudo, numa fase preparatória, —pré-análise, segundo Bardin—, fez-se uso da abordagem quantitativa com o objetivo de coletar informações para traçar os caminhos do plano geral de estudos para a dissertação. Ampliando o interesse relativo ao tema comunicacional como amostra pertinente à produção intelectual da comunicação tomou-se o conteúdo dos periódicos. Assim, o corpus da pesquisa foi delimitado considerando-se os periódicos acadêmicos como espaços de visibilidade e de fomentação, principalmente após o surgimento dos periódicos eletrônicos de acesso aberto.

Segundo o raciocínio já desenvolvido na contextualização da investigação (capítulo 1) situou-se uma primeira etapa de averiguação procurando revistas que estivessem indexadas num repositório científico de alcance amplo e referência nacional, que permitisse o acesso público, irrestrito e gratuito ao conteúdo armazenado. No caso, por satisfazer as condições mencionadas, a opção foi o Portal Revcom.

O Revcom é uma coleção eletrônica de revistas de ciências da comunicação mantida pela PORTCOM, Rede de Informação em Comunicação dos Países de Língua Portuguesa, sob a coordenação da INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e disponibilizada em seu domínio de internet. Valendo-se da lógica do usuário comum que acessa a internet em busca de informação sobre qualquer tema do seu interesse, não foi priorizada nenhuma revista, ementa ou linha editorial. A única condição é que a publicação fosse reconhecida como periódico científico de acesso livre e estivesse disponibilizada no referido portal.

Inicialmente foi realizada uma pré-análise do material disponível, da qual se procedeu a uma triagem baseada apenas em uma procura por termos-chaves. Entendidos como palavras capazes de identificar ideias e temas ou trazer uma referência desejada,

estes foram escolhidos a partir de uma lista de palavras que provocavam a associação a noção de digital. O material resultante dessa triagem, na configuração da pesquisa é identificado como população ou universo, sendo entendido como a totalidade de elementos com características em comum e de interesse. No caso em questão, foram coletados, por meio de pesquisa online, todos os textos indexados e acessíveis em cada edição das revistas armazenadas no repositório o Revcom, nos quais houvesse a ocorrência de ao menos um dos termos-chaves definidos: blog, cibercultura, ciberespaço, computação, computador, digitação, digitais, digital, hipermídia, hipertexto, hipertextual, informática, multimídia, novas tecnologias, NTC (novas tecnologias da comunicação), NTCI (novas tecnologias da comunicação e da informação), online, (on line, on-line), TICS (tecnologias da informação), telemática, web, webjornalismo, World Wide Web.

Os termos acima foram escolhidos pela associação empírica com o termo digital para o campo da comunicação. A opção se deu com base nas características e usos relacionados ao digital conforme foram tratados no capítulo 3, Concepções diversas e noções do digital²⁹. Outras palavras poderiam compor a lista acima, entretanto observou-se que dada à condição de haver múltiplos significados e sentidos em termos como virtual, tecnologia, mídia, dado, interface, convergência, entre outras palavras, a população poderia ficar muito extensa e difusa. Conseqüentemente ampliaria a quantidade de artigos coletados sem vínculo estabelecido diretamente com a questão digital desviando-se do propósito do estudo. Esse processo de filtragem permitiu a determinação do universo ou população de foco, conforme a condição de delimitar a amostra em artigos de acesso público, irrestrito e gratuito.

Entende-se a reconfiguração do fluxo de divulgação científica, mais democratizada pelo acesso, pela reprodução e pela replicação, interfere naquilo que o campo de estudo dá relevância. Também que transmitidas por canais institucionais as comunicações tendem a adotar a sintaxe e a formatação desses canais (KRIPPENDORFF, 1990, p. 68) além de atender as determinações temáticas e editoriais, por isso procurou-se coletar o artigo em sua formatação tal aquela se encontrava no Revcom. Alguns exemplares, contudo, continham defeitos na formatação ou no escaneamento dos originais e que prejudicavam a varredura. Para não

²⁹ Capítulo 3, compreendido entre as páginas 49 e 53.

serem descartados sumariamente, houve a substituição por versões com conteúdo e referências de data de publicação, versão e autoria idênticas.

Após essa triagem geral e exploratória do material foi necessário ainda proceder a uma segunda filtragem, no qual refinou-se a busca do termo digital e na separação dos artigos e *papers* do restante dos textos, retirando do conjunto coletado os que não eram artigos, ou seja: resenhas de obras, entrevistas, opiniões, introduções e outros tipos de conteúdo não caracterizado como produção acadêmico- científica.

Assim foi obtido o total de 252 artigos indexados no Portal Revcom que continham alguma referência ao termo digital, ou termos-chaves correlatos, independente do ano e revista de origem. Esse procedimento foi realizado para assegurar a filtragem do maior número de possibilidades de amostra, visto que durante a pré-análise, se observou falhas no tratamento de digitalização dos textos que comprometiam a fidelidade da busca baseada apenas na ocorrência do termo digital.

Nesta etapa houve um terceiro recorte, por conta da observação após primeiras leituras, de que apesar da triagem coletar arquivos com os termos-chaves, algumas vezes a aparição desses termos não se relacionava ao interesse da pesquisa, como ocorreu, por exemplo, no artigo “*Roland Barthes: semiologia e cultura*” aonde o termo digital consta no resumo, porém compondo a expressão impressão digital, no sentido de marca de identificação de do estilo de Barthes.

Dentre o conteúdo armazenado no repositório, primeiro buscou-se pelos artigos e só após essa tarefa chegou-se à coletânea de revistas³⁰.

Figura 7. Tabela - Coletânea do Portal Revcom

Revista	Ocorrências
Acervo On-line de Mídia Regional - Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação da Universidade de Taubaté (NUPEC).	01 artigos
Anuário Internacional de Comunicação Lusófona	05 artigos
Comunicação & Educação - Curso de Gestão da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP).	19 artigos
Comunicação & Sociedade - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).	04 Artigos
Comunicação Mídia e Consumo - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).	20 Artigos

³⁰ A lista das publicações indexadas no Portal Revcom da Intercom está disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/upload/completalfa.htm>> Acesso em: 03-03-2010.

Comunicação e Sociedade - Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Portugal.	21 Artigos
<i>Comunicação: Veredas</i> – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília	02 Artigos
Contemporanea - Journal of Communication and Culture - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).	13 Artigos
Contracampo - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF).	06 Artigos
Em Questão - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).	36 Artigos
Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).	35 Artigos
Fronteiras, Estudos Midiáticos - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).	07 Artigos
Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).	05 Artigos
Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).	18 Artigos
Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).	30 Artigos
Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero (Facasper).	07 Artigos
Matrizes - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP).	04 Artigos
Media & Jornalismo - Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), Portugal.	00
Observatório (OBS) - Observatório da Comunicação (OberCom).	11 Artigos
Rebej - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo - Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ).	00
Revista NAU - Revista do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Audiovisual - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).	08 Artigos

Os instrumentos para aplicação das estratégias da pesquisa foram definidos em parte na seleção documental, com base no preconizado em técnicas da análise de conteúdo. Sendo documental, esse instrumento foi definido conforme o enquadramento da população, revistas científicas, proposta no recorte inicial da pesquisa. Esse procedimento permitiu a determinação do corpus de artigos a serem analisados que viabilizaria o estudo.

Por meio da triagem inicial catalogou-se material produzido em 15 anos consecutivos, entretanto o recorte temporal cronológico não foi, neste caso, determinante para o estabelecimento do corpus de análise, sendo entendido já como

uma das consequências da opção pelo corpus da pesquisa. Também do ponto de vista da pesquisa empreendida, o total de 19 revistas selecionadas dentre as 21 verificadas e mesmo a quantidade de artigos por título ou por edições que atendiam as regras definidas para a triagem foram considerados dados acessórios. Da mesma maneira, a avaliação quantitativa de artigos selecionados, seja vinculada à incidência do termo digital por cada ano, seja por predominância de uma ou outra publicação, também não pode ser entendida como um padrão demonstrativo do aumento ou não do que foi produzido e divulgado a respeito do tema digital por meio dos periódicos científicos originados em instituições distintas.

Para estabelecer um recorte dentro dos parâmetros de fidelidade em relação origem e qualidade da fonte dos dados conforme orienta Krippendorff (1990, p.215-228) do qual seria possível observar ou não a repercussão da inserção do termo digital em associação com outras palavras, e ainda as ocorrências específicas da expressão comunicação digital no texto dos artigos, acredita-se na pertinência da análise qualitativa. Visto que esta é a técnica capaz de indicar a informação primordial de cada unidade de registro tomadas pela menor unidade relacionada ao conteúdo em análise, reconhecidas por meio das unidades de contexto, entendidas como referências mais amplas e que vão além de permitir a abordagem mais adequada ao planejamento em favor de conclusões relevantes aos objetivos da investigação. Pode-se dizer que se esta técnica se refere à totalidade o fenômeno que se deseja pesquisar, sendo inclusive parte da reconstrução lógica, acatar o próprio limite enquanto pesquisador diante do impulso de desejar compreender mais sobre o tema.

No sentido de encontrar o método mais adequado, associaram-se algumas propostas referentes a análise de conceito. A análise conceitual se adéqua aos interesses da análise de conteúdo de abordagem qualitativa, visto que permite executar um exercício intelectual para o esclarecimento de um conceito, ou seja, de uma ideia ou abstração de interesse. Na perspectiva de análise de conceito, há um processo ativo de avaliação crítica que focaliza a estrutura e a formação do conceito. A análise conceitual, portanto, pode ser conduzida por meio do levantamento de algumas características relativas ao termo, seu significado e às definições que lhes são atribuídas para reduzir ao máximo as ambiguidades da interpretação do termo ou expressão.

Reforça-se o entendimento de que o conhecimento científico relativo à

comunicação possui características que o distinguem dos estudos produzidos por outras áreas das ciências sociais. Sua base é um quadro teórico que se constitui em torno dos meios de comunicação e pelos processos comunicacionais mediatizados, numa relação de reciprocidade e complementação. Assim como o próprio termo comunicação, qualquer outro conceito que se reconstitui por via do saber comunicacional, passa a atender uma concepção em alguma medida distinta daquela original.

4.2.1- Estabelecimento da amostragem

A investigação teórica iniciada na problematização teve o propósito de ampliar e aprofundar conhecimentos pertinentes comunicação, ainda que consciente da impossibilidade de esgotá-los. Não se procura a contradição com a concepção de dimensão e conexões ilimitadas vinculada às redes ciberespaciais ao situar a base de dados analisadas no Portal Revcom, mas propiciar o estabelecimento de um recorte que possibilite o reconhecimento das características do campo da comunicação tal qual ele é demonstrado por meio de sua literatura científica.

O objetivo deste trabalho, como dito anteriormente, não é aferir o aumento ou a variedade de material disponível, mas sim extrair da amostra, alguns indícios sobre a constituição do conceito digital no contexto da literatura científica em comunicação, tal como sua reconstrução. Pelo mesmo processo de análise, verificar a constituição e o transbordamento conceitual na expressão comunicação digital, mais que do caráter o terminológico.

A configuração geral do corpus intenta dar respostas às perguntas que a investigação suscitou, seguindo um plano global arbitrado com vistas a manter a coerência entre as técnicas de recolhimento dos dados a serem analisados e os objetivos propostos. Por técnicas entendem-se a condição dos procedimentos de atuação concreta que devem seguir para recorrer as diferentes fases do método de trabalho. As técnicas têm um caráter prático e operativo, já o método tem um caráter global e de coordenação das operações e decisões pertinentes a pesquisa. As técnicas de recolhimento, por exemplo, são estratégias que variam de acordo com o tipo de investigação.

Todos arquivos dos artigos encontrados a partir busca por palavras-chaves foram armazenados em um diretório pessoal. Durante o processo de pré-análise e de exploração do material, os textos foram organizados, — conforme as filtragens

realizadas nas triagens para refinamento da amostragem adequada, em três grupos, do geral para o mais específico: 1o. artigos, 2o. artigos com o termo digital, 3o. artigo com a expressão comunicação digital. Do ponto de vista quantitativo, numa busca empreendida por meio dos recursos de pesquisa do *software Adobe Reader*, foi possível distinguir, dentre os 252 artigos, primariamente triados, 235 textos que continham, no conjunto completo do conteúdo (considerando título, resumo, palavras-chave, notas de rodapé explicativas), o vocábulo digital ou similares (digitais, digitalização, digitar, dígito, etc.). No conjunto total de artigos, foram quase 3000 ocorrências do termo digital. Porém, neste total contabilizavam-se indistintamente eventuais repetições presentes em cabeçalhos, resumos, palavras-chaves, títulos de publicações citadas, referências bibliográficas, notas de rodapé, nomes próprios de projetos e instituições, biografias e identificações de autores entre outras situações que não condiziam com o interesse investigativo.

É importante observar que apenas a avaliação quantitativa de artigos selecionados não pode ser entendida como padrão demonstrativo do aumento ou não do que foi produzido e divulgado por meio de periódicos científicos no Brasil a respeito do tema digital. Apesar, de modo geral, ser patente a maior facilidade de acesso devido a disponibilização em bases de dados digitais, em concomitância simplificação da produção e publicação de conteúdos digitais, os sistemas de armazenamento de conteúdos não garantem eficiência plena no resgate de dados armazenados.

Primeiro porque não se poder afirmar que todas as revistas estivessem com todos os seus artigos disponibilizados de maneira sistematizada. Segundo porque nem todas as revistas científicas relacionadas à área da comunicação, independente do critério de avaliação Capes, estão ali representadas, visto que algumas permanecem em parte ou foram deslocadas para coleções particulares de universidades, ou migraram parte do seu conteúdo em outras coleções como é o caso da *universciencia.org*³¹, projeto de armazenagem recente, vinculado a pós-graduação da USP.

Durante o processo de exploração ficou clara a necessidade de se refinar novamente a seleção da população em estudo, pois levando-se em conta apenas o exercício da coleta quantitativa estaria longe de favorecer um resultado satisfatório.

³¹ Disponível em <<http://www.revistas.universciencia.org/index.php>> Acesso em: 08-07-2010.

Objetivando um padrão de amostragem coerente com a proposta da pesquisa e que fornecesse conteúdo adequado e ideal para a análise adequada e em tempo hábil. Projetando-se o tempo disponível para a realização de uma pesquisa de mestrado, fez-se necessário estabelecer outros critérios de filtragem para condensar uma amostra que mantivesse as condições de análise, a partir do conjunto do material coletado na segunda triagem. Avaliando a população geral compreendida pelos 252 artigos inicialmente triados como corpus da investigação, então, passou-se a relacionar outros subsídios que pudessem delimitar com mais qualidade uma amostragem compatível com os objetivos a serem explorados pela análise de conteúdo.

A estratégia escolhida foi definir este recorte pela técnica da amostragem intencional. Conforme Selltiz (1974, p.589), fazer uma amostragem intencional é escolher casos julgados como típicos da população de interesse, supondo-se que os erros de julgamento na seleção tenderão a contrabalançar-se. Por esse critério, a investigação realiza-se pela combinação entre os elementos fornecidos pela pesquisa teórica e a abordagem analítica do conteúdo. A primeira condição dá conta dos contornos que envolvem a construção do campo da comunicação do ponto de vista científico como espaço localizador da distinção de problemas. Esta distinção permite o recolhimento das informações que vão dar consistência ao recorte da amostra e da população com o fim de fortalecer cada uma das características que incide nas opções de construção e reconstrução de conceitos. A segunda fortalece o desenvolvimento do tema ao estabelecer um recorte específico.

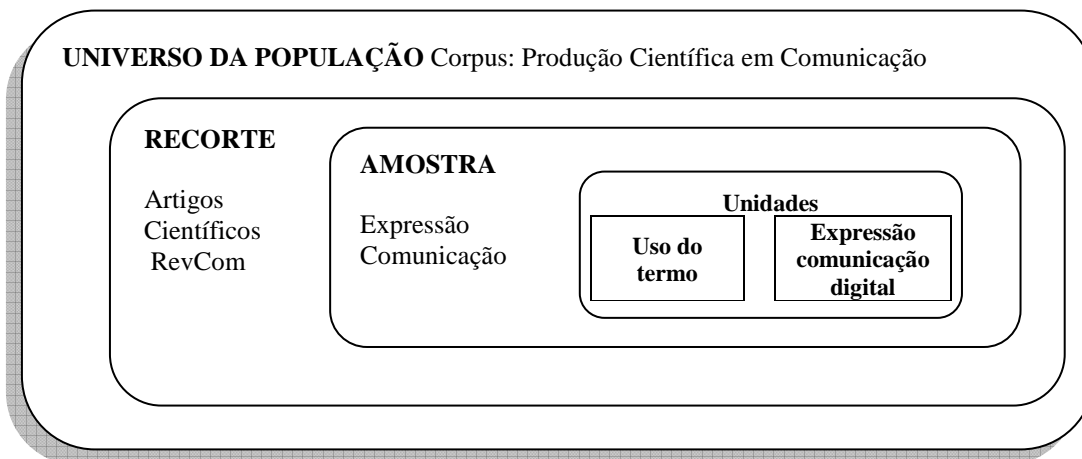
Os experimentos com amostragem intencional sugerem que, sem uma base objetiva para fazer julgamentos, essa suposição não é exata. De qualquer forma, sem uma verificação externa, não existe maneira de saber se os casos "típicos" continuam a ser típicos. No caso da amostra intencional, composta por elementos da população selecionados intencionalmente pelo investigador, porque este considera que esses elementos possuem características típicas ou representativas da população (SELLTIZ, 1974, p.584).

Em atenção a essa especificidade, uma nova filtragem, agora qualitativa, foi elaborada para excluir ao máximo repetições e apropriações do termo de maneira descontextualizada, dentre estes registros. Numa perspectiva descritiva busca-se especificar propriedades que partem basicamente da delimitação quantitativa, ao detectar a ocorrência, a frequência ou não do termo, propiciando formas de distinguir a

qualificação conceitual da ocorrência do termo. Ou seja, verifica-se quando o termo digital aparece no artigo e como pode ser interpretado conceitualmente e de maneira mais específica.

Para escolha desta amostra, levou-se em consideração a indicação articulada por Selltitz e seus pares que orienta que a amostra intencional deve ser feita quando o objetivo não é generalizar os resultados, mas sim obter boas ideias, bons *insights* e opiniões críticas experientes. Esta conduta é recomendada para pesquisas onde o objetivo é o entendimento, em profundidade. A suposição básica da amostragem intencional é que, “com bom julgamento e uma estratégia adequada, possamos escolher os casos que devem ser incluídos na amostra” (SELLTIZ, 1974, p.534) e, assim, chegar a amostras que sejam satisfatórias para as nossas necessidades.

Figura 8. Quadro - Estrutura da análise de conteúdo



A configuração de recorte da amostragem também considerou que os critérios de escolha e de delimitação devem ser definidos pela dimensão da investigação, e pelos temas relacionados ao objeto de pesquisa identificados nos discursos dos sujeitos pesquisados, conforme descrição da análise temática ou categorial proposta por Bardin. Essa tarefa consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado (BARDIN, 1977, p. 108). Do universo capturado na triagem inicial, aos poucos foi sendo definido em conformidade com critérios da análise de conteúdo um corpus suficientemente fiel às expectativas relativas ao problema da pesquisa. No

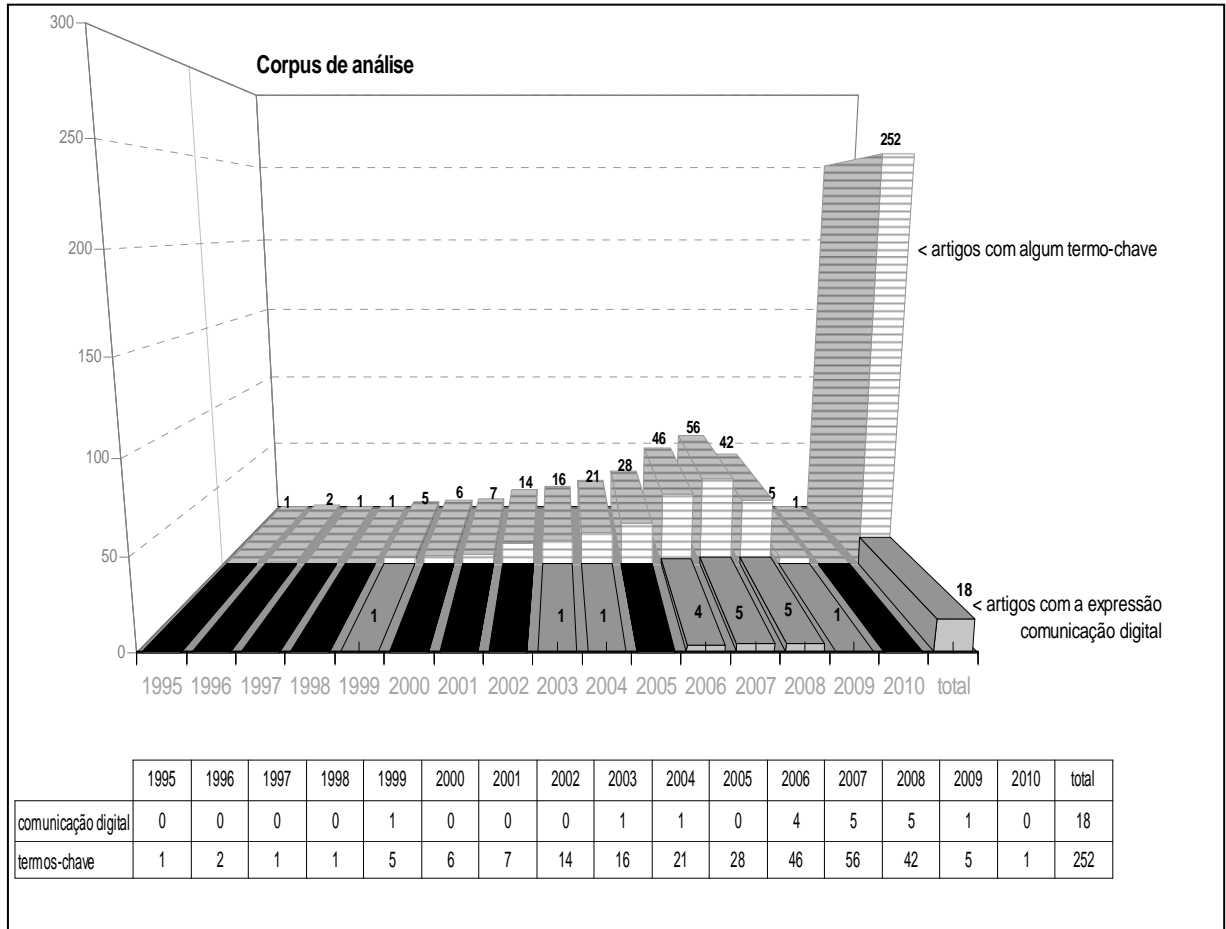
intento de dar a dimensão da compreensão conceitual sobre o termo digital que podia ser extraído do conteúdo textual dos artigos tendo em vista as observações quanto as técnicas e métodos. Optou-se pelas seguintes frentes de ação:

A primeira, reforçando a filtragem de dados, afim de conferir a confiabilidade do material, foi coletar dentre todos os 252 artigos, inicialmente localizar a ocorrências de palavras formadas pelo radical digit- em qualquer idioma que fossem observadas: (digital, digit-ais, digit-alizar, digitalización, etc). Depois proceder a uma seleção entre aqueles que continham o termo digital. Assim, do universo total, reduziu-se da amostragem com 235 artigos anteriormente comentados, para um conjunto de 210. Essa atitude, no entanto, não pareceu suficiente para decantar do corpus da produção científica uma amostragem que fosse suficientemente sintética para permitir a análise temático-categorial entendida como adequada.

A segunda ação relacionou-se com a questão qualitativa da amostra. Optou-se por coletar dentre os artigos previamente explorados, somente aqueles aonde houvesse literalmente a ocorrência da expressão comunicação digital. Entendendo esta condição como reforço em relação ao pressuposto de haver, presente em algum momento do texto, ao menos alguma noção relacionada ao digital e ao desdobramento correlativo por meio da expressão comunicação digital. Para que durante a distribuição das unidades de registro não fosse perdida a relação com o sentido original, escolheu-se coletar as frases ou expressões que contextualizavam a ocorrência do termo de radical “digit-

Os critérios acima forneceram finalmente o total de 18 artigos, nos quais a expressão “comunicação digital” aparecia literalmente em algum momento no conteúdo total do artigo (do título às referencias bibliográficas). Ou seja, há ocorrência do termo digital, ao menos uma vez no artigo coletado. Dessa forma formatou-se a amostra intencional que continha tanto ocorrências do termo digital, quanto da expressão comunicação digital.

Figura 9. Gráfico demonstrativo da relação entre a triagem de artigos realizada na pré-análise e a triagem de refinamento da amostragem.



Se na primeira triagem haviam sido detectadas mais de 3000 ocorrências do termo digital, numa média de 12 ocorrências por artigo. Nos conjunto dos 18 artigos acima relacionados, o termo digital aparece por 242 vezes, numa média de 14,2 ocorrências por artigo. Em ambas as situações, em todas as vezes, está vinculado a algum outro termo, algumas vezes o qualifica como no caso de inclusão digital.

Tendo em vista o objetivo deste estudo em analisar como é se constituir na literatura periódica o conceito digital, sua reconstrução no domínio da comunicação e seu transbordamento pela expressão comunicação digital, esse quociente puramente aritmético poderia esconder distorções, pois não leva em consideração a relação entre o número absoluto e o número relativo de ocorrências em cada texto individualmente, implicando numa leitura superficial. Com base no resultado deste refinamento de dados, duas frentes de análise foram estabelecidas em conformidade com decisão de

abordagem tomada. Uma categorizando as ocorrências do termo digital com vistas a interpretar as relações entre atributos e características conceituais, bem como as tendências atreladas a sua procedência. A outra com o foco exclusivo na expressão que deu origem a amostra selecionada, cuja intencionalidade estava justamente em extrair o transbordo conceitual que o termo digital provoca em relação ao macroconceito comunicação. Por essa singularidade, justifica-se que deva ser analisada de forma independente das outras ocorrências do termo.

Dessa forma, parte da tarefa de determinar as unidades de contexto, seguindo a mesma lógica estabelecida na triagem e leitura prévia dos artigos, foi realizada aonde foi detectada o aparecimento literal da expressão comunicação digital. Estes foram organizados de acordo com a detecção da expressão e as palavras associadas para completar-lhe o sentido, destacando-se do artigo o parágrafo ou o trecho originalmente vinculado à ocorrência do termo.

Outra parte de amostra, denominada como o uso do termo, foi extraída dos artigos com base na ocorrência de palavras e expressões iniciadas com o radical “digit”, fornecendo uma amostra do variado repertório de expressões do qual o termo digital compõe com outras palavras, propiciando novos sentidos e noções.

Estas frentes equivalem ao que Krippendorff (1990, p.98) chama de estabelecimento das unidades de amostragem e que correspondem às partes independentes a serem analisadas. O resultado desse exercício de coleta de dados é apresentado na tabela abaixo.

Figura 10. Quadro de artigos aonde a expressão comunicação digital é acusada pela busca detalhada:

	Artigo\ autor	Uso do termo digital e ou da expressão comunicação digital	
1 9 9 9	Título: Rádio: história e abrangência na era digital Autoria: William E. Biernatzki, SJ Editor de Communication Research Trends. Revista: Comunicação & Educação (exclusividade em	Uso do termo: era digital; Da válvula ao digital; a digitalização; digitalização; um circuito digital integrado; a revolução digital; processo de conversão de analógica a digital; os sinais digitais; da transmissão digital; do sistema digital; digitalização(no rádio), à tecnologia digital; televisão digital; a transmissão digital; impacto da digitalização da rádio; substituição digital; transmissões analógicas para digitais; interface dos sistemas digitais; rádio totalmente digitalizada; digitalização; receptores digitais; sinal digital; digitalização completa; televisão totalmente digitalizada; consumidor de transmissões digitais; Digital Áudio Broadcasting, DAB); acelerada digitalização; sistemas digitais; da tecnologia digital; ambiente de informações digitais; The digital signal; rádio digital; TV digital , padronização digital; tecnologia digital;	1.

	<p>língua portuguesa, artigo de Communication Research Trends)</p>	<p>alternativa digital de transmissão; bandas com meio digital; do sistema analógico para o digital; sistema de rádio digital; as transmissões digitais de áudio; áudio digital; mudar para digital; AMs converterem-se ao digital; canais digitais; ambiente de informações digitais.</p> <p>Expressão comunicação digital: As vantagens da transmissão digital em relação à analógica são listadas por Lax como sendo: eliminação do ruído através do chaveamento liga/desliga do sistema digital; velocidade do processamento das informações; reprodução fiel (com o resultado da eliminação do ruído) e facilidade da interface e do processamento (em particular para a correção dos erros e criptografia para manutenção da segurança) <u>da tecnologia de comunicação digital com a tecnologia do computador</u> 11. Uma limitação tem sido a grande quantidade de dados e a conseqüente ampla banda necessária para a transmissão digital (cinco a dez vezes maior do que a necessária para FM). No entanto, técnicas eficientes de compactação já foram desenvolvidas para solucionar esse problema e permitir a existência de mais canais em uma largura de banda equivalente.</p> <p><i>11. LAX, Stephen. Biond the horizon: communications technologies. Past. Present and Future (Além do horizonte: tecnologias comunicação. Passado, Presente e Futuro.). Luton, UK: John Libbey Media University of Luton Press, 1997. p. 53-56.</i></p>	
2003	<p>Título: Das redes de pesca às redes da imaginação criadora - Novos elementos para uma epistemologia da comunicação</p> <p>Autoria: Cláudio Paiva</p> <p>Revista: Contracampo</p>	<p>Uso do termo: mídias analógicas e digitais; radio digital; rádios digitais; das mídias digitais; as mídias digitais dos meios digitais; o formato digital; o texto digital; digitar os textos; acerca dos meios digitais; da fratura digital e da fratura social; usos do mundo digital;</p> <p>Expressão comunicação digital: Este é um exemplo de trabalho que expressa com clareza a intervenção num processo de comunicação em rede. O exercício da escuta, da escritura, comunicação digital, reticular e binária se fundem aqui num tipo de intertextualidade, intermediatização e intersemioticidade que revelam a nova forma e sentido da comunicação social - abrangendo as dimensões da vida, trabalho e linguagem.</p>	2.
2004	<p>Título: A Internet como fator de mudança no jornalismo</p> <p>Autoria: Nelía R. Del Bianco</p> <p>Revista: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação</p>	<p>Uso do termo: tecnologias digitais da informação e comunicação; novas ferramentas digitais; tecnologias digitais; (A percepção) mediadas digitalmente; digitalmente; guardado digitalmente; meios técnicos digitais; no espaço digital, estrutura de comunicação em rede digital;</p> <p>Expressão comunicação digital: A revolução tecnológica possibilitou o surgimento de um ambiente cultural singular e universal constituído por técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que inclui o conhecimento, as crenças, a ética, os costumes, os saberes cotidianos e os hábitos construídos nas relações entre pessoas, grupos, instituições ou organizações sociais</p>	3.

		informais com o aparato técnico da <u>infra-estrutura material da comunicação digital</u> . Progressivamente implementa novas modalidades organizacionais, sociais e cognitivas, como as comunidades virtuais e a construção de uma inteligência coletiva (Lévy: 1999).	
2006	<p>Título: A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica – um novo habitus profissional?</p> <p>Autoria: José de Souza Muniz Júnior, Sueli Mara Soares Pinto Ferreira</p> <p>Revista: Iniciacom, São Paulo, Vol. 1, No 2</p>	<p>Uso do termo: suporte digital; a versão digital; a revolução digital; em ambiente digital; transposição dos métodos produtivos para o ambiente digital; novo paradigma digital; as mídias digitais; pelas mídias digitais; das mídias digitais e da Internet; versões digitais; mecanismos de publicação digital; o ambiente digital.</p> <p>Expressão comunicação digital: Nosso objetivo, com este trabalho, é reintegrar o sujeito emissor <u>aos estudos de comunicação digital</u>, colocando-o como ser dotado de necessidades, pensamentos, sentimentos, como agente de processos e mudanças sociais. Dirigimo-nos, especificamente, a uma das esferas mais importantes de produção simbólica na contemporaneidade: a comunicação científica. Afinal, quem é o editor científico que emerge em ambiente digital?</p>	4.
2006	<p>Título: A Cidade Virtual: O Porto Digital como representação do Recife</p> <p>Autoria: Isabel Almeida Marinho do Rego</p> <p>Revista: Iniciacom, São Paulo, Vol. 1, No 1.</p>	<p>Uso do termo: Porto Digital; infraestrutura de telecomunicações e tecnologias digitais; acervos culturais digitais, cidades digitais</p> <p>Expressão comunicação digital: O termo ciber designa as novas relações com a informação em geral, e com a internet em particular. O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, incluindo a <u>infra-estrutura material da comunicação digital</u>, as informações que ela abriga além dos seres humanos que navegam e alimentam esse universo.</p>	5.
2006	<p>Título: Problemas Epistemológicos da Análise de Conteúdo da Comunicação no Governo Eletrônico</p> <p>Autoria: Virgínia Salomão</p> <p>Revista: Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2, p. 35-45</p>	<p>Uso do termo: o governo digital; da democracia digital; serviços públicos digitalizados</p> <p>Expressão comunicação digital:</p> <p>A própria coletânea de artigos organizada por Florência Ferre e Paula Santos, a que se refere bastante o presente estudo, ilustra bem os velhos pontos vulneráveis deste método de estudo, a análise de conteúdo. Contendo em sua maior parte descrições do material manifesto e explícito do <u>conteúdo da comunicação digital do governo brasileiro</u>, a obra revela em sua própria estrutura, as fragilidades com as quais as análises de conteúdo têm sido criticadas, uma vez que “por seus pressupostos epistemológicos, é uma técnica positivista” (ESPTEIN, op.cit., p.17). É de se salientar que, ao não tangenciar o contexto social onde se desenvolvem os processos comunicacionais, como bem apontam alguns dos críticos desta corrente [BARDIN: 2002;</p>	6.

		<p>KIENTZ: 1973; LOPES: 2004; RENDÓN, 1997) as análises de conteúdo dispensam a crítica dos sistemas sociais.</p> <p>É bom que se enfatize que Habermas identificou liames entre o espaço da razão e o espaço público num momento em que sequer se imaginava o surgimento e <u>popularização da comunicação digital</u>, da Rede Mundial de Computadores (WWW- World Wide Web) e os seus desdobramentos sobre os sistemas de representação pública. A e-republic - república eletrônica (GROSMAN: 1995), a ciberdemocracia (BOUGNOUX: 1998), a cibercultura (LÉVY: 1999) e a república informática (SFEZ, 1994) são algumas das denominações que se tem formulado na tentativa de alcançar as tremendas mudanças sócio-tecnológicas das duas últimas décadas.</p>	
2006	<p>Título: Considerações metodológicas sobre comunicação e cibercultura em tempos de (re) articulação do global e do local a partir da netnografia</p> <p>Autoria: Paula Jung Rocha, Sandra Portella Montardo</p> <p>Revista: Anuário Internacional de Comunicação Lusófona</p>	<p>Uso do termo: a interatividade digital; a tecnologia digital; da televisão interativa digital; da interatividade digital, experiências da sociedade digital; usuários do meio digital; à interatividade entre os homens e máquinas digitais; experiencing of digital sociality; “Netnografias nas redes digitais”; usuários do meio digital; usuários do meio digital.</p> <p>Expressão comunicação digital: Saída das páginas dos romances de ficção científica,¹ a cibercultura ganha a vida no dia a dia (...) <i>Nota relacionada: 1 O termo ciberespaço foi utilizado pela primeira vez pelo romancista William Gibson no romance de ficção científica Neuromancer, mas o seu sentido mais específico relacionado às novas tecnologias pode ser encontrado em Pierre Lévy, segundo o qual “o ciberespaço (também chamado de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo específica não somente a infra-estrutura material da <u>comunicação digital</u>, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.</i> (LÉVY, 1999, p. 17).</p>	7.
2007	<p>Título: Código aberto e produção colaborativa nos pontos de cultura</p> <p>Autoria: Clóvis Lima, Rose Marie Santini</p> <p>Revista: Conterporanea</p>	<p>Uso do termo: de Inclusão digital; da dimensão digital; digital inclusion of digital inclusion; The “digital dimension”; a tecnologia digital; transformado em dígitos; A digitalização torna; cultura digital; as tecnologias digitais; usando recursos digitais sofisticados; "SinapseDigital" e "Digitofagia" (eventos); inclusão digital cognitiva; processo de inclusão digital; iniciativa de inclusão digital; políticas públicas de inclusão digital; a inclusão digital e cultural; efetivação da “dimensão digital”; sobre cultura digital,</p> <p>Expressão comunicação digital: apenas na bibliografia: GINDRE, G.; BRANT, J.; WERBACH, K.; SILVEIRA, S.A.; BENKLER, Y. Comunicação digital e a construção do commons: redes virais, espectro.</p>	8.
2007	<p>Título: O Profissional de Marketing na Internet no Cenário de Comunicação</p>	<p>Uso do termo: o segmento Digital; comunicação via Digitalização; sucesso do produto na esfera digital; a era digital.</p>	9.

	<p>Digital.</p> <p>Autoria: Roberto Gondo Macedo</p> <p>Revista: Inovcom – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 2</p>	<p>Expressão comunicação digital:</p> <p>A comunicação digital é uma convergência de meios tecnológicos que permite uma integração harmoniosa do usuário com os recursos de interatividade. Na área de Marketing Internet efeito de comunicação via digitalização exige análise de mercado e comportamento do consumidor para a verdadeira implantação de um produto ou serviço</p> <p>...</p> <p>O modelo pode ser usado como uma ferramenta estratégica de marketing para previsão de probabilidade de vender de maneira bem sucedida uma determinada oferta, permitindo ao profissional de Marketing na Internet mais credibilidade nas ações. Prioriza também produto e serviços para lançamento, bem como identifica e corrige pontos estratégicos fracos do <u>plano de Marketing comunicação Digital</u>.</p>	
2007	<p>Título: Avanço qualitativo na pesquisa sobre tecnologias aplicadas ao jornalismo</p> <p>Autoria: Walter Teixeira Lima Junior</p> <p>Revista: Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero</p>	<p>Uso do termo: novas tecnologias digitais distribuídas em redes; das tecnologias de comunicação analógica e a sua conversão para digital; TV e rádio digital;</p> <p>(Os termos) cultura de rede, digital e convergência de mídias, entre outros; os impactos da tecnologia digital; tecnologias de comunicação analógica e a sua conversão para digital; novas interfaces digitais; advento da tecnologia digital; introduções tecnológicas digitais; músicas transacionadas digitalmente em redes telemáticas.</p> <p>Expressão comunicação digital: O curso tem por finalidade oferecer ao pesquisador elementos sobre a evolução e a história da ciência, analisando os seus impactos e as novas perspectivas abertas pelo surgimento de tecnologias digitais distribuídas em redes. Entende-se que há necessidade de o pesquisador <u>da área de comunicação digital e em redes</u> compreender que a evolução da ciência, e, por conseqüência, da tecnologia, é um processo humano natural. O pesquisador deve dominar os conceitos e se ambientar no campo de produção de tecnologias voltadas para a comunicação social.</p>	10.
2007	<p>Título: Comunicação digital, redes virais e espectro aberto</p> <p>Autoria: Sérgio Amadeu da Silveira</p> <p>Revista: Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero</p>	<p>Uso do termo: Ambiente digital e topologias de rede; digitalização; intensa digitalização os bens simbólicos, processo de digitalização; o resultado do processo de convergência ou integração digital, da revolução digital, implementação das redes digitalizadas; compartilhamento de arquivos digitalizados; convergência digital; o cenário digital; do fenômeno digital; a transmissão digital; ambiente digital; digitalização intensa da comunicação; a digitalização impacta os modelos de propriedade dos bens informacionais e simbólicos; A digitalização já afetou as telecomunicações; pela digitalização crescente; tecnologia digital; dos formatos digitais; fugir de controles e perseguições digitais; pela incorporação social das tecnologias digitais; a comunicação em redes digitais; as redes digitais; impactos das redes digitais; hegemonia das máquinas digitais; o ambiente das redes digitais; no</p>	11.

		<p>ambiente das redes digitais; revisão teórica motivada pela digitalização; compartilhamento de arquivos digitalizados; dinâmica de concentração nas redes digitais; processo de digitalização crescente; após a digitalização; a digitalização; expansão das redes digitais; remodelar o ambiente digital; utilizarem as redes digitais; uso de rádios inteligentes, digitais; com a tecnologia digital</p> <p>Expressão comunicação digital: Sem declarar a morte dos formatos analógicos é possível declarar a vitória dos formatos digitais. Sem advogar o fim da comunicação hierarquizada e não-interativa é importante considerar que a comunicação digital e em <u>rede</u> conduziu a comunicação horizontal e interativa para posições jamais alcançadas na história, em termos de amplitude, escala e frequência. Participando de um campo de estudos historicamente determinado, as teorias da comunicação são completamente afetadas pelas transformações nos ambientes que elas buscam explicar. Venício de Lima havia alertado para a necessidade de perceber e captar teoricamente as conseqüências do desaparecimento das fronteiras rigidamente delimitadas entre as telecomunicações, comunicação de massa e informática. Tal fenômeno seria o resultado do processo de convergência ou integração digital. Lima chegou a qualificar esse momento como uma realidade em transformação e considerou que revolução digital esvaziaria o tratamento dessas três áreas como cenários distintos (...)</p> <p>Entretanto, os rádios se tornaram inteligentes e superaram a tecnologia do início do século 20. Estamos no século 21 e a comunicação analógica perdeu hegemonia para a comunicação digital e para rádios controlados por software.</p>	
2007	<p>Título: Midiatização e Comunicação Organizacional</p> <p>Autoria: Daiana Stasiaki Eugenia Mariano da Rocha Barichello</p> <p>Revista: Inovocom, Vol. 2, No 1, p. 50-58</p>	<p>Uso do termo: desenvolvimento das redes digitais; sistema redes digitais</p> <p>Expressão comunicação digital: Para Barrichello (2007), a comunicação digital permite não apenas o encontro de informações, mas também proporciona que essas mesmas informações se tornem a própria experiência, isso devido à convergência técnica e às possibilidades interativas que podem ser estabelecidas entre os indivíduos (usuários).</p> <p>De modo que o sistema de redes digitais se caracterize pela integração de diferentes veículos em um único medium - a internet – construindo um novo ambiente. Portanto, do ponto de vista da comunicação nas organizações, esse contexto afeta diretamente os modos de pensar estrategicamente as teorias e práticas profissionais.</p>	12.
2000	<p>Título: Televisão Digital Interativa: A</p>	<p>Uso do termo: A inclusão digital; Televisão Digital; “transmissão digital em alta definição (HDTV) e em definição padrão (SDTV); transmissão digital simultânea para recepção fixa, móvel e portátil</p>	13.

8	<p>Usabilidade Como Linguagem de Uso</p> <p>Autoria: Lauro Henrique de Paiva Teixeira, César Fernandes Casella</p> <p>Revista: NAU Revista do NP em Comunicação Audiovisual da Intercom, São Paulo, v.1, n.1, p. 211-228</p>	<p>e interatividade” (DOU, 2006); converso sinal digital/analgico; das mídias digitais; sobre tecnologias digitais de informação e comunicação; espécie de servidora de dados digitais; televisão digital interativa; equipamentos digitais; interfaces gráficas e outros dispositivos digitais; TV Digital; TV Interativa não se restringe à digitalização; tecnologias hoje quase sempre digitais; Televisão; realidade espaço-temporal de convergência digital; lidar com mídias digitais; Modelo brasileiro de Televisão Digital; à inclusão digital; as mídias digitais se apropriam; computadores ou outros equipamentos digitais; mais de tecnologias digitais</p> <p>Expressão comunicação digital: Apenas identificação do autor Cassela, <u>professor de comunicação digital.</u></p>	
2008	<p>Título: Bunker glocal: configuração majoritária sutil do imaginário mediático contemporâneo e militarização imperceptível da vida cotidiana</p> <p>Autoria: Eugênio Trivinho</p> <p>Revista: Comunicação, mídia e consumo</p>	<p>Uso do termo: da era digital; tecnologia digital; mediação da tecnologia digital; “discurso” pré-simbólico ativo do mundo digital; acesso à vida digital e virtual; proliferação social dos media digitais; quaisquer <i>media</i> digitais capazes de rede; proliferação social de tecnologias digitais; via media e redes digitais; as linguagens digitais emergentes; da <i>subordinação do corpo e da subjetividade à tecnologia digital</i>, em troca de liberdade ilimitada; de potencialidades sociocondutivas dos <i>media</i> digitais e do <i>cyberspace</i>; vividos <i>necessariamente</i> por mediação da tecnologia digital; “discurso” pré-simbólico ativo do mundo digital, <i>senhas infotécnicas de acesso à vida digital e virtual.</i></p> <p>Expressão comunicação digital: Recente fase da trajetória teórico-epistemológica a que pertence o presente estudo trouxe a público, anos atrás, uma argumentação detalhada sobre <u>as relações sutis entre comunicação digital e campo da guerra</u>, em sua múltipla articulação com o imaginário social, relações estas urdidadas na figura do bunker glocal de sua refração processual estendida, a bunkerização glocalizada da existência humana e da experiência cotidiana civilização mediática avançada. Leopoldo, p. 61-76, abr. 2005), editada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos-RS. A versão completa foi inserida em Trivinho (2007a: 279-320).]</p>	14.
2008	<p>Título: Conectividade e mobilidade social: pilares da inclusão digital?</p> <p>Autoria: Mirian Maia do Amaral, Estrella Bohadana</p> <p>Revista: Contemporânea, vol. 6, nº 2. Dez.2008, Journal of</p>	<p>Uso do termo: da inclusão digital; do mundo digital; Mapa da Inclusão Digital; da exclusão digital; por objetos digitais (como fax, celular, câmera digital, aparelho de DVD cartão magnético, mp3, ipod, entre outros); potencial da sociedade digital; cultura digital; linguagem própria do ciberespaço (digital); tecnologia digital; universo digital; dos excluídos digitais; dos incluídos digitais; acesso às tecnologias digitais; objetos digitais; incorporando esses elementos digitais à cultura, ao acesso às tecnologias digitais; habilidade de manusear as tecnologias digitais; o contingente de excluídos digitais; decorrentes das tecnologias digitais; os processos de inclusão digital; o potencial de inclusão digital; <i>uma verdadeira cultura digital</i>; relação entre globalização e tecnologia digital; uso das tecnologias digitais; o universo digital; a cultura digital</p>	15.

	Communication and culture	Expressão comunicação digital: Nesse sentido, o autor argumenta que o progresso tende a absorver as zonas periféricas, na medida em que as sociedades mais fortes levam o resto do mundo em seu rastro, tornando tal quadro de dominação flexível e dinâmico, em que <u>as novas tecnologias de comunicação digital</u> servem para integrar o mercado, o ciberespaço e a “consciência” do mundo todo.	
2008	Título: O conceito de commons na cibercultura Autoria: Sergio Amadeu da Silveira Revista: Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 11, No 2. 1 p49	Uso do termo: Ecosistema digital; digital ecosystem; formação da comunicação e da cultura digitais; expansão da digitalização e interatividade; liberdade no ambiente de redes digitais; mode of production in the digitally networked environment; modo de produção no ambiente das redes digitais; uma rede de troca de informações digitais; nesse ambiente digital; ligação entre o meio digital e enredado de comunicação; compartilhar arquivos digitais; crescimento da digitalização e da internet; o avanço da cultura digital; que a tecnologia digital; a convergência digital; a ecologia digital; cultura das redes digitais. Expressão comunicação digital: apenas Bibliografia: BENKLER, Yochai. “A economia política dos commons”. In: <u>A comunicação digital</u> e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação / SILVEIRA; Sérgio Amadeu (org.). São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2007.	16.
2008	Título: Os mecanismos de busca e suas implicações em comunicação e marketing Autoria: Rodrigo Goulart, Sandra Portella Montardo Revista: Líbero- Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 11, No 21.	Uso do termo: na economia digital; mídia digital; espécie de “jukebox digital”; faixas de música digital; máquinas digitais. Expressão comunicação digital: nas Palavras-chave: mecanismos de busca, <u>comunicação digital</u> , web semântica. Na bibliografia: KENDZERSKI, Paulo. “ <u>Web marketing e comunicação digital</u> ”. Apostila do curso Web marketing e comunicação digital. Porto Alegre, jan. 2006.	17.
2009	Título: Tecnologias da Comunicação e desenvolvimento: três aspectos vistos desde o Brasil Autoria: Antonio Hohlfeldt Revista: Intercom – Revista	Uso do termo: televisão digital; o acesso digital do cidadão: TV digital; the digital television; the digital access; la televisión digital; al acceso digital; digitalização do audiovisual; convergência digital; 9 mil quilômetros de rede digital; A digitalização; uma hipertrópole digital; a inclusão digital; acelerar a digitalização brasileira; implantação de serviços de digitalização; o processo de televisão digital; o sinal digital; do modelo analógico para o digital; produção digital; a TV digital; a digitalização da televisão; implantação da televisão digital; alfabetização digital; inclusa digital; “Programa Brasileiro de Inclusão Digital”; política pública de inclusão digital; capacitação digital da sociedade brasileira; Centro Nacional de Excelência em Produção de Conteúdos Digitais Interativos e Interoperáveis; produzir conteúdos digitais.	18.

	Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, v.32, n.2, p. 93-110, jul./dez. 2009	Expressão comunicação digital: apenas na bibliografia: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2008. CASTRO, Cosette. TV digital e EaD: uma parceria perfeita para a inclusão social. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. Comunicação digital – Educação, tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas. 2008. p.177-191.	
--	---	--	--

Além da expressão comunicação digital, que foi determinante na definição do recorte da amostra idealizada, essa leitura sobre a ocorrência do termo digital em todo o corpus apresentou algumas outras expressões compostas com a junção do termo digital e alguma outra palavra. Quinze dessas se destacaram em quantidade, conforme apresentado na tabela abaixo:

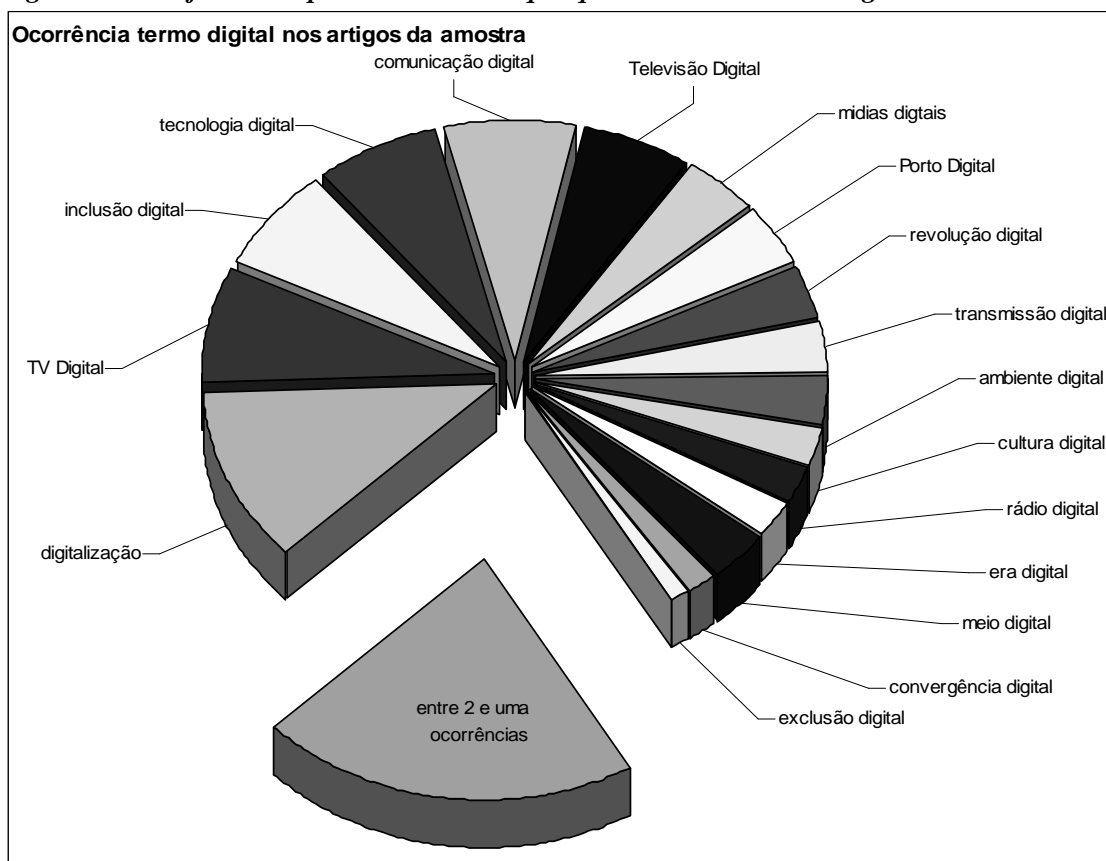
Figura 11. Tabela - Expressões em destaque quantitativo na amostragem

digitalização	28 ocorrências
comunicação digital	23 ocorrências
TV Digital	19 ocorrências
inclusão digital	17 ocorrências
tecnologia digital	17 ocorrências
Televisão Digital	15 ocorrências
Porto Digital	10 ocorrências
revolução digital	9 ocorrências
transmissão digital	8 ocorrências
ambiente digital	8 ocorrências
cultura digital	6 ocorrências
rádio digital	6 ocorrências
era digital	6 ocorrências
meio digital	8 ocorrências
convergência digital	4 ocorrências
exclusão digital	3 ocorrências

Observa-se que digitalização, substantivo relacionado ao ato de digitalizar foi o termo com maior ocorrência. Em seguida distinguem-se as ocorrências de duas expressões similares: TV digital e Televisão digital, que somam juntas 34 aparições. Contudo para manter a coerência com os critérios de coleta da amostra em referência a origem e a grafia da palavra em seu contexto original, optou-se por manter a distinção no gráfico. Outro detalhe que suscita alguma surpresa, no sentido de fugir a uma

expectativa do senso-comum, é a diferença entre as ocorrências da unidade de registro inclusão digital (17 ocorrências) em relação ao a sua expressão antagônica, exclusão digital com 3 ocorrências. Pensava-se ser em razão da construção morfossintática onde as expressões normalmente fazem parte do mesmo enunciado: exclusão e inclusão digital, Mas na verdade a análise não demonstrou isso. Atribui-se então, a força conceitual manifesta a expressão original em inglês *digital divide*, amplamente utilizado desde a década de 1990 que esta vinculada a preocupação com “uma divisão criada entre indivíduos, firmas, instituições, regiões e sociedades que têm as condições materiais e culturais para operar no mundo digital, e os que não têm, ou não conseguem se adaptar à velocidade da mudança promovida pela tecnologia” (CASTELLS, 2003, p. 220).

Figura 12. Gráfico - Expressões em destaque quantitativo na amostragem



O gráfico Expressões em destaque quantitativo na amostragem, figura 11, ilustra a variação entre as expressões colhidas nessa etapa da análise. Percebe-se que a soma de

51 ocorrências entre as duas expressões mais repetidas, digitalização e comunicação digital, é mais expressiva que o total de vezes que as expressões que tiveram uma ou duas ocorrências somadas em 45 aparições.

Em relação ao conteúdo da amostra, dada a variedade de objetivos e tendências contidas em cada artigo, optou-se por definir como unidade de registro as partes de conteúdo que atendessem a condição de unidade de referência. Estas são compreendidas pela capacidade de demarcar aquela porção de material simbólico que deve ser examinado para caracterizar a unidade de registro. São portadoras da informação dentro das unidades de amostragem e servem de base para qualificar as análises.

A abordagem da análise de conteúdo sugere que se separe o conteúdo de registro em categorias onde se armazenem todos os elementos do corpus que sejam pertinentes a fim de classificá-los por temas ou categorias temáticas, no propósito de aferir adequadamente as significações que não sejam imediatamente identificáveis. A estratégia adotada baseia-se naquela que Laville e Dione (1999, p.227) denominam emparelhamento e que consiste em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los. Essa se adequa, pois atende ao pré-requisito da abordagem dedutiva condutora desta pesquisa, de haver uma teoria sobre a qual o modelo da situação em estudo se orienta. No caso, existe a correspondência entre a construção teórica que fundamenta o campo da comunicação e as unidades de contexto extraídas do corpus da presente pesquisa.

Estas noções presentes nos conteúdos e no objeto da análise proposta deram a condição de esquematizar a organização do quadro operacional que permitiu o desenvolvimento e a seleção do instrumento de classificação, além dos métodos utilizados para a análise e interpretação dos conteúdos relacionados como registro.

Os procedimentos previstos para esse tipo de análise abrangem a designação de unidades de contexto e de registro. De acordo com os exemplos de conjuntos categoriais fornecidos por Bardin (1977, p.117-132), obteve-se o referencial necessário para a elaboração de uma estrutura de categorização.

Após o exame do material dos artigos, o processo de categorização foi efetivado com a designação das unidades de registro extraídas da amostragem intencional. No caso específico tratado, que parte da análise documental à temática ou categorial optou-se por definir categorias de análise que decorressem das principais observações teóricas

que deram suporte a fundamentação temática relativa a abordagem conceitual, e ainda que se aproximassem do intuito de responder as questões que orientam da pesquisa. Desse procedimento foi obtida, em princípio, uma série de categorias nas quais se aglutinaram palavras que descreviam relações com três aspectos que, para este trabalho, foram definidos por conta de unidades de contexto. Baseando-se na reflexão desenvolvida nos capítulos anteriores, foram elaboradas três classificações básicas relativas aos três caminhos teóricos que estão na origem do conceito digital, conforme a gênese desenvolvida no capítulo Concepções diversas e noções do digital³². Agregou-se, como apoio, uma quarta categoria neutra em relação a este critério de convergência de áreas, denominada indeterminada.

Por conseguinte, as categorias foram elaboradas agrupando expressões que remetiam ao entendimento de processos e procedimentos vinculados à áreas da informática referindo-se às tecnologias, as ciências sociais como um conjunto de disciplinas, e à comunicação em específico. Cada uma foi deduzida por inferências às teorias, sendo composta por um elemento-chave que indica uma origem das atribuições conceituais e demais indicadores que descrevem o campo semântico do conceito. Cada uma das categorias diz respeito aos sentidos, ou as abordagens conceituais relativas à ao digital e/ou a comunicação digital que foram detectadas nos artigos. As mesmas correspondem a uma adaptação da classificação dos domínios acadêmico-científicos nas chamadas Grandes Áreas do Conhecimento³³, conforme divisão estabelecida pela Capes e que faz “a aglomeração de diversas áreas do conhecimento em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos”.

Toda a classificação nestes grupos foi estabelecida tomando como unidade de contexto trechos da construção sintática das frases adjacentes ao termo digital. Desconsiderou-se o número de ocorrências redundantes, visto que as repetições por vezes se davam nos cabeçalhos e outros elementos apêndices da formatação gráfica e estrutural exigida pela publicação de origem. A fim de dar conta da variação possibilidades de interpretação dos dados nas categorias, foram criadas também

32 Capítulo compreendido entre as páginas 49 e 60.

33 Disponível em < <http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento> >. Acesso em 10-12-2010.

subcategorias, as quais eram orientadas segundo os elementos presentes nos modelos esquemáticos da comunicação já abordados na fundamentação teórica desta pesquisa. Assim, associaram-se, nas três categorias definidas, cada uma das expressões e frases vinculadas ao termo digital, à condição de pertinência com: ou ao emissor/receptor (em/re); ou ao canal; ou ao código; ou a mensagem.

Dessa forma foram estabelecidas:

Categoria denominada **Tecnológicas**: Nesta categoria foram agregadas as expressões e orações que tinham maior proximidade com o objeto de estudo das ciências exatas, compreendendo as ciências da computação, matemática e engenharias. Estando associadas ao desenvolvimento de produtos e rotinas em sistemas automatizados a partir de uma perspectiva puramente técnica e tecnológica. Suas subcategorias foram estabelecidas com base nos elementos constituidores do modelo da teoria da matemática comunicação: emissor/receptor, canal, código e mensagem.

Categoria denominada **Social**: Combinadas à ação do homem sobre o bit, e mesmo pela repercussão desta manifestação na sociedade, sejam pelos processos sociológicos, sejam pelos processos psicológicos, antropológicos e socioeconômicos. Classifica as relações das unidades de análise com os usos e ações gerais, educacionais, modismos, costumes, entretenimento e outros aspectos que podem ser interpretadas por meio de questões pertinentes aos usos e funções que derivam o termo digital, e que se adequam à leitura por meio da educação, da psicologia, da sociologia, e da antropologia e demais áreas de estudo entendidas sob a classificação das ciências sociais aplicadas. São vinculadas a ela as subcategorias que tratam de dimensões sociais vinculadas aos elementos emissor/receptor entendidos como ação ou referência aos indivíduos, o canal como a relação com as técnicas de armazenamento e difusão, o código em relação às manifestações culturais e a mensagem, interpretada segundo as ideologias que manifesta. Excluíram-se desta categoria as referências que dizem respeito especificamente a comunicação mediatizada, uma vez que esta detém conforme já discorrido no referencial teórico desta dissertação, características singulares enquanto objeto de estudos da comunicação.

Complementando a associação com a classificação por áreas de conhecimento, foi elaborada **Categoria Mediática**, acordo com a noção da peculiaridade dos processos e usos que estabelecem a especificidade do objeto da comunicação, enquanto campo de

estudo esta categoria inclui todas as ocorrências registradas que se associam aos usos, funções e operações de recursos mediáticos relativos a publicidade e propaganda, ao jornalismo, as relações públicas, ao marketing, etc. Na decomposição do fenômeno da comunicação em subcategorias fez-se a relação ao postulado proposto por Lasswell, aonde emissor/receptor foram relacionados aos efeitos e a recepção (quem), o canal compreendeu a análise dos media (onde?), o código se relaciona com as formas e técnicas de produção, a mensagem ao conteúdo(o que?).

Figura 13. Relação entre categorias de análise e subcategorias

categoria/ subcategoria	Tecnológica	Social	Mediática
emissor/receptor	usuário, fonte, interlocutor	ator, sujeito, indivíduo	efeitos, quem?
mensagem	mensagem	ideologias	conteúdo, o que?
código	sinal, modulação	culturas, identidades	produção, como?
canal	meio, mídia,	técnicas	meios, onde?

Cabe salientar que definições de subcategorização foram estabelecidas em uniformidade com a construção teórica que serviu de base para a fundamentação relativa aos atributos da comunicação enquanto objeto de estudo e campo de saber e aos modelos comunicacionais vinculados a introdução do termo digital no vocabulário da comunicação, conforme entendimento proposto e explicitado nos capítulos que antecederam a exposição desta análise de conteúdo.

Finalizando a elaboração de um conjunto de categorias, no intento de preservar as fidelidade e representatividade das categorias definidas acima, recorre-se ao acréscimo de uma quarta categoria, denominada **indeterminadas**, na qual foram lançadas as unidades de registro que não se encaixaram em nenhuma das outras categorias, ou mesmo aquelas cuja relação com contexto original, davam margem a mais de uma categorização.

Isso se refere a situações onde o termo digital está contido na denominação de um nome próprio de obra, instituição, ou em expressões cuja contextualização no texto original não permitam indicar a qual das categorias anteriores seja associado. Por exemplo, o nome Centro Nacional de Excelência em Produção de Conteúdos Digitais Interativos e Interoperáveis e a expressão "compartilhamento de conteúdos digitais", na

primeira situação corre-se o risco de ferir o critério de exclusividade por ser possível associar a expressão as 3 categorias em subcategorias distintas ou a nenhuma delas dependendo da abordagem (Tecnológicas e mensagens (considerando apenas interativos e interoperáveis), sociais e emissor, considerando centro nacional no sentido de aglutinação, sociais e canais, considerando a excelência em produção, mediáticos e canal considerando a questão de interativos e interoperáveis entre outras possibilidades.

Toda descrição, por simples que seja, deve considerar uma forma de inferência, e sugerir o porquê de diferentes unidades de análises se situarem dentro da mesma categoria. Para facilitar o entendimento desta classificação, as unidades de contexto que referem ao processo de descrição das unidades de respectivas propostas de codificação estão demonstradas nas tabelas abaixo.

Figura 14. Separação da ocorrência do termo digital de acordo com as categorias de análise:

Tecnológicas	Sociais	Mediaticos	Indeterminada
1. alternativa digital de transmissão em AF;	1. acelerada digitalização;	1. acervos culturais digitais,	1. Porto Digital (projeto de inclusão);
2. ambiente digital e topologias de rede;	2. acesso digital do cidadão;	2. ambiente digital [Nesse];	2. SinapseDigital e "Digitofagia"
3. o ambiente digital [em];	3. alfabetização digital;	3. ambiente digital [transposição dos métodos produtivos para o];	3. "jukebox digital" [espécie de]
4. arquivos digitais;	4. capacitação digital;	4. áudio digital;	4. Programa Brasileiro de Inclusão Digital"
5. arquivos digitalizados	5. cenário digital;	5. conteúdos digitais [compartilhamento de];	5. Conteúdos Digitais Interativos e Interoperáveis [Centro Nacional de Excelência em Produção de];
6. áudio digital;	6. cidades digitais	6. convergência digital [a];	6. integração digital;
7. circuito digital integrado [um];	7. controles e perseguições digitais;	7. convergência digital;	
8. conversão para digital [das tecnologias de comunicação analógica e a sua...];	8. cultura das redes digitais	8. cultura digitais [formação da comunicação e da];	
9. crescimento da digitalização;	9. cultura digital [o avanço da];	9. Digitalização [comunicação via];	
10.dados digitais;	10.cultura digital;	10. digitalização da rádio [impacto da];	
11.digital [Da válvula ao]	11.democracia digital;	11. digitalização da televisão;	
12.digitalização [A];	12.digital ecosystem;	12. digitalização do audiovisual;	
13. digitalização[13.digitalização crescente;	13. digitalização	
	14.digitalização intensa;		
	15.digitally networked environment [mode of production in the];		
	16.dimensão digital;		

<p>a... sofrer alterações técnicas significativas];</p> <p>14. dispositivos digitais [interfaces gráficas e outros].</p> <p>15. equipamentos digitais;</p> <p>16. formato digital;</p> <p>17. intensa digitalização,</p> <p>18. interfaces digitais [novas];</p> <p>19. introduções tecnológicas digitais;</p> <p>20. máquinas digitais [hegemonias].</p> <p>21. máquinas digitais;</p> <p>22. meio digital [bandas com];</p> <p>23. meios digitais [dos]</p> <p>24. meios técnicos digitais</p> <p>25. modelo analógico para o digital;</p> <p>26. objetos digitais;</p> <p>27. padronização digital;</p> <p>28. processo de digitalização;</p> <p>29. receptores digitais;</p> <p>30. recursos digitais sofisticados;</p> <p>31. rede digital,</p> <p>32. redes digitais</p> <p>33. redes digitalizadas [das];</p> <p>34. segmento</p>	<p>17. ecologia digital;</p> <p>18. economia digital;</p> <p>19. Ecossistema digital;</p> <p>20. elementos digitais à cultura [incorporando esses].</p> <p>21. era digital [na];</p> <p>22. era digital.</p> <p>23. esfera digital [sucesso do produto na];</p> <p>24. excluídos digitais;</p> <p>25. espaço digital [no],</p> <p>26. exclusão digital;</p> <p>27. experiências da sociedade digital;</p> <p>28. fenômeno digital;</p> <p>29. fratura digital e da fratura social [da];</p> <p>30. governo digital [o];</p> <p>31. hipertrópole digital [uma];</p> <p>32. incluídos digitais;</p> <p>33. inclusão digital [A];</p> <p>34. inclusão digital [da]</p> <p>35. inclusão digital cognitiva;</p> <p>36. Inclusão digital;</p> <p>37. linguagem digital [própria do ciberespaço];</p> <p>38. meio digital [usuários do]</p> <p>39. mudar para digital;</p> <p>40. mundo digital ["discurso" pré-simbólico ativo do];</p> <p>41. mundo digital [usos do];</p> <p>42. mundo digital;</p>	<p>[qualquer mensagem, som ou imagem pode ser editada],</p> <p>14. expansão da digitalização e interatividade;</p> <p>15. formatos digitais;</p> <p>16. futura produção digital;</p> <p>17. informações digitais [ambiente de]</p> <p>18. informações digitais [rede de troca de];</p> <p>19. interatividade digital;</p> <p>20. linguagens digitais emergentes.</p> <p>21. mídia digitais [proliferação]</p> <p>22. mídia e redes digitais;</p> <p>23. mediadas digitalmente (A percepção);</p> <p>24. meio digital e enredado de comunicação [ligação entre o];</p> <p>25. mídia digital;</p> <p>26. mídias analógicas e digitais;</p> <p>27. mídias digitais [as].</p> <p>28. mídias digitais;</p> <p>29. música digital [faixas de];</p> <p>30. músicas transacionadas digitalmente em redes telemáticas;</p> <p>31. objetos digitais (como fax, celular, câmera digital, aparelho de DVD</p>	
--	---	---	--

<p>Digital; 35. sinais digitais; 36. sinal digital/analógico; 37. sinal digital; 38. sistema digital [do ... analógico para o]; 39. sistema digital; 40. sistemas digitais [interface dos]; 41. sistemas digitais; 42. suporte digital; 43. tecnologia digital; 44. tecnologias digitais [infraestrutura de telecomunicações e]; 45. tecnologias digitais distribuídas em redes; 46. tecnologias digitais; 47. transmissão digital [a]; 48. transmissão digital [vantagens da]; 49. transmissão digital; 50. transmissões... digitais [...analógicas para]; 51. versão digital; 52. versões digitais;</p>	<p>43. novo paradigma digital; 44. redes digitais ["Netnografias nas"]; 45. redes digitais [impactos das]; 46. revolução digital [a]; 47. revolução digital; 48. revolução digital; [que] 49. serviços públicos digitalizados 50. sociedade digital [experiências da]; 51. sociedade digital [potencial da]; 52. substituição digital; 53. tecnologia digital [impactos da]; 54. tecnologias digitais [acesso às]; 55. tecnologias digitais [incorporação social das]; 56. tecnologias digitais [proliferação social de]; 57. transmissões digitais [consumidor de]; 58. universo digital; 59. vida digital e virtual [acesso à];</p>	<p>cartão magnético, mp3, ipod, entre outros); 32. processo de conversão ... a digital [de analógica...]; 33. publicação digital [mecanismos de]; 34. rádio digital; 35. rádios digitais; 36. rede digital [estrutura de comunicação em]; 37. redes digitais [ambiente das] 38. redes digitais [ambiente de]; 39. redes digitais [comunicação em]; 40. redes digitais [modo de produção no ambiente das]; 41. tecnologia digital [mediação da]; 42. tecnologias de comunicação...digital [...analógica e a sua conversão para] 43. tecnologias digitais da informação e comunicação; 44. televisão digital interativa; 45. televisão digital; 46. Televisão Digital; [a] 47. televisão interativa digital; 48. texto digital; 49. TV digital; 50. TV e rádio digital;</p>	
---	---	--	--

Por esta categorização, assim como em toda a classificação procurou-se satisfazer o conjunto de critérios, ou regras, que tanto Bardin, Krippendorff e os demais autores que tratam da análise de conteúdo considerem imprescindíveis:

Assim sendo, a amostragem atende a **Regra da representatividade** na medida em que é uma parte representativa do universo em questão: a produção científica como condutora de um diálogo possível e dinamizador do campo da comunicação, selecionados de um repositório de destaque na área. De acordo com **Regra da exaustividade**, além de levantar todos os documentos que estão contidos no corpus foram justificadas tanto a ausência dos documentos não abordados, quanto esclarecimentos em relação a escolha daqueles encaixados na amostragem.

Pela **Regra da homogeneidade** a seleção dos documentos deve ser precisa e obedecer a critérios específicos. Assim tanto os métodos e os critérios utilizados na coleta quantitativa quanto àqueles definidos para a organização qualitativa apontavam como condição principal manter a leitura sob a perspectiva da comunicação como área de saber independente. Essa condição também foi a que permitiu atender a **Regra da pertinência**. A revisão teórica pressupõe uma fundamentação basilar da pesquisa, apontando para o método de abordagem dedutivo. Entendido este como um movimento do geral para o particular, implica construir categorias antes mesmo de examinar o corpus de textos. Assim, entende-se que o material de análise adequa-se às condições para satisfazer o desenvolvimento da reflexão sobre a pergunta problema e os objetivos da presente pesquisa. Essa leitura só é possível ao estabelecer por meio do aporte dos modelos sistêmicos apresentados que fazem a interpretação das práticas comunicativas vinculadas à prática com o pensamento que teoriza sobre a definição dos argumentos de busca, a coleta, triagem e conferência dos artigos que compõem o corpus da pesquisa. A seguir, são examinados os resultados desta pesquisa, referentes a cada uma das categorias de análise do modelo proposto.

4.3 - O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

A análise desenvolvida neste trabalho partilhou da concepção apresentada por Bardin (1977, p. 46-49) que percebe em outras ciências condições de aporte a análise de conteúdo (normas de comparação e índices de inferência). Em alguma medida a semântica (o estudo do sentido das unidades linguísticas) funciona como técnica para

avaliar o material principal da análise de conteúdo: os significados ao descrever os universais do sentido linguístico (ao nível da língua e não da fala). Também se retira argumentos da lexicologia, estudo científico do vocabulário, na aplicação dos métodos estatísticos à descrição do vocabulário. Ambas aproximam-se por funcionarem com unidades de significações simples (a palavra) e por remeterem para classificações e contabilização pormenorizadas de frequências.

A apreciação exclusiva dos autores dos artigos coletados (discurso) não foi considerada fundamental neste modelo de análise. Fixou-se a leitura no conjunto de palavras e expressões que se sobressaem na leitura coletivizada como amostra das impressões da coletividade da comunicação. O tratamento e a interpretação dos dados obtidos ocorrem no sentido de explicitar o que foi descoberto, o que é significativo no presente contexto das categorias temáticas.

As informações foram analisadas tendo-se por base a opção de se separar dois grupos de dados: um relativo à expressão comunicação digital e o outro ao uso do termo digital. Analisaram-se também as possíveis relações entre as categorias. As inferências podem ser de natureza diversa, o que Bardin (ibidem, p. 40) atribui às condições de produção dos textos. Este passo corresponde à análise qualitativa, na qual foram associados os modelos comunicacionais, as teorias utilizadas para explicar o fenómeno digital e as ocorrências que foram detectadas no contexto dos artigos. Deste modo pode-se confirmar ou refutar as conjecturas levantadas neste estudo e também realizar um diagnóstico geral do campo das produções científicas acerca da comunicação digital ao descrever e analisar um escopo que permite corroborar, mesmo que parcialmente, os pressupostos esboçados a respeito da elaboração de conceitos.

4. 3. 1 - Unidades de análise: ocorrência do termo digital

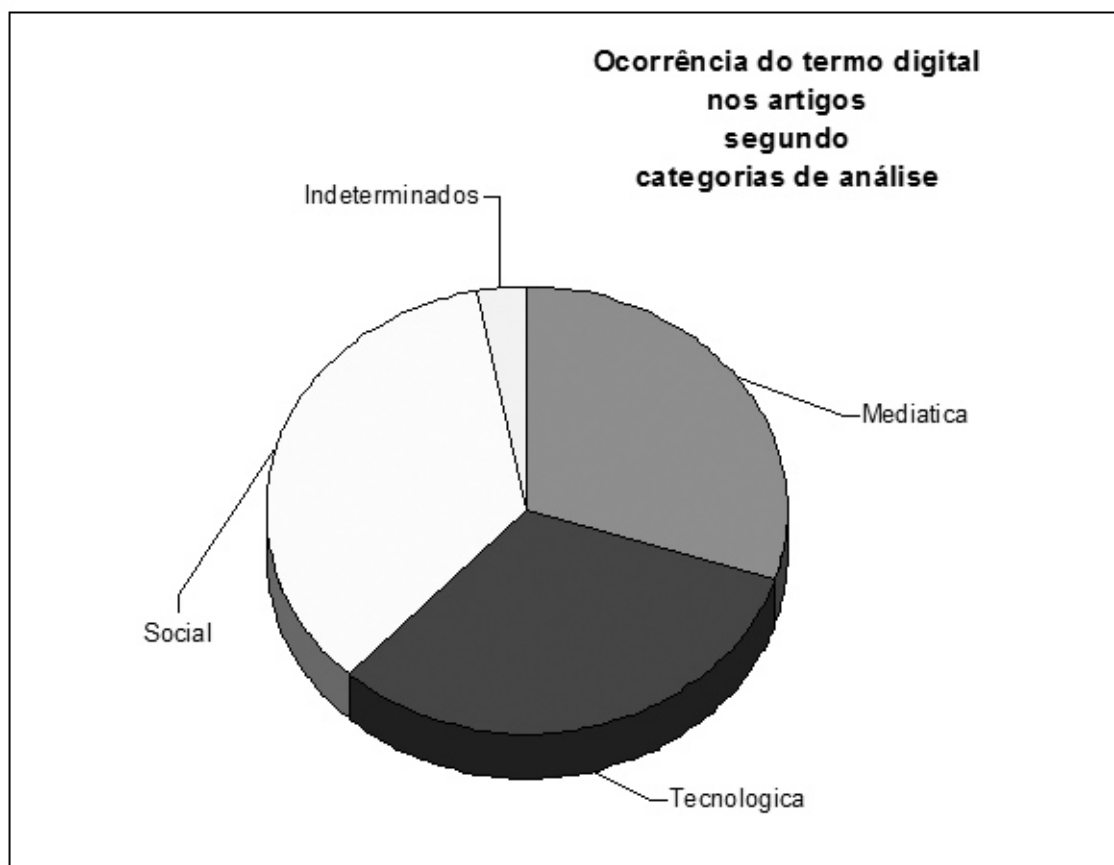
A análise categorial baseia-se na presença ou ausência de itens de sentido ou características de conteúdo na totalidade de um texto; nesse caso, os trechos dos textos selecionados no conjunto de materiais escolhidos nas revistas. A etapa da pré-análise permitiu identificar expressões e construções textuais que foram reunidas a partir da relação de convergência com os três aspectos que foram considerados fundamentais na constituição do conceito digital.

Num primeiro momento se trabalhou a leitura apenas dos dados referentes as

categorias. Estas categorias temáticas, inicialmente baseadas na revisão bibliográfica especializada não esgotam por si mesmas a análise das informações, enquanto pesquisador tenta-se ultrapassar a mera descrição dos dados acrescentando as percepções somadas pela experiência anterior e pelo aporte da fundamentação teórica. Para isto, foi efetuada uma abstração com intuito de estabelecer conexões e relações que possibilitaram a proposição de algumas explicações e interpretações a cerca dos dados observados.

Conforme fica explicitado no gráfico apresentado na figura 12, a distribuição das unidades de contexto foi quase equiparada entre as três categorias de análise. Tendo uma ocorrência um pouco superior na categoria social (59 ocorrências) e quase equivalente nas categorias tecnológica (52) e mediática (50).

Figura 15. Gráfico - Comparação entre categorias de análise

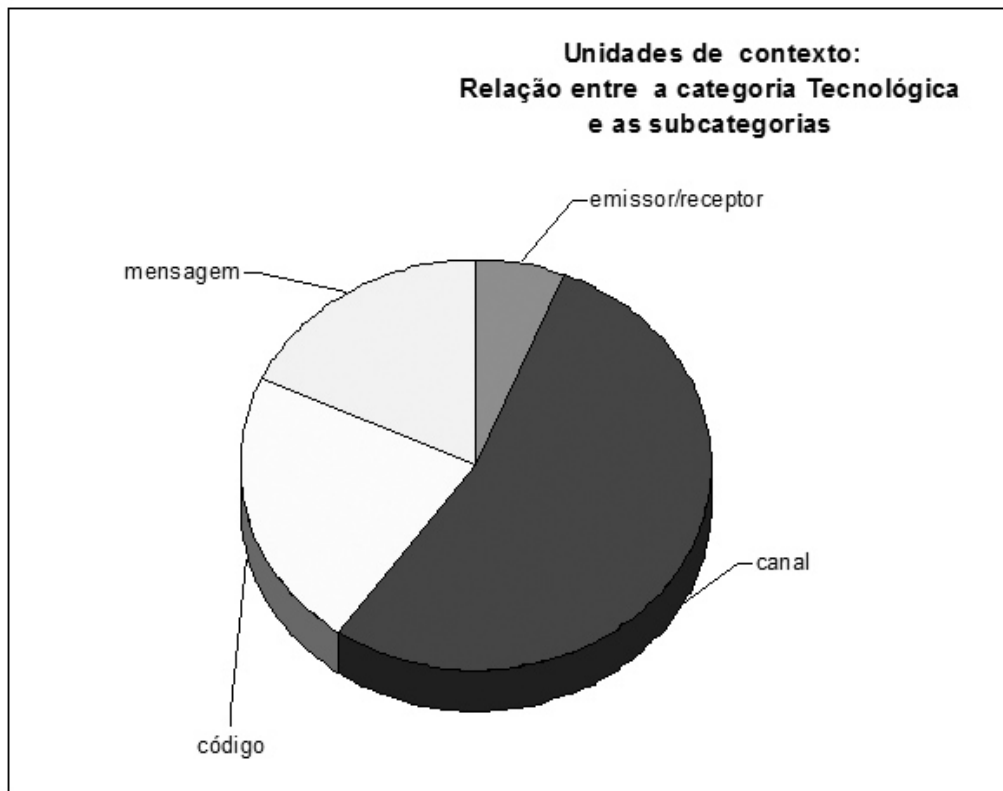


Em concordância com o método temático considerou-se pertinente agrupar os substantivos e adjetivos colhidos no texto dos artigos em “caixas”, nas quais as unidades de análise essenciais foram sendo organizadas no sentido da diversificação interpretação do termo digital de forma a facilitar a análise dos mesmos. Considerando

estes grupos identificados, verificou-se após a análise que há realmente uma naturalização pela aceitação do digital como conceito dado, visto que em nenhum artigo foi exposta claramente uma significação, nem mesmo definição ou justificativa do uso do termo digital em detrimento de outros.

O que termo digital demarca depende de um contexto ora pautado pela relação com a novidade, com demarcação temporal como nas expressões: era digital, revolução digital, novo paradigma digital, ora avaliado criticamente pela a implicação do desenvolvimento de técnicas e ferramentas para produzir como resultado, informação e ação, caso de: transformação digital, redes digitais , televisão digital, serviços públicos digitalizadas.

Figura 16. Gráfico - Relação entre subcategorias na categoria Tecnológica



A partir da observação anterior, pode-se afirmar que na população estudada por meio da amostragem intencional, existe um aparente consenso na utilização do termo digital como demarcador entre a condição de atualidade de cada uma das ideias. Infere-se isso pela similaridade ocorrida na distribuição de unidades de registro entre as três instâncias de categorias principais.

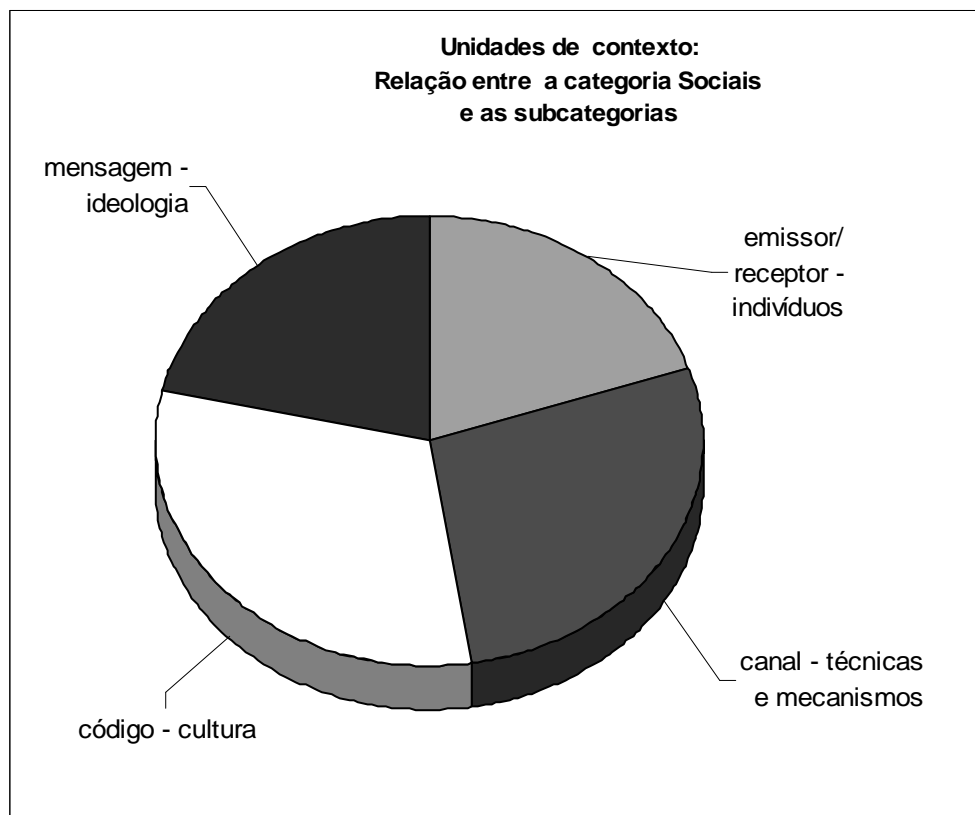
Figura 17. Tabela - Categoria Tecnológicas, baseadas na divisão de domínios de saber Ciências Exatas.

Unidades de contexto/Categoria Tecnológicas	Emi/Rec	Canal	Código	Mensagem
1. alternativa digital de transmissão;		1.		
2. ambiente digital e topologias de rede;		2.		
3. ambiente digital;		3.		
4. arquivos digitais;				1.
5. arquivos digitalizados				2.
6. áudio digital;				3.
7. circuito digital integrado [um];			1.	
8. conversão para digital [das tecnologias de comunicação analógica e a sua...];			2.	
9. crescimento da digitalização;	1.			
10. dados digitais;			3.	
11. digital [Da válvula ao]		4.		
12. digitalização [a];				
13. digitalização;				
14. dispositivos digitais [interfaces gráficas e outros].		5.		
15. equipamentos digitais;		6.		
16. formato digital;				4.
17. intensa digitalização,				5.
18. interfaces digitais [novas];		7.		
19. introduções tecnológicas digitais;	2.			
20. máquinas digitais [hegemonia das].		8.		
21. máquinas digitais;		9.		
22. meio digital [bandas com];		10.		
23. meios digitais [dos]		11.		
24. meios técnicos digitais		12.		
25. modelo analógico para o digital;			4.	
26. objetos digitais;				6.
27. padronização digital;			5.	
28. processo de digitalização;			6.	
29. receptores digitais;	3.			
30. recursos digitais sofisticados;		13.		
31. rede digital,		14.		
32. redes digitais		15.		
33. redes digitalizadas [das];		16.		
34. segmento Digital;			7.	
35. sinais digitais;			8.	
36. sinal digital/analógico;			9.	
37. sinal digital;			10.	
38. sistema digital [do ... analógico para o];			11.	
39. sistema digital;		17.		
40. sistemas digitais [interface dos];		18.		
41. sistemas digitais;		19.		
42. suporte digital;		20.		
43. tecnologia digital;		21.		
44. tecnologias digitais [infraestrutura de telecomunicações e];		22.		
45. tecnologias digitais distribuídas em redes;				7.
46. tecnologias digitais;		23.		
47. transmissão digital [a];		24.		
48. transmissão digital [vantagens da];		25.		
49. transmissão digital;		26.		
50. transmissões... digitais [...analógicas para];		27.		
51. versão digital;				8.
52. versões digitais;				9.

Esta caracterização de uma espécie de estabilidade consensual, representada na figura 13, pode ser compreendida em relação a circunstância da produção de conhecimento, já apontada como consequência da interdisciplinaridade, condição que provoca no pesquisador o ímpeto de construir suas referências por meio de fontes variadas. Revelam-se pela leitura das categorias de análise, ao menos duas perspectivas, uma que reduz o processo comunicativo à mensagem, e outra que entende que meio define a mensagem.

Essa última perspectiva refere-se à tendência ao determinismo tecnológico, no qual não importa tanto o sentido da mensagem (o significado), mas a forma como esta é transformada ou transfigurada: cultura digital, de democracia digital. Entende-se, ao comparar essa relação entre o conteúdo geral de cada categoria e aquele organizado de acordo com as características pertinentes as subcategorias que há uma tendência a valorizar predicados ligados a velocidade, eficiência e formato dos dados.

Figura 18. Gráfico - Categorias Sociais, baseada na divisão de domínios de saber Ciências Sociais e subcategorias relativas



A prevalência de unidades de contexto relacionadas ao canal era uma possibilidade esperada na categoria Tecnologias, pois esta é a que mais aproxima da compreensão instrumental da comunicação, relacionada a condição de eficiência e qualidade na transmissão de informação. Os elementos de registro que ficaram na subcategoria relativa a emissor/receptor são: crescimento da digitalização, que supões a ação de alguém (indivíduo ou grupo) para que isso se efetive; também no que diz respeito a introduções tecnológicas digitais, atuando como operador de um sistema. em relação a receptores digitais a referencia diz respeito a um dos elementos do modelo matemático. De qualquer maneira parece ser um sintoma da supervalorização deste aspecto, comparando-se a ocorrência nas quatro subcategorias relacionadas (emissor, canal, código, mensagem).

Assim como nos trabalhos sobre a influência dos meios de comunicação a que Balle se refere, "os preconceitos e observações próprios de seu tempo", marcam o conteúdo dos artigos e da percepção da comunicação digital que estes "contribuem para difundir, voluntariamente ou não" (1996, p.582-583).

Da análise realizada sobre a relação entre as unidades de contexto contidas nas subcategorias relativas a categoria tecnológicas, se destacam aquelas que fazem referência aos canais, evidenciando o interesse pelas interfaces ou com os equipamentos mesmo quando se aborda a infraestrutura ou as vantagens dos sistemas digitais para a comunicação. Isso pode ser ocasionado, talvez pelo efeito do uso de figuras de linguagem ou de palavras na redação, como a metonímia. Ou seja, o termo digital fica subtendido na opção por outro, o que pode caracterizar-se, do ponto de vista conceitual por uma substituição do todo, por uma parte.

Como ilustração pode-se observar que, por exemplo, artigo no *A Internet como fator de mudança no jornalismo*, sucedessem enunciações metonímicas e de sinônimas partindo desde a infra-estrutura material da comunicação digital, passando por rede técnica informatizada, natureza diferenciada das tecnologias contemporâneas em relação de sinômia com o termo internet. Ocorrem também na substituição do efeito, capacidade tecnológica, pela causa, estrutura de comunicação em rede digital, na substituição da de internet pela rede. Exemplos dessa relação podem ser observados de forma usual em qualquer texto que trate de comunicação digital em qualquer área, e não comprometem em nada a qualidade da informação que esta sendo compartilhada.

Figura 19. Tabela - Categorias baseadas na divisão de domínios de saber Ciências Sociais e subcategorias relativas

Unidades de contexto/Categoria Sociais	Emi/Rec indivíduos	Canal Téc. e macan.	Código cultura	Mensagem ideologias
1. acelerada digitalização		1.		
2. acesso digital do cidadão		2.		
3. alfabetização digital			1.	
4. capacitação digital			2.	
5. cenário digital			3.	
6. cidades digitais			4.	
7. controles e perseguições digitais				1.
8. cultura das redes digitais			5.	
9. cultura digital [o avanço da]		3.		
10. cultura digital				2.
11. democracia digital			6.	
12. digital ecosystem		4.		
13. digitalização crescente		5.		
14. digitalização intensa		6.		
15. digitally networked environment [mode of production in the]			7.	
16. Dimensão digital		7.		
17. ecologia digital			8.	
18. economia digital			9.	
19. Ecossistema digital			10.	
20. elementos digitais à cultura [incorporando esses]				3.
21. era digital [na]			11.	
22. era digital		8.		
23. esfera digital [sucesso do produto na]				4.
24. espaço digital [no]	1.			
25. Excluídos digitais	2.			
26. exclusão digital			12.	
27. experiências da sociedade digital			13.	
28. fenômeno digital		9.		
29. fratura digital e da fratura social [da]			14.	
30. governo digital [o]				5.
31. hipertrópole digital [uma]		10.		
32. incluídos digitais;	3.			
33. inclusão digital [A]	4.			
34. inclusão digital [da]	5.			
35. inclusão digital cognitiva	6.			
36. Inclusão digital	7.			
37. linguagem digital [própria do ciberespaço]			15.	
38. meio digital [usuários do]	8.			
39. mudar para digital		11.		
40. mundo digital [“discurso” pré-simbólico ativo do]				6.
41. mundo digital [usos do]	9.			
42. mundo digital			16.	
43. novo paradigma digital				7.
44. redes digitais [“Netnografias nas”]			17.	
45. redes digitais [impactos das]				8.
46. revolução digital [a]				9.
47. revolução digital				10.
48. revolução digital [que]				11.
49. serviços públicos digitalizados		12.		
50. sociedade digital [experiências da]			18.	
51. Sociedade digital [potencial da]		13.		
52. substituição digital			19.	
53. tecnologia digital [impacto da]		14.		
54. tecnologias digitais [acesso às]	10.			
55. tecnologias digitais [incorporação social das]		15.		
56. tecnologias digitais [proliferação social de]		16.		
57. transmissões digitais [consumidor de]	11.			
58. universo digital;		17.		
59. vida digital e virtual [acesso à]	12.			

As implicações ressaltadas, dizem respeito apenas a conjunção de informações que colaboram na construção conceitual depreendida por essa agregação de ideias e noções. Caso da comunicação digital, enraizada na formatação do bit, pela sua apropriação pelo homem na convergência entre várias tecnologias de telecomunicações, de informática, de estratégias militares propiciou o desenvolvimento de produtos como os protocolos de comunicação, com destaque para internet. Ainda esta, às vezes confundida com uma rede que lhe é derivada, a WWW.

Na categoria sociais, como se pode observar na figura 16, revela-se uma certa uniformidade entre a distribuição de unidade de registro abrigadas em suas subcategorias. Por exemplo, pelo número de ocorrências de palavras como ‘inclusão’, em oposição a exclusão com pouca frequência credita-se uma atenção às relações com a utilização e instrumentalização operacional para uso de ferramentas digitais. Por outro lado percebe-se que expressões que também estão associadas a essa noção, como acessibilidade digital ou usabilidade digital não foram computados em nenhum dos artigos da amostra.

Adicionalmente, pela ocorrência de termos como “novos”, “revolução”, “era” observada nas assertivas presentes nos textos denota-se uma preocupação voltada para o digital ainda como inovação no âmbito social, evidenciada relação entre categorias e subcategorias relacionadas sob essa perspectiva.

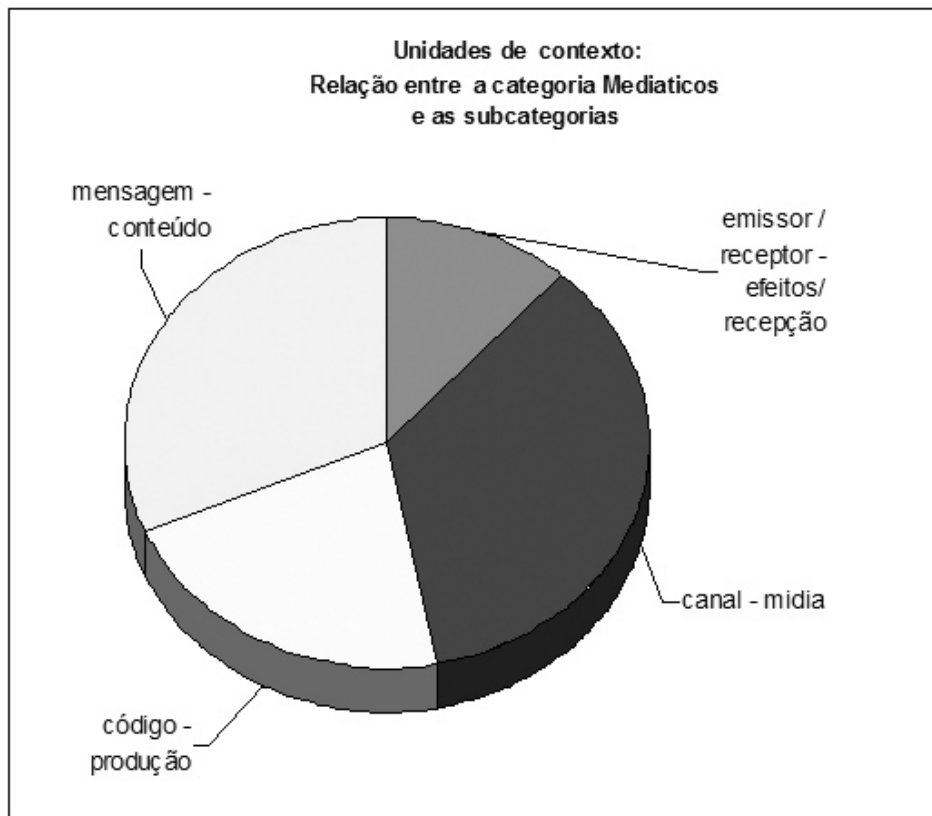
A observação dos gráficos e tabelas relativos a categoria Mediáticos, apontam para a predominância de unidades de contexto que se situam entre a mensagem e o canal. Essa relação entre canal e mensagem pôde ser percebida na expressão Televisão interativa digital, aonde segundo interpretou-se na avaliação de contextos, o termo interativo tem papel de qualificar do conteúdo disponibilizado num equipamento cujo a configuração do código (que estabeleceria a relação com a categoria Tecnológicos) é digital.

Percorrendo-se as classificações temáticas e subtemáticas, percebe-se a constituição do conceito digital pertinente a comunicação ainda esta em processo. No geral as opções vocabulares ainda estão muito arraigadas a concepção técnico-instrumental, ligados aos processos de produção e aos meios de suporte para disseminação de conteúdo. Credita-se, este tipo de situação, segundo as reflexões

realizadas nesta investigação a naturalização, conseqüência aparentemente de uma ausência de reflexão sobre algo, simplesmente porque seu uso é comum.

As menções a ação humana, ainda num plano menos predominante, como aparecem nos registros, mas caracterizando em alguma medida a questão do compartilhamento comunicativo em enunciados como: rede de trocas de informações, compartilhamento de conteúdos, interatividade digital, mediação da tecnologia, formação de cultura, impactos na sociedade que foram agregadas na categoria mediaticos, assim como todas as referencias das categorias sociais apontam para essa outra angulação que considera o ser social ativo na estruturação conceitual do termo digital.

Figura 20. Gráfico - Categoria Mediaticos e sua divisão em subcategorias



O digital mediatico que se revela nos artigos parece mais transdisciplinar do que interdisciplinar (GOMES. 2003, p.238), no sentido que aparenta ainda ser um termo curinga que justifica todo um discurso de modernidade tecnológica, ou pós modernidade, na visão e alguns. Essa concepção de digital parece estar envolvida tato pelas utopias quanto pela baixa reflexão teórica sob a tutela do saber comunicacional.

Figura 21. Tabela - Categorias baseadas na divisão de domínios de saber, Ciências da Comunicação- Mediaticos

Unidades de contexto/Categoria Mediaticos	Emr/rec Efeitos/recepção	canal Mídias	Código produção	Mensagem Conteúdo
1. acervos culturais digitais;		1.		
2. ambiente digital [em];				1.
3. ambiente digital [transposição dos métodos produtivos para o];			1.	
4. áudio digital;		2.		2.
5. conteúdos digitais [compartilhamento de];	1.			
6. convergência digital [a];			2.	
7. convergência digital;			3.	
8. cultura digitais [formação da comunicação e da];	2.			
9. Digitalização [comunicação via];		3.		
10. digitalização da rádio [impacto da];	3.			
11. digitalização da televisão;			4.	
12. digitalização do audiovisual;			5.	
13. digitalização no rádio,			6.	
14. expansão da digitalização e interatividade;				3.
15. formatos digitais;		4.		
16. futura produção digital;				4.
17. informações digitais [ambiente de]		5.		
18. informações digitais [rede de troca de];	4.			
19. interatividade digital;	5.			
20. linguagens digitais emergentes.				5.
21. media digitais [proliferação		6.		
22. media e redes digitais;		7.		
23. mediadas digitalmente (A percepção);				6.
24. meio digital e enredado de comunicação [ligação entre o];				7.
25. mídia digital;			7.	
26. mídias analógicas e digitais;		8.		
27. mídias digitais [as].		9.		
28. mídias digitais;		10.		
29. música digital [faixas de];				8.
30. músicas transacionadas digitalmente em redes telemáticas;				9.
31. objetos digitais (como fax, celular, câmera digital, aparelho de DVD cartão magnético, mp3, ipod, entre outros);		11.		
32. processo de conversão ... a digital [de analógica...];			8.	
33. publicação digital [mecanismos de];				10.
34. radio digital;				11.
35. rádios digitais;				12.
36. rede digital [estrutura de comunicação em];			9.	
37. redes digitais [ambiente das]		12.		
38. redes digitais [ambiente de];		13.		
39. redes digitais [comunicação em];				13.
40. redes digitais [modo de produção no ambiente das];			10.	
41. tecnologia digital [mediação da];	6.			
42. tecnologias de comunicação...digital [...analógica e a sua conversão para]			11.	
43. tecnologias digitais da informação e comunicação;		14.		
44. televisão digital interativa;				14.
45. televisão digital;		15.		
46. Televisão Digital; [a]		16.		
47. televisão interativa digital;				15.
48. texto digital;				16.
49. TV digital;		17.		
50. TV e rádio digital		18.		

O termo mídia foi interpretado de acordo com o contexto, sendo que algumas vezes se referia ao suporte físico de armazenamento de dados digitais ou objetos digitais, como CDs, DVDs e em outras situações era colocado no sentido de meios de comunicação, como o coletivo. No primeiro caso, sua incidência foi associada a categoria Tecnológicas, no segundo a categoria Mediáticos.

De maneira geral a ênfase esteve no canal ou suporte, destacando-se a referência a TV digital, seguida por referências as mensagens ou conteúdos expressos como, por exemplo, na expressão modos de produção, no âmbito das redes digitais classificado pela compreensão dos códigos e nas possibilidades de expressão pelas quais os meios de comunicação utilizam para expor conteúdos.

O impacto tecnológico, talvez fruto da tendência tecnomeritocrática e que advém essencialmente do que Castells denomina *big science*, ou seja, uma elite que serve de parâmetro aos demais estratos sociais. Caracterizam este padrão as prerrogativas de se fazer parte do mundo acadêmico, do exercício da ciência, por meio da vinculação com uma tradição acadêmica, do status justificado pela reputação creditada a excelência acadêmica e pelo exame e aceitação dos pares. Soma-se ainda a abertura com relação a todos os achados da pesquisa. “O que define quem pertence à comunidade é o desempenho individual tal como avaliado, e publicado, sendo que a reputação tem um valor especial para a manutenção e para a promoção dentro da comunidade” (2003, p. 53). Dentre as características desta tecnomeritocracia citada por Castells e que parece ser um requisito também na produção acadêmica da comunicação estão a valorização da descoberta tecnológica (sempre específica da programação de computador num ambiente em rede); a relevância da contribuição para o campo como um todo, de acordo com a avaliação da comunidade dos cientistas/tecnólogos. E ainda a coordenação de tarefas e projetos é assegurada por figuras de autoridade que, ao mesmo tempo, controlam recursos e gozam do respeito tecnológico e da confiança ética de seus pares. (2001, p.37)

Percebe-se que aquelas subcategorias pertinentes a ação do indivíduo (emissor/receptor) têm menor quantidade de referências, decrescendo consideravelmente das unidades de contexto listadas na categoria social, com 11 ocorrências em 52 unidades de contexto, para a mediática com 6 em 50 e por fim na categoria tecnológica que contabilizou 3 ocorrências nas 59 unidades de análise identificadas.

Os canais, mídias e mecanismos propiciados pelo conjunto de novas tecnologias da informática e meios digitais revelaram-se citados em maior número de vezes que os outros aspectos listados em todas as categorias e subcategorias.

Em contraponto a essa naturalização do uso das técnicas e tecnologias informáticas na forma de comunicação horizontal, está a força da comunicação de cidadão a cidadão, propiciada pelo conjunto de novas tecnologias da informática, meios digitais. Ao permitir que cada pessoa crie o seu próprio sistema de comunicação no ambiente em rede instala-se uma dificuldade de sistematização do conjunto de técnicas e interações possíveis. Dentro da perspectiva da comunicação social, persiste sob o olhar investigativo, assim como no mundo real, a dificuldade de distinguir o que se conceberia como práticas de comunicação social.

A consulta as referências que constavam da bibliografia dos 18 artigos³⁴ que compunham a amostragem intencional, continham indiscriminadamente a expressão comunicação digital (em qualquer parte do conteúdo geral), utilizados para a distribuição das unidades de análise em relação ao termo digital, percebeu-se uma predominância de obras de Pierre Lévy, Manuel Castells, André Lemos, Paul Virílio, Marshall McLuhan.

Destes autores apenas McLuhan é anterior ao apogeu da digitalização na comunicação. Contudo é um dos autores mais associados as ideias que tentam definir ou mesmo conceituar os atravessamentos da tecnologia digital nas relações humanas e na comunicação. Os demais autores tem dedicado algum esforço intelectual na discussão relativa a comunicação digital. Sendo que Virílio é reconhecidamente o mais crítico em relação ao que ele considera uma informatização desenfreada. Manuel Castells é sociólogo e atua na área da comunicação,³⁵.

34 A bibliografia diz respeito aos 18 artigos inicialmente triados pelo recorte intencional do corpus de pesquisa. Apenas posteriormente, no refinamento focado na aparição contetual da expressão comunicação digital, foram suprimidos, conforme já explicado, aqueles 4 artigos, nos quais a expressão não era parte do texto, mas elemento da estrutura de formatação ou da bibliografia.

35 Segundo o Social Sciences Citation Index foi o quarto cientista social mais citado no mundo no período 2000-2006 e o mais citado acadêmico da área de comunicação, no mesmo período. informação retirada de:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Castells>. Acesso em 12-01-2011.

O filósofo da informação Pierre Levy é a fonte mais constante nas bibliografias. Sua referência é utilizada em três dos artigos analisados para descrever uma infraestrutura material da comunicação digital que originalmente está vinculada ao conceito de ciberespaço. Rheingold estudioso de comunidades virtuais, JOHNSON, se dedica a cultura digita, Lessig é um dos fundadores do Creative Commons, instituto inserido nas perfectivas da cultura digital e que disponibiliza licenças flexíveis para obras intelectuais.³⁶

Três autores de língua portuguesa figuram entre os mais referenciados, Iani, um dos fundadores da sociologia no Brasil, Trivinho e Lemos referências brasileiras nos estudos denominados cibercultura, área, que tem por objeto, o desenvolvimento da Comunicação Mediada por Computador e seus efeitos sobre a indústria de Comunicação e a sociedade³⁷.

Mesmo que não seja uma condição determinante para definir os rumos dos discursos, essa apreciação do referencial bibliográfico pode sinalizar para uma desejada atenção sobre a formatação de concepções mais cuidadosas na configuração dos conceitos relacionados ao digital.

Figura 22. Tabela - Principais referencias bibliográficas nos artigos

Autor	origem	Referencia em no. de artigos	Referencia em no. de obras
LEVY, Pierre	internacional	14	8
CASTELLS, Manuel	internacional	10	2
LEMOS, André	nacional	8	7
MCLUHAN, Marshall	internacional	5	4
TRIVINHO, Eugenio	nacional	4	6
VIRILIO, Paul	internacional	3	7
RHEINGOLD, Howard	internacional	3	3
JOHNSON, Steven	internacional	3	3
LESSIG, Lawrence	internacional	3	3
IANI, Otavio	nacional	3	2

36 Informação retirada em:

<http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=3>
Acesso em 12-01-2011.

37 Informação retira da ementa do Grupo de pesquisa em Cibercultura da Intecom. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=356:dt5-ciberculturas&catid=100&Itemid=75>. Acesso em 19-12-2010.

4.3.2 - Unidades de análise: expressão comunicação digital

Complementado a análise de conteúdo da amostragem utilizada para realizar a presente pesquisa, uma outra etapa do diagnóstico a respeito da reconstrução conceitual do digital focou especificamente a ocorrência da expressão comunicação digital, compreendida aqui pela potencialidade de conceito-chave. Entendendo-a como um marco conceitual por relacionar duas ideias determinantes no entendimento teórico da comunicação contemporânea: um a própria noção de comunicação, conceito fundamental e o outro, aquele que na atualidade tem provocado ao menos a especificação de qualidades diferenciais na classificação de processos e fenômenos da atualidade, senão uma nova configuração dos fatos comunicativos e mediáticos.

Sob esta perspectiva, dentre os 18 artigos inicialmente selecionados e que traziam a expressão comunicação digital foram considerados especificamente um conjunto de 13 artigos no objetivo de avaliar as condições de ocorrência da expressão comunicação digital e seu contexto. Nos demais a expressão não era parte do texto do artigo em si, mas constituía um elemento da estrutura formal, seja como parte do cabeçalho, seja na nota de referência a identificação do autor, seja como título de obra constante da referência bibliográfica. Essa adequação sustentou como critério o pertencimento e a contextualização dos elementos selecionados para a análise.

O olhar superficial deixou transparecer que o que conecta a maior parte desses artigos que citam ou discorrem temas de alguma maneira aproximados da questão da comunicação digital, é uma “conformidade” na descrição de características, adjetivos e modelos relacionados ao tema.

Pela análise de conteúdo das frases que contêm o termo digital e naquelas que refletem as características e atributos que nominadas no capítulo 3, é possível apreciar a constituição de um fenômeno aproximação de concepções conectadas a ideias de comunicação digital, com uso das palavras mídias, meios, mediadas por exemplo. Por outro lado, é igualmente notado um padrão pouco constante da aplicação da expressão comunicação digital, preterida em favor de outras, como mídia digital, novas tecnologias da comunicação, comunicação mediada por computador e expressões similares. Pela amostra intencionalmente selecionada, a menção literal da expressão comunicação digital, ocorre em um número reduzido de artigos, mesmo levando-se em

conta o universo total recuperado na triagem inicial, de 252 artigos para 18 consideradas as aparições em referências, notas rodapé e outros. Quando filtrados em relação a exclusiva ocorrência no corpo textual do artigo, as aparições são observadas apenas em 13 destes, sendo que em somente três artigos, a expressão é utilizada uma segunda vez.

Como observado em relação ao corpus total, do qual foi retirada a amostra que centralizou esta análise, é comum também a inexistência da expressão, ou uso de expressões, como “meio digital”, “mídias digitais”, “comunicação mediada por computador” e outras similares. Exemplificando novamente a questão dos recursos linguísticos como a metonímia.

Dentre os conceitos e definições que dizem respeito às características referentes à comunicação digital, propostos por autores dos artigos indexados pelo portal Revcom que já foram analisados no processo inicial da pesquisa e usam de maneira explícita a expressão, não há uma justificativa ou explicação sobre seu significado ou uso. Apenas em dois dos artigos, se faz menção explícita a características que distinguem a função conceitual de características da expressão comunicação digital (*Mediatização e Comunicação Organizacional e Código aberto e produção colaborativa nos pontos de cultura*).

Na amostragem da ocorrência da expressão, se destacam duas formas de apresentação, ora como o contrário de comunicação analógica, ora como distinta ou oposta à expressão “comunicação de massa”. Também são encontradas menções de comunicação digital, no sentido de meio de comunicação e de campo de estudo. Ocorre também a inexistência da expressão, ou uso de expressões, como “meio digital”, “mídias digitais”, “comunicação mediada por computador” e outras similares como equivalentes. Também são encontradas menções de “comunicação digital”, no sentido de meio de comunicação.

Dentre os conceitos e definições que dizem respeito às características referentes à comunicação digital, propostos por autores dos artigos indexados pelo portal Revcom que usam de maneira explícita a expressão, não há uma justificativa ou explicação sobre seu significado ou uso.

Em conformidade com os pressupostos teóricos reunidos nos capítulos anteriores que apontaram a constituição tecnológica como origem predominante para o conceito digital, houve também a observação reconstrução através de noções que convergem da

integração entre concepções que valorizam a dimensão humana como regente de suas opções. Todas as inferências realizadas pelas associações dos dados analisados indicam que basicamente o digital é conceitualmente constituído pela convergência de características que se intersectam entre os três caminhos, porém a ênfase permanece na tecnologia, por mais que aparentemente, ou no discurso, existam outras abordagens.

A avaliação dos artigos apresenta algumas indicações sobre como esse conceito tem sido reconstruído na comunicação. Nesse contexto, dentro dos limites da população que foi estudada, infere-se ou que ainda não se estabeleceu aquele consenso da comunidade de pesquisadores que concede o status de fundamental ao conceito ou que na verdade de fato esta não è considerada ainda uma questão fundamental para o campo.

Quanto ao conceito composto comunicação digital, evidencia-se, pela amostra utilizada nesta investigação, a predominância de duas tendências de compreensão, uma que pressupõe a comunicação como processo de interrelação mediada, promovedores de conteúdos e contextos e outra conectada por meio da palavra digital à noção de pós-modernidade, de presente alterado pela interferência do bit. Enquanto comunicação mediada resguarda-se o protagonismo do humano na escolha dos meios mais adequados a cada uso. Contaminada pela noção de eficiência da modulação digital, sobressaem-se os aparatos da infra-estrutura material, em detrimento da experiência e potencialidades de cada individualidade, numa nova dimensão de massificação. Aparentemente, conforme o que pôde ser apurado preliminarmente na aferição desta investigação, comunicação digital, muito por essa condição de um vínculo muito forte com as suas características técnicas, ainda não é um conceito que avançou em maturidade (BACHELARD, 1978, p. 30), ao menos do ponto de vista científico, apesar da ampla utilização do termo digital.

5. Considerações finais

Não é uma tarefa simples manter a objetividade e o foco no percurso do trabalho de investigação. Por mais que no íntimo, exista o desejo ingênuo de chegar a conclusões totalmente satisfatórias, compreende-se a importância de deixar que as respostas se apresentem dentro do rigor científico. Inseridos tanto no contexto de analistas de um tema de estudo, quanto no cotidiano de cidadãos comuns, o distanciamento cauteloso as vezes é substituído pela naturalização inconsciente dos problemas a serem confrontar.

Construindo o raciocínio de trabalho por meio do diálogo propiciado pela análise baseada em artigos de periódicos disponibilizados digitalmente, para enfrentar o problema a ser respondido, buscou-se um método que desse conta da relação de forças entre a inquietação pautada no senso-comum e a sistematização meticulosa da ciência. Que fique clara, entretanto, a consciência das limitações do exercício realizado. Deve-se entender que os resultados obtidos não se pretendem nem provas, nem conclusões irrefutáveis a respeito da constituição do conceito digital no contexto da comunicação. Ciente das diversas limitações que acompanham a experiência de um projeto de investigação, tanto o processo que foi dissertado quanto o resultado atingido devem ser compreendidos enquanto instrumentos que corroboram, pelo menos parcialmente, os pressupostos que foram se configurando no percurso do estudo.

Para localizar melhor o objeto da pesquisa, crendo que as palavras só têm utilidade como instrumento para a formulação de teorias quando a compreendemos segundo uma fonte autorizada, percorreu-se constituição do conceito digital desde a sua origem etimológica, passando pelos pesquisadores que lhe substanciaram e lhe deram atributos e predicados, de forma a qualificá-lo como chave na interpretação da comunicação que se realiza atualmente.

Dessa forma o molde que permitiu captar como o termo digital é constituído e reconstruído conceitualmente na literatura científica em Comunicação, foi estruturado por meio das abordagens e técnicas fornecidas pela análise de conteúdo. Essa análise empreendida num corpus estabelecido por artigos científicos que podiam ser recuperados a partir do Portal Revcom, repositório de periódicos vinculado a Intercom.

Portanto, tomando por base um corpus formado do conteúdo de artigos que faziam em algum aspecto referência ao tema da comunicação digital, selecionou-se uma amostra considerada representativa com vistas a satisfazer a questão problematizada.

A pesquisa partiu do pressuposto de que as confluências de fatores que tornam a contemporaneidade cada vez mais complexa por vezes dificultam o distanciamento necessário ao entendimento científico no desígnio de estabelecer o sentido dos termos que compõem seu vocabulário especializado e que ganham dimensão conceitual ao absorverem uma gama de noções e percepções coletadas dos fenômenos cotidianos. Percebeu-se pelos dados analisados que as potencialidades com as quais o rótulo digital dota aos indivíduos no cotidiano são também estendidas à ação científica. Por exemplo, em relação à velocidade de validação, circulação e produção do conhecimento. São situações que podem influenciar tanto a necessidade da constituição de conceitos para atender as necessidades de diálogos sobre temas novos, quanto em diminuir o tempo necessário de reflexão para consolidar noções que proliferam no cotidiano.

Sob essa condição, se propôs elencar um conjunto de opções epistemológicas que figurassem como satisfatórias no exercício da compreensão das teorias e noções que proporcionam ao saber comunicacional a distinção de um objeto exclusivo, donde devem angular-se as problematizações que lhe são pertinentes, mesmo com, ou apesar das interações interdisciplinares. Enfatizaram-se alguns preceitos que orientam a distinção entre o conceito vulgar e o científico, bem como sobre sua constituição, decantada através da discussão e do aperfeiçoamento constante de teorias e mesmo das áreas que se sustentam por suas conjecturas dentro de uma lógica de tradição científica.

Presume-se que o termo digital pode tanto ser tratado sob uma ótica voltada à técnica, no sentido de ser o instrumento necessário para exercer a comunicação, como pela ótica da relação interdisciplinar que retém diferenças e semelhanças entre saberes. Assim, valendo-se de indicadores gerados após a dissecação de uma amostragem de dados considerados capazes de descrever ou indicar tendências para a interpretação de um fenômeno, que não aquele literalmente explícito no contexto original dos elementos constituidores do universo pesquisado, apuraram-se subsídios para responder a questão problema.

As primeiras inferências resultantes das leituras de pré-análise e exploratória do material já davam conta que as alusões a carga conceitual do termo digital, estão

presente mesmo nos textos aonde o termo referido não aparece efetivamente. Enquanto conceito científico, após observar os dados fornecidos pela interpretação das unidades de análise na amostragem verificou-se uma nítida aceitação de noções emprestadas por outros domínios de estudo sem a angulação mais consciente dada pela comunicação.

O contato com teorias e conceitos fundamentais que fixavam um lugar temporal para aquilo que foi interpretado como reconstrução conceitual, visto não se tratar de um conceito originado espontaneamente no campo da comunicação, se deu por meio do tempo que foi entendido na reflexão dessa investigação como tangência. Este, um período onde as noções da informática e de teorias que associavam modelos informativos à questões da comunicação social começam a ser explorados em conjunto com o desenvolvimento de equipamentos tecnológicos. As inter-relações empíricas e fenômenos cotidianos desde então, problematizam as questões relativas a quebras de padrões usuais da relação social mediada nos novos e nos chamados meios tradicionais por conta da capacidade imediata ou posterior difusão, única ou múltipla de informações. Essa leitura foi o tema que permitiu a definição das categorias Tecnológicas, Sociais e Mediáticos, assim como as subcategorias usadas na análise do conteúdo.

Ao serem enumeradas as ocorrências do termo digital e interpretarem-se o que foi exposto nos gráficos montados para separar os elementos da amostra em categorias temáticas, pode-se dizer que conceitualmente os atributos que lhe inferem sentido apresentam uma tendência equilibrada e quase indistinta entre as acepções advindas das áreas tecno-informáticas, dos contextos das ciências sociais ou do campo da comunicação.

A leitura dos gráficos relacionados as categorias de análise Tecnologias, Sociais e Mediáticos foi diagnosticada a tendência a expressões que descrevem os aspectos tecnológicos, mediáticos, ou sociais com uma ligeira predominância deste último que foi indicado por 59 unidades de análise, enquanto os demais ficaram com 50 e 52 ocorrências. Em geral, as noções relativas a velocidade de processamento de dados, a clareza na transmissão da mensagem, a modulação e demodulação em bits, a possibilidade de compressão e compactação de dados, os vários modos de armazenamento são as características mais citadas.

A observação anterior se aproxima da assertiva de Wolton que considera que na

comunicação social, contar a história das técnicas parece ser um caminho simples que seduz. E reforça o alerta do autor quando diz que os estudos devem ser atentos em relação força da ideologia técnica. Essa constatação sugere que ocorre de fato uma naturalização do termo como “*slogan*” para delimitar um período, fenômeno ou processos considerados recentes e decorrentes das tecnologias informáticas

O impacto tecnológico, talvez fruto da tendência tecnomeritocrática apontada por Castells como base do desenvolvimento de uma sociedade da informação, evidencia-se na relação constatada nos registros agregados nas três principais categorias de análise e suas respectivas subcategorias. Percebeu-se que aquelas subcategorias pertinentes a ação do indivíduo, seja sozinho ou em um grupo social ou empresarial, seja em uma formação profissional, teve a menor quantidade de referências dentre todas as subcategorias, decrescendo consideravelmente das unidades de contexto listadas na categoria Sociais, onde foram acusadas 11 ocorrências em 52 unidades de contexto, para a categoria Mediáticos com 6 em 50 totais, e por fim na categoria Tecnológica que contabilizou apenas 3 ocorrências nas 59 unidades de análise identificadas.

Conforme a ordenação por categorias das unidades de registro relativas ao termo digital, a subcategoria que compreendia o canal associou as unidades analisadas por aspectos ligados ao meio físico pelo qual se conduz o processo comunicativo. Os elementos ligados a esta subcategoria revelaram-se citados em maior número de vezes que os outros aspectos listados nas demais subcategorias.

Na categoria Tecnológicas, se agregaram as informações relativas ao meio físico operativo de transmissões, modulações e demodulações, as interfaces de sistemas digitais. No conjunto contido no tema Sociais os canais se referiram as técnicas e mecanismos que colaboram de alguma maneira na consolidação do tecido social. Para a categoria Mediáticos os canais, revelam a mídias e mecanismos propiciados pelo conjunto de novas tecnologias da informática. Mais uma vez, a observação dos dados contribuiu para percepção sobre a relevância da tecnologia representada por 27, 18 e 17 ocorrências, nas categorias Tecnológicas, Sociais e Mediáticos, respectivamente.

A comunicação de cidadão a cidadão, interativa por natureza, independente do suporte tecnológico, resguardada as graduações definidas pelas nuances dos interesses únicos ou coletivos. Pelo que extrai dos dados da análise, aparentemente ela é retratada condicionada aos estímulos propiciados pelo conjunto de novas tecnologias da

informática, as quais permitem inclusive que cada pessoa crie o seu próprio sistema de comunicação no ambiente em rede. Essa potencialidade do poder de organização e de escolha dos conteúdos de interesse na medida de seu tempo, sem falar nas múltiplas possibilidades de interlocução propiciadas pela interatividade também tem conseqüências do ponto de vista da comunicação e da sociedade. Refletindo sobre constituição do conceito digital, os dados observados na análise de conteúdo apontam continuamente para a valorização de aspectos que ficam a margem dos princípios que individualizam o conjunto teórico comunicacional que ultrapassa os modelos meramente informacionais.

Em contraponto aos requisitos necessários a configuração de um conceito, estão a naturalização do uso das técnicas e tecnologias informáticas na forma de comunicação horizontal, está a dificuldade da sistematização desse conjunto de técnicas e interações dentro da perspectiva da comunicação persiste sob o olhar investigativo, assim como no mundo real, a dificuldade de distinguir o que se conceberia como práticas de comunicação social. Acatar o conhecimento como um modo de criação contínuo, onde o antigo explica o novo e o assimila, o novo reforça o antigo e o reorganiza, faz acreditar que o transbordamento do conceito digital em um novo conceito comunicação digital, ainda está num processo de formalização científica que merece e deve ser retificado.

Um conceito não se configura pela síntese, mas pela maior relação possível e de atributos que sejam conexões entre as diversas e dimensões do processo de conhecimento. Assim, uma construção conceitual não atinge um grau de cientificidade quando não é consensual. Presume-se que a palavra digital tem sido aplicada a indistintamente na leitura técnica puramente tecnológica ou determinista mesmo sua quanto adquire conceitualmente o contorno pertinente ao interesse sob o ponto de vista do saber comunicacional.

O conteúdo simbólico expresso conceitualmente no termo digital estende-se também ao conceito composto comunicação digital. Este sofre da mesma condição polissêmica que a maioria dos conceitos científicos, por isso ainda precisa ser contextualizado na fala acadêmico-científica, para evitar o que Popper denomina como erro de lógica.

A menção literal da expressão comunicação digital ocorreu em um número

reduzido de artigos, tomando-se por base o corpus inicial da investigação. Em geral, as menções aferidas durante a análise da amostra deram conta dos atributos ou predicados que complementam-se no sentido de interesse aos estudos de medias, mediadores e mediações. As características mais manifestas para a expressão estavam polarizadas ora como o contrário de comunicação analógica, ora como distinta ou oposta à expressão comunicação de massa.

A maior parte da literatura levantada no universo de artigos pesquisados inicialmente, não discute a comunicação digital nem como conceito, nem como fenômeno, e, quando a cita, considera características da informática e da internet, mas primordialmente se concentra na *World Wide Web* como fenômeno determinante para uma reconfiguração teórica. Em geral, se desconsideram nas abordagens variáveis de interatividade, mobilidade, conectividade e multimídia e imersão que redimensionam de maneira cada vez mais intensa à inserção tecnológica na comunicação, mas que são potencialidades que remetem a formatação conceitual relativa ao digital.

Ao estudar as condições de aplicação de conceitos, a tendência é que pela ação do pesquisador ou pela própria dinâmica de retificação, o conceito se ponha de novo em movimento, seja quando se quer combiná-los ou simplesmente analisá-los, ou seja, quando se deseja servir-se deles. Com a interdisciplinaridade, as áreas de conhecimento recortam e desenvolvem os sentidos que servem aos seus propósitos, descartando as implicações dos atributos que não lhe interessam. Muitas são as perspectivas que estão sendo continuamente redimensionadas nesse ambiente de produção científica, e o conceito digital segue o mesmo padrão.

5.1- Apontamentos Críticos

A discussão acerca do conceito de comunicação digital só pôde ser realizada após o reconhecimento de um ponto de partida. Este organiza-se no consenso sobre a importância de enquadrar o conceito “digital” de acordo com as implicações de sua associação como conceito de comunicação, fundamental e determinante de toda uma tradição que vem e organizando intensamente desde o início do século XX e que foi atingida pelas tecnologias de comunicação mais fortemente a partir da década 1940.

Consciente da dimensão que o campo da comunicação toma na atualidade, este

trabalho pretendeu contribuir em alguma medida para este campo, ao discorrer sobre a adoção do conceito digital, tomando emprestado as palavras e as ideias expressas por pesquisadores, por meio de seus artigos científicos.

Sendo o conhecimento necessariamente especulativo, compreender algo sugere ir além de apenas reconhecer a novidade deste algo. É também entendê-lo como sequência de alguma coisa da qual já se conhece partes e que dissecada em detalhes, oferece nuances que lhe completam o sentido. Para colaborar com o progresso científico, o conhecimento adquirido sobre alguma matéria deve estar ordenado numa apresentação sumária pela descrição que guia em torno dos centros de interesses a que se refere afim de que possam ser transcritos de forma a dar continuidade ao fluxo sem fim do desejo de saber mais.

Neste momento em que a visibilidade e a troca de informação em redes multiconvergentes parecem ser o grande chamariz no campo da comunicação científica, entende-se que a que digitalização é um fenômeno que suscita a ação sistematizada da comunidade acadêmica e científica para a interpretação da contemporaneidade mediática. Isso não significa que apenas o novo interpreta o novo. Significa prioritariamente ser vigilante quanto às rupturas e continuidades que os rearranjos sociais provocam na percepção empírica da realidade.

Na década de 1970, os pesquisadores já ansiavam por novas teorias com precisão para descrever os processos comunicacionais e se deparavam com dificuldades para estabelecer a pertinência e em desenvolver uma sistematização apropriada. Hoje, diante dos trinta anos que separam essas realidades, estas questões ainda persistem no fazer e refletir sobre a comunicação social e elencar especificidades de se lidar com a relação entre as tecnologias advindas da informática e suas relações com o saber comunicacional.

Se a contemporaneidade, afetada pela condição da atualidade mediática pode ser entendida como um período marcado pelo caráter indireto das determinações do real científico, as questões que foram levantadas no processo de construção dessa investigação demonstram que é absolutamente necessário sistematizar melhor o entendimento da comunicação digital na perspectiva da comunicação.

Também que é importante no diálogo acadêmico apresentar subsídios para enriquecer a discussão a respeito da comunicação digital nos horizontes de

convergência de suportes, técnicas e de perfis de receptores e emissores de conteúdo comunicativo, sejam estes vistos como usuários, co-autores ou telespectadores. Determinar como sujeito ou objeto de pesquisa uma reunião sintética de predicados não leva por análise recíproca ao conhecimento dos atributos superados ou ao reconhecimento daqueles que se mantêm fundamentais.

5.2- Recomendações para trabalhos futuros

A presente pesquisa procurou, dentro de suas limitações, colaborar para uma leitura do conhecimento e das práticas comunicacionais que se firmam por meio de uma tradição construída dentro do rigor científico. Há ainda muitas nuances sob as quais pode-se abranger no intuito de compreender a propósito da exploração das possibilidades comunicacionais dos ambientes digitais. No percurso de realização deste trabalho foram sendo percebidas algumas limitações, sejam elas dadas pela complexidade da abordagem teórica, sejam pelas limitações de cronograma, ou da própria inexperiência da pesquisadora. No entanto, cada dificuldade encontrada abre perspectivas e precedentes para melhores soluções em trabalhos futuros, pois se entende que no processo de pesquisa científica apenas a ação aproxima do procedimento e do resultado mais refinado.

O trabalho exposto nesta dissertação foi uma tentativa de confronto entre uma inquietação primária e essa perspectiva de refletir segundo orientações sistematizadas de programa acadêmico científico justamente por entender que a configuração do problema e seu objeto, decorriam de um processo de maturação. Recorrendo aos fundamentos que revelaram-se pertinentes à comunicação enquanto campo de conhecimento, procurou-se desenvolver uma metodologia baseada na análise de conteúdo que permitisse apontar hipóteses sobre como decorre a apropriação de uma noção interdisciplinar, na configuração e na reconstrução de um conceito, no caso o digital. Pretendeu também oferecer subsídios quanto à consistência de um exercício de aplicação de conceitos que valorizam a concepção epistemológica da comunicação e a produção subsídios para pesquisas e práticas comunicacionais.

Reforçar a compreensão conceitual apreendidas de palavras que de tão usuais parecem óbvias, só faz fortalecer o repositório teórico que se alimenta e se renova na construção coletiva. Conceitualizar é um exercício que se distingue numa ação contínua,

atenta aos sinais que o cotidiano apresenta, contudo dedicando alguma deferência àquilo que a tradição científica já disponibilizou. Um conceito é sempre designado por uma acepção dinâmica aberta a reelaboração. Pensa-se que o tema que foi abordado nesta pesquisa, pode ser melhor aprofundado pela ação coletiva de um grupo de estudos, bem como pela reconfiguração de seu universo de análise.

Estudar, por exemplo, na questão de entender como se formam os conceitos dominantes na pesquisa em comunicação, cujas ideias orbitam em torno do saber comunicacional, a partir de uma análise subsidiada por outras teorias que são abordadas no campo como a Teoria dos dois passos ou do agendamento. Seguindo esse raciocínio os consumidores do conteúdo científico, e não os que se servem de qualquer dado disponibilizado em um meio digital, seriam equivalentes as elites bem informadas, ocupantes do primeiro passo da formação de opinião, transmitindo novas ideias e novos valores ao público menos informado, no sentido de desenvolver e consolidar teorias e conceitos. Retorna-se à questão sobre ser possível, ou mesmo relevante estudar a importância da influência do grupo e identificar fontes disseminadoras na figura de estudiosos, de repositórios ou de obras de referência.

Ponderando que o ato de conhecer é uma ação de continuidade, contudo não de linearidade progressiva, o exame de questões aparentemente claras e tão específicas, em relação à dimensão do conjunto de teorias e noções mais fundamentais do campo de estudos da comunicação se revelou libertador, na medida em que desmistificou a noção de que a verdade é uma condição já estabelecida ou que a tradição necessariamente envelhece na mesma intensidade com que ferramentas e técnicas ficam obsoletas. Todo conhecimento científico sempre será provisório e aproximado e as dimensões que a atualidade mediática tem tomado com a comunicação digital continuam sendo para o espírito aprendiz campo fértil para futuras investigações.

Neste sentido, esta investigação pode servir para articular novas problemáticas, por meio da refutação e da retificação de parte das considerações expostas na tentativa de situar de forma experimental um processo de configuração conceitual. Suas deficiências e fragilidades devem ser lidas como pistas para o desenvolvimento de fórmulas alternativas com objetivos de alcançar nuances teóricas e epistemológicas que levem em consideração a existência desse componente ainda pouco trabalhado, segundo uma reconstrução lógica científica que é a digitalização. O esforço empreendido nesta

pesquisa demonstrou que e ainda há um embate conceitual entre as tendências tecnologicamente deterministas os demais pontos de vista que circundam área da comunicação, o caminho adequado para o enfrentamento dessas problemáticas é o de expor os nós que devem ser reforçados e os que devem ser desatados.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- ARAÚJO, Denize C. **Estudos sobre Comunicação e Cibercultura no Brasil: Conceitos, Tendências e Clusters**. Razón Y Palabra. México, outubro-novembre, 2006. Disponível em: <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/actual/dcorrea.html>>. Acesso em: 07-03-2010.
- _____. **Hipertrópole digital: a cibermídia como cidade rizomática**. In: XIV. Encontro Anual da COMPOS: XIV Encontro Anual da COMPOS, Niterói, 2005.
- _____. **Developments in Cyberculture Studies in Brazil: Epistemological Clusters**. IAMCR Conference, Media, Communication, Information: Celebrating 50 Years of Theories and Practices, UNESCO, 23-25 July, Paris (France), 2007
- BACHELARD, Gastón. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- _____. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- _____. **A Filosofia do Não**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BALLE, Francis. **Comunicação**. in BOUDON, R (Dir.) e BAECHLER, J. [et al.] (Col.). Tratado de sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 561-595.
- BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. **Comunicação Digital - educação, tecnologia e novos comportamentos**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. CASTRO, Cosette. E. ; TOME, Takashi. **Mídias digitais - convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 1977.
- BARROS, Lidia A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: EdUSP, 2004,
- BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.
- BIDGOLI, Hossein. (ed). **The Internet Encyclopedia**. V1. New York: Wiley, 2003.
- BOLTER, J. David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 1999.
- BOUDON, R (Dir.) e BAECHLER, J. [et al.] (Col.). **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- BRAGA, José L. **Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação**. In Anais do XIII COMPÓS: São Bernardo do Campo/SP. 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_658.pdf>. Acesso em: 07-03-2010.

- BRETON, Philippe. "**História da Informática**", São Paulo: Unesp, 1987.
- _____. PROULX, Serge: Sociologia da comunicação; São Paulo: Loyola, 2002.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **A Social History of the Media. From Gutenberg to the Internet**. Cambridge, Oxford: Polity Press, 2010.
- _____. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CARDOSO, Gustavo. **Para uma sociologia do Ciberespaço: comunidades virtuais em português**. Oeiras: Celta, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet, Reflexões sobre. Internet, Negócios e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **A sociedade em rede**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHALMERS, Alan F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense. 1993.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Coleção TRANS. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**, 3a. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian; **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- DIZARD Jr., Wilson. **A Nova Mídia: a Comunicação de Massa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio; RESENDE, Paulo-Edgar; SILVA, Hélio (orgs.). **Os desafios da Comunicação** - Petrópolis: Vozes, 2001.
- DRAVET, Florence; CASTRO, Gustavo de; CURVELLO, João José. (orgs.). **Os saberes da comunicação: dos fundamentos aos processos**. Brasília: Casa das Musas, 2007.
- DUARTE, Eduardo. **Por uma epistemologia da comunicação**. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). Epistemologia da comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.
- ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO - **volume 1 - conceitos**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.
- FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrrel. (orgs.). **Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luiz Claudio. (Org.). **Teorias da comunicação: Epistemologia, Ensino, Discurso e Recepção**. Salvador: EDUFBA, 2007.

- FERREIRA, Jairo (org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. 1 ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.
- FRANÇA, Vera V. **O objeto da Comunicação/ A Comunicação como objeto**. in : HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera V. (org.) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREIRE-MAIA, Newton. **A ciência por dentro**. 5. ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1998.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 3a. ed., São Paulo: Atlas, 1996.
- GOMES, Wilson. **O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área da comunicação**. In: LOPES, Maria Immacolata V. de (org.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- GRUSZYNSKI, Ana Claudia. GOLIN, Cida. **Periódicos científicos eletrônicos e a visibilidade da ciência na web: estudo de caso na UFRGS**. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_02.htm> Acessado: 10-11-2010.
- HOHLFELDT, Antônio, BENTZ, Ione; WEBER, Maria H.; (orgs.) **Tensões e objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____ ; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera V. (org.) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JAKOBSON, Romam. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- KAPLAN, Abraham. **A Conduta da Pesquisa**. São Paulo: USP, 1975.
- KERLINGER, Fred. N. “**A natureza da pesquisa científica**”. In: Metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. São Paulo: EPU, 2007.
- KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de analisis de contenido, teoria y practica. Paidós Comunicación**. Barcelona. Paidós, 1990.
- LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LIMA, Liliana Ribeiro. **A expressão comunicação digital: metonímias e conceitos**. in: III Conferência Brasileira de Comunicação e Tecnologias Digitais. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2009.
- LIMA, Venício A. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2001.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: 34, 2004.
- _____ . **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2000.
- LOPES, Maria Immacolata V. (org.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____ . **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MALDONADO. Alberto Efendy. **Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação**. In: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2003, v. 1, p. 205-225.

_____. **Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação.** Ciberlegenda. Rio de Janeiro, n.10, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/efendy3.htm>>. Acesso em: 02-12-2010.

_____. (org.); BONIN, Jiani Adriana (Org.); ROSARIO, N. M. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos.** v. 1. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MANOVICH, Lev. **Il linguaggio dei nuovi media, Edizioni Olivares.** Milano, 2002.
_____. **The Linguagem of New Media.** Massachussets-London: The MIT Press. 2007.

MARTINO, Luis Claudio. **As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação.** In: LOPES, Maria Immacolata V. (Org) – Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003. p.69-101.

_____. **A Revolução Mediática: a comunicação na Era da simulação tecnológica.** Razón y Palabra, México, v. 50, 2006. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%202/ARevolu%E7%E3oMedi%E1tica.pdf>> Acesso em: 07-11-2010.

_____. **Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação.** In HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera V. (org.) Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____; Berger, Charles R. ; Craig, Robert T. **Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação.** In Anais do XIV COMPÓS. Niterói: UFF. 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_833.pdf>. Acesso em: 07-03-2010.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2000.

MCLUHAN, Marshall, **A Galáxia de Gutenberg. A formação do homem tipográfico.** São Paulo: Nacional, 1977.

_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO, José Marques de (org). **O Campo da Comunicação no Brasil** São Paulo, Editora Vozes, 2008.

_____. (org.). **Teoria e Pesquisa em Comunicação: Panorama latino-americano.** São Paulo: Cortez/Intercom/CNPq, 1993.

MESQUITA, Rosa M. A. e STUMPF, Ida R. C. **Estudo de Citações de Documentos Eletrônicos On-Line em Revistas da Área de Comunicação.** Revista Em Questão, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 261-274, jul./dez. 2004.

MORAES, Denis de. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. (org.). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

- MOREIRA, Marco A., MASSONI, Neusa. T. **Subsídios Teóricos para o Professor Pesquisador em Ensino de Ciências Epistemologias do século XX. SÉRIE SUBSÍDIOS.** <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/Subsidios8.pdf>>, Ed. do Autor, Porto Alegre, 2009. Acesso em: 18-06-2010.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 7. ed. rev. mod. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Porto Alegre, Sulina, 2007.
- _____. **O Método I – A natureza da natureza.** Portugal: Publicações Europa-América, 1997.
- MUELLER, Suzana P. M.. **A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica.** In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (org.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- NÉBIAS, Cleide. **Formação dos conceitos científicos e práticas pedagógicas. Trabalho apresentado em mesa-redonda no IX Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.** Águas de Lindóia, São Paulo, 1998.
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização.** Rev Enfermagem UERJ, v. 14, n. 4, 2008.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2005.
- PALACIOS, Marcos. **Impactos e efeitos da internet sobre a comunidade acadêmica: quatro dificuldades e um possível consenso.** 2006. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/impactos.html>> Acesso: 10-11-2010.
- PAVELOSKI, Alessandro. **Subsídios para uma teoria da Comunicação digital.** Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 2004. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net>>. Acesso em: 05-03-2010.
- PIERCE, Charles S. **A fixação da crença.** Tradução de Anabela Gradim Alves, Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>>. Acesso em: 08-07-2010.
- POPPER, Karl, **A lógica da pesquisa científica.** São Paulo: Cultrix, 2001.
- _____. **Conjecturas e refutações.** 5a ed. Brasília: UNB, 2008.
- _____. **Lógica das Ciências Sociais.** 3ª. Ed. Tempo brasileiro Rio de Janeiro, 2004.
- PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas.** Rio de Janeiro: Hacker Editores, 2002.
- RAMÓN Y CAJAL, Santiago. **“Preocupações do iniciante”.** In: Regras e conselhos sobre a investigação científica. São Paulo: EdUSP, 1979.
- RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual.** Ciência aberta. Lisboa: Gradiva, 1996.
- ROMANCINI, Richard. **História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005.

- RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2003.
- RUSCHEL, Orlando T. **Princípios da comunicação digital**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- RUSSI-DUARTE, Pedro. **Angulações reflexivas sobre um não saber metodológico**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2007.
- SAAD CORRÊA, Elizabeth. **Comunicação Digital: uma questão de estratégia e de relacionamento com públicos**. in ORGANICON, Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Ano 2. N. 3. 2º sem de 2005. São Paulo, USP, 2005.
- _____. **Reflexões para uma epistemologia da comunicação digital**. Observatório (OBS), v. 4, p. 307-320, 2008.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação & pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- SAWAYA, Márcia Regina. **Dicionário de Informática e Internet**. São Paulo: Nobel, 1999.
- SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones- Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital**. Barcelona: Interactiva, 2008.
- SELLTIZ, Clarie et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Epu, 1974.
- SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.
- SOUSA, Janara. **Decifra-me ou te devoro: uma análise do impacto da Internet**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Intercom, 2007.
- TELEBRASIL - **O Setor de Telecomunicações no Brasil-Uma Visão Estruturada**. Dezembro de 2009, Associação Brasileira de Telecomunicações. Elaborado em Parceria com o Teleco, 2009.
- TENÓRIO, Robinson M. **Cérebros e Computadores: A complementaridade analógico-digital na informática e na educação**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 1988.
- THE NEW YORK TIMES. **John Tukey, 85, Statistician; Coined the Word 'Software'**. David Leonhardt Published: July 28, 2000. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9500E4DA173DF93BA15754C0A9669C8B63&pagewanted=2>>. Acesso em: 18-03-2010.
- _____. Claude Shannon, **Mathematician, Dies at 84**. George Johnson. Published: February 27, 2001. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9F02E5DE1638F934A15751C0A9679C8B63>> Acesso em: 18-03-2010.
- TRIVINHO, Eugenio. **“Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace”**. In: Revista FAMECOS nº 5, dez./1996. Disponível em <<http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/index.htm>> Acesso em: 23-11-2009.
- VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WIENER, Norbert. **Cybernetics: Or control and Communication in the Animal and the Machine.** New York: The MIT Press, 1965.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Pensar a comunicação.** Brasília: UnB, 2004.

Apêndice

Anexo 1- Pesquisas similares

Algumas propostas de pesquisas com intenções similares a presente investigação:

Projetos de Pesquisa: **Comunicação e Cibercultura: conceitos, espaços virtuais, tendências e clusters**- Capes 2005. Proposta: conceituar termos com o prefixo “ciber” e elaborar um “cibermapa” incluindo os principais estudos de comunicação e cibercultura, classificados em três clusters (pólos), de acordo com as posições geográficas dentro do cenário nacional regional, com os temas recorrentes, e com os conceitos epistemológicos adotados pelos pesquisadores da área de comunicação e cibercultura. Serão analisados também os grupos de pesquisa sobre cibercultura. Responsável: Denize Correa Araújo.

Projetos de Pesquisa: **Por uma Nova Teoria da Comunicação para a era tecnológica**- pós\ECA O objetivo é dotar a área de comunicação de uma teoria própria, atual, sintonizada com as mudanças no campo, que possa ser utilizada pelas faculdades e instituições de ensino superior do país e que seja original. O campo da comunicação não dispõe de teoria própria e tem que importar saberes da sociologia, da teoria política, da antropologia, da semiologia/semiótica, deixando de lado, assim, o fenômeno específico da comunicação tanto pessoal, quando dos diálogos grupais, da situação de ensino quando através dos sistemas de irradiação coletiva (TV, rádio, imprensa, publicidade), passando pelos produtos culturais e chegando até as formas digitais. Responsável: Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho.

Artigos:

PAIVA, C. C.; Das redes de pesca às redes da imaginação criadora. Novos elementos para uma epistemologia da comunicação. CONTRACAMPO. Contracampo (UFF), Niterói - RJ, v. 9, n. 1, p. 1-12, 2003. (...) a “cultura das redes” como uma metáfora pertinente para traduzir o sentido das experiências de sociabilidade e comunicabilidade no contexto brasileiro, cujos tempos de trabalho e de lazer estão profundamente ligados

a uma semântica e uma pragmática das “redes”. No contexto da aceleração tecnológica do século XXI, os recentes processos multimidiáticos (abrangendo as mídias analógicas e digitais) configuram uma experiência cultural híbrida em que as formas pré-industriais e pós-modernas se encontram (e se confrontam). A idéia é pensar uma epistemologia dialógica e sensível que possa dar conta dessa complexidade cultural.

PAVELOSKI, A.; Subsídios para uma teoria da Comunicação digital, Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 4. Temática Variada. 2004. Disponível em <http://www.cibersociedad.net> Propõe uma viagem reflexiva pela comunicação em tempos de Internet, usando abordagens que envolvem a Cibernética e as Teorias da Informação entre outros caminhos. A proposta fundamental é levar o leitor a uma nova forma de pensar a Era da Informação, longe dos mitos, num mergulho teórico que mais suscita perguntas do que expõe respostas.

SAAD CORRÊA, E. . Comunicação digital: uma questão de estratégia e de relacionamento com públicos. The Advance-Progress (Vidalia), São Paulo, v. 1, n. 3, p. 94-111, 2006. (...) delimitar o lugar da comunicação digital na estratégia de Comunicação Organizacional. Sugere ainda uma sistematização dos conceitos fundadores que norteiam as estratégias de Comunicação a partir do cenário das TICs e das mídias digitais. (...).

SAAD CORRÊA, E. ; Reflexões para uma epistemologia da comunicação digital. Observatório (OBS*), v. 4, p. 307-320, 2008. Reflexão sobre as correntes existentes para a proposição de alguns possíveis caminhos epistemológicos que demonstrem como a comunicação digital opera sua práxis de produção de conhecimento. (...) correlações possíveis entre “estudos de novas mídias” e a Comunicação de forma mais ampla; (...) questões referentes aos procedimentos de pesquisa mais adequados a um modelo epistemológico para a comunicação digital (...) apresentaremos pontos para discussões futuras e um esboço de modelo.

SAAD CORRÊA, E. ; CORRÊA, Hamilton L. Convergência de Mídias: primeiras contribuições para um modelo epistemológico e definição de metodologias de

pesquisa. Verso e Reverso (São Leopoldo), v. 50, p. 03, 2008. Discussão sobre as metodologias de pesquisa mais adequadas para o desenvolvimento de trabalhos científicos na temática ampla de convergência de mídias em especial no processo jornalístico. Numa proposta posterior, como continuidade, pretendemos buscar parâmetros que possibilitem o delineamento de um modelo epistemológico que traga coesão ao processo de produção de conhecimento neste subcampo.

HOHLFELDT, A.; Tecnologias da Comunicação e desenvolvimento: três aspectos vistos desde o Brasil. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 32, n. 2, 2009 -(...) O texto, ancorado em pesquisa bibliográfica, objetiva analisar três dimensões em que a implementação das TIC'S se reverbera: a televisão digital, a educação à distância e o governo eletrônico (e-government). Conclui-se que, apesar do avanço das medidas governamentais visando facilitar o acesso digital do cidadão às informações e serviços públicos, somente se cumprirem suas metas de beneficiar a maior parte da população brasileira é que elas estarão no caminho do desenvolvimento durável, sustentável e humano.

Anexo 2- Tabela da Primeira triagem nos artigos científicos indexados no portal Revcom

Esta tabela foi organizada listando todos os artigos que puderam ser “resgatados” no conteúdo indexado no portal Revcom, segundo a ocorrência de ao menos um dos termos chaves: blog, cibercultura, ciberespaço, computação, computador, digital, digitação, digitais, hipermídia, hipertexto, hipertextual, informática, novas tecnologias, NTC, NTCl, online, (on line, on-line), telemática, tecnologias da informação, TICS, web, webjornalismo, World Wide Web. A consulta inicial foi realizada diretamente no sistema de busca do portal <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/index/search>>. Os artigos foram copiados para um diretório pessoal e novamente, com o apoio do sistema de busca do software Adobe Reader, foi realizada a mesma busca por termos-chaves. Na lista abaixo constam apenas os termos que foram sendo relacionados até que o termo digital fosse encontrado ou não.

Termos que foram evitados devido a amplitude de sentidos possíveis dentro da terminologia dos estudos da comunicação: interface, convergência, virtual, tecnologia,

	TÍTULO	Autor	Termos na busca	REVISTA EDIÇÃO	1.
1 9 9 5	As comunicações sob o impacto da informática	Arlindo Machado	digital, on line, informática	Comunicação & Educação Vol. 1, No 2 (1995)	2.
1 9 9 6	Educação na Internet	Marcos Palácios	digital, Wide Web, internet, hipertexto	Comunicação & Educação Vol. 2, No 6 (1996)	3.
1 9 9 6	Informática na escola: desafio para professores e alunos	Ruth Ribas Itacarambi	informática, computador, nova tecnologia	Comunicação & Educação Vol. 2, No 6 (1996)	4.
1 9 9 7	Formação de professores em tempos de informática	Célia Pezzolo de Carvalho, Marisa Ramos Barbieri	informática, computador	Comunicação & Educação Vol. 3, No 9 (1997)	5.
1 9 9 8	Língua e informática, que dupla (relato de experiência)	Marly Camargo de Barros Vidal, Rosângela Del Vecchio	Informática, computador, cybers	Comunicação & Educação Vol. 4, No 12 (1998)	6.
1 9 9 9	Internet no ensino	José Manuel Morán	digitando, web, internet, hipertexto, hipermídia	Comunicação & Educação Vol. 5, No 14 (1999)	7.

1 9 9 9	Democracia no território digital	Fábio Duarte	Digital, internet, ciberespaço	Comunicação & Educação Vol. 5, No 14 (1999)	8.
1 9 9 9	Rádio: história e abrangência na era digital	Willian E. Biernatzki, S. J.	digital, internet computador,	Comunicação & Educação Vol. 6, No 16 (1999)	9.
1 9 9 9	Computador para interação comunicativa	Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo	computador	Comunicação & Educação Vol. 6, No 16 (1999)	10.
1 9 9 9	Cibernética e educação	Oswaldo Sangiorgi	digital, TIC, computador, informática	Comunicação & Educação Vol. 5, No 14 (1999)	11.
2 0 0 0	WebTV, teleTV e a convergência anunciada	Sérgio Caparelli, Murilo César Ramos, Suzy dos Santos	digital, internet, web	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 23, No 2 (2000)	12.
2 0 0 0	Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet	Dênis de Moraes	digital, ciberespaço, internet, web	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 23, No 2 (2000)	13.
2 0 0 0	Nota sobre o processo de exteriorização da técnica: o lugar da interação homem-computador	Antônio Machuco Rosa	digital, computação, computador	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	14.
2 0 0 0	Novas tecnologias no contexto escolar	Gelcivânia Mota Silva Morais	novas tecnologias	Comunicação & Educação Vol. 6, No 18 (2000)	15.
2 0 0 0	A situação das telecomunicações no Brasil ao final do processo de privatização	César Bolaño	internet, TIC	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 23, No 1 (2000)	16.
2 0 0 1	Pensar a Internet	Dominique Wolton	digital	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 15 (2001)	17.
2 0 0 1	As identidades culturais na internet	Ana Carolina Escosteguy	TICs, computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 24, No 2 (2001)	18.
2 0 0 1	Haverá vida após a internet?	Ciro Marcondes Filho	digital, Novas tecnologias, internet	Revista FAMECOS: <u>mídia, cultura e tecnologia</u> Vol. 1, No 16 (2001)	19.
2 0 0 1	Ciberespaço e violência simbólica	Paulo da Silva Quadros	digital, ciberespaço	Comunicação & Educação Vol. 7, No 21 (2001)	20.
2 0 0 1	Apropriação, desvio e despesa na cibercultura	André lemos	digital, Cibercultura, digitais, novas tecnologias	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. , No 15 (2001)	21.
2 0 0 1	O delírio cibernético de Norbert Wiener	Stephen Pfohl	digital, computador	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 2, No 15 (2001)	22.

2 0 0 1	A Internet na escola: o site da Estação Ciência	Maria Cristina Castilho Costa	web, internet	Comunicação & Educação Vol. 7, No 20 (2001)	23.
2 0 0 2	A convergência TV-Web: motivações e modelos (integra não estava no Revcom em Nov/2010)	Jorge Trinidad Ferraz de Abreu, Vasco Branco	digital, world wide web, web	Comunicação e Sociedade Vol. 4, No 1 (2002)	24.
2 0 0 2	Pantallas comunitarias: conquistar una televisión dada (não esta mais no Revcom)	Marcio Alejandro Paredes Rivera, Sergio Ferreira do Amaral	Nuevas tecnologias, TICs	Comunicação & Sociedade Vol. 1, No 38 (2002)	25.
2 0 0 2	Implementação e avaliação de um instrumento de mediação e aprendizagem no âmbito de Aveiro Cidade Digital (não esta no portal Revcom em Nov/2010)	Óscar Mealha, Rui Raposo, Álvaro Sousa, Ana Veloso, Nuno Dias, Rui Baptista, Conceição Lopes, Costa Valente, Helena Barbosa, Pedro Monteiro, Joana Quental, José Nunes, Margarida Almeida, Maria João Antunes, Pedro Almeida, Susana Sardo	digital, world wide web, web	Comunicação e Sociedade Vol. 4, No 1 (2002)	26.
2 0 0 2	Repensar o jornalismo de proximidade para fixar os media locais na sociedade glocal (não esta mais disponível no Revcom)	Xosé Lopez García	informática	Comunicação e Sociedade Vol. 4, No 1 (2002)	27.
2 0 0 2	Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas?	Fabio B. Josgrilberg	computação, informática	Comunicação & Sociedade Vol. 1, No 37 (2002)	28.
2 0 0 2	Informática na Educação Especial	Amélia Leite de Almeida	informática	Comunicação & Educação Vol. 9, No 25 (2002)	29.
2 0 0 2	Ser diferente, ou não, na percepção do universo digital (sem integra no Revcom em Nov/2010)	Rui Raposo	digital	Comunicação e Sociedade Vol. 4, No 1 (2002)	30.
2 0 0 2	O Cinema e "novas" tecnologias: o espetáculo continua (integra PUC RS)	Cristiane Freitas Gutfreind	digital, computador, novas tecnologias	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 18 (2002)	31.
2 0 0 2	Crítica- Campanha Amigos da escola: tudo pelo computador	Benita Prieto	digital, computador	Comunicação & Educação Vol. 8, No 24 (2002)	32.
2 0 0 2	Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI	Gullermo Orozco Gómez	digital, novas tecnologias	Comunicação & Educação Vol. 8, No 23 (2002)	33.
2 0 0 2	Agentes.com: cognição, delegação, distribuição	Fernanda Bruno	digital, internet, computador	Contracampo Vol. 7, No 0 (2002)	34.
2 0 0 2	A publicidade em busca de novas configurações (integra fora do Revcom em Nov/2010)	Daniel dos Santos Galindo	digital, novas tecnologias, digitais	Comunicação & Sociedade Vol. 1, No 38 (2002)	35.
2 0 0 2	A informação de proximidade no jornalismo on-line	Suzana Barbosa	digital, online, web, hipertexto	Contracampo Vol. 7, No 0 (2002)	36.

2 0 0 2	A “televisão do futuro” ainda não chegou: TV digital na Alemanha	Hans-Jürgen Michalski	digital,internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 25, No 2 (2002)	37.
2 0 0 3	Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano	Lúcia Santaella	digital, cibercultura	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 22 (2003)	38.
2 0 0 3	Tecnologia digital: perspectivas mundiais	Lorenzo Vilches	digital	Comunicação & Educação Vol. 9, No 26 (2003)	39.
2 0 0 3	Das redes de pesca às redes da imaginação criadora - Novos elementos para uma epistemologia da comunicação	Cláudio Paiva	digital, digitais	Contracampo Vol. 9, No 0 (2003)	40.
2 0 0 3	Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia	Alex Fernando Teixeira Primo, Raquel da Cunha Recuero	digital, hipertexto, web, informática	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 22 (2003)	41.
2 0 0 3	Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente	Derrick de Kerckhove	digital, hipertexto,	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 22 (2003)	42.
2 0 0 3	A Relação entre Velocidade e Precisão em Webjornalismo	Demétrio de Azeredo Soster	digital, digitais, web	Em Questão Vol. 9, No 2 (2003)	43.
2 0 0 3	Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina	Fátima Regis de Oliveira	novas digitais tecnologias, ciberespaço, computador	Contracampo Vol. 9, No 0 (2003)	44.
2 0 0 3	Cultura e discurso: uma abordagem sociotécnica da construção de um website institucional brasileiro	Ronize Aline Matos de Abreu, Henrique Luiz Cukierman	digital, novas tecnologias, computação, web	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 26, No 2 (2003)	45.
2 0 0 3	Caetano, um artista na mídia: o sensível, o erudito e o popular	Romildo Sant’anna	Web, computador, cibernético	Comunicação: Veredas Ano II - Nº 2 - Novembro, 2003	46.
2 0 0 3	Capitalismo, esfera pública global e o debate em torno da televisão digital terrestre no Brasil	César Ricardo Siqueira Bolaño, Valério Cruz Brittos	digital, novas tecnologias, informática	Contracampo Vol. 9, No 0 2003 34	47.
2 0 0 3	BIBLIOTEC: experiência do Curso de Extensão em EAD mediado por computador	Eliane L. da Silva Moro, Ivete Tazima, Lília Maria Vargas, Lizandra Brasil Estabel, Débora Dornsbach Soares, Marie Christine Julie Mascarenhas Fabre, Andrey Vicente Damo	digital, computador, informática	Em Questão Vol. 9, No 1 (2003)	48.
2 0 0 3	Análise das Características e Percepção de Alunos de Educação a Distância no Curso de Biblioteconomia da UFRGS	Sonia Elisa Caregnato, Ana Maria Mielniczuk Moura	digital, web	Em Questão Vol. 9, No 1 (2003)	49.
2 0 0 3	A perna coxa da tecnologia. - Fantasias totalitárias dos Náufragos da Polissemia na Cibercultura	Felipe Pena	cibercultura, novas tecnologias	Contracampo Vol. 9, No 0 (2003)	50.

2 0 0 3	Cidades Digitais - o novo "urbanismo" potencial catalisador da lusofonia	Lídia Oliveira Loureiro da Silva, Jorge Trinidad Ferraz de Abreu	digital, cibercultura, digitais	Anuário Internacional de Comunicação Lusófona Vol. 1, No 1 (2003)	51.
2 0 0 3	A cultura Blog: questões introdutórias	Carolina Rodriguez Paz	web. internet, digitais	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 3, No 22 (2003)	52.
2 0 0 3	Cinema, Corpo e Tecnologia: Estudos Contemporâneos	Wilton Garcia	Digital, internet, computador, digitais	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual da Intercom	53.
2 0 0 4	Web music: produção e consumo de música na cibercultura	Gisela G. S. Castro	digital, web, cibercultura, digitais	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 1, No 2 (2004)	54.
2 0 0 4	Prazerosa Confusão de Fronteiras: Sobre o Imaginário do Excesso e da Transgressão na Cibercultura	Erick Felinto	digital, digitais, cibercultura	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 24 (2004)	55.
2 0 0 4	The art of staying tuned in real-time. Remediation in 24	Bo Kampmann Walther	web, online	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 2, No 2 (2004)	56.
2 0 0 4	Metadados, Web Semântica, Categorização Automática: combinando esforços humanos e computacionais para a descoberta e uso dos recursos da web	Rafael Port da Rocha	digital, computação, web,	Em Questão Vol. 10, No 1 (2004)	57.
2 0 0 4	O telejornalismo na internet	Sebastião C. de Moraes. Squirra	digital, internet, ciberespaço,	Comunicação & Sociedade Vol. 1, No 41 (2004)	58.
2 0 0 4	Dos síntomas de revitalización das pequenas publicacións en Galicia na era da Internet e do xornalismo de referencia	Xosé López García	digital, internet, cibermedios, ciberespacial	Anuário Internacional de Comunicação Lusófona Vol. 2, No 1 (2004)	59.
2 0 0 4	O Jornalista Sentado e a Produção da Notícia on-line no Correio Web	Fábio Henrique Pereira	web, computador, on-line	Em Questão Vol. 10, No 1 (2004)	60.
2 0 0 4	Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação	Fernanda Bruno	digital, novas tecnologias	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 24 (2004)	61.
2 0 0 4	Memória e poder: o Golpe de 64 na imprensa de Juiz de Fora	Iluska Coutinho	computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 27, No 2 (2004)	62.
2 0 0 4	A Internet como meio de partilha e divulgação da ciência: a representação da comunidade científica portuguesa	Lídia J. Oliveira Loureiro da Silva	digital, web	Comunicação e Sociedade Vol. 6, No 1 (2004)	63.
2 0 0 4	Impactos Socio-culturais de Telecentros Comunitários: o caso do Telecentro Chico Mendes	Patrícia Mallmann Souto Pereira	digital, TICs informática,	Em Questão Vol. 10, No 2 (2004)	64.

2 0 0 4	Global nomads in the digital veldt	Joshua Meyrowitz	digital, cyberspace, computer, web	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 24 (2004)	65.
2 0 0 4	ICT "Literacy" Revisited: or what the literate citizen really needs to Know	Dan Fleming	digital, TICs	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 2, No 2 (2004)	66.
2 0 0 4	Estudo de Citações de Documentos Eletrônicos On-Line em Revistas da Área de Comunicação	Rosa M. A. Mesquista, Ida Stumpf	digital, on-line, web, internet, computador, informática, tecnologia da comunicação	Em Questão Vol. 10, No 2 (2004)	67.
2 0 0 4	El futuro de la cultura y la comunicación, el modelo de sociedad: la concentración multimedia en la era digital	Enrique Bustamante	digital, multimedia, online	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 24 (2004)	68.
2 0 0 4	Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma "cultura copyleft"?	André Lemos	digital, cibercultura, ciberespaço, web	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 2, No 2 (2004)	69.
2 0 0 4	Base de Dados como Elemento Facilitador para o Tratamento dos Dados Terminológicos	Adriana Gonçalves Xavier, Ananda Feix Ribeiro, Laís Rosa dos Santos, Rafael Port da Rocha, Regina Helena van	digital, digitação, computação	Em Questão Vol. 10, No 2 (2004)	70.
2 0 0 4	A Utilização das Tecnologias de Informação e de Comunicação na Pesquisa Escolar: um estudo de caso com os PNEEs com limitação visual	Eliane L. da Silva Moro, Lizandra Brasil Estabel	digital, TICs, informática	Em Questão Vol. 10, No 1 (2004)	71.
2 0 0 4	Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais	Alex Fernando Teixeira Primo, Raquel Recuero	digital, web, hipertexto, internet	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos, Vol. 6, No 1 (2004)	72.
2 0 0 4	A Internet como fator de mudança no jornalismo	Nélia Del Bianco	digital, internet, computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 27, No 1 (2004)	73.
2 0 0 4	Cidade, tecnologia e interfaces. Análise de interfaces de portais governamentais brasileiros. Uma proposta metodológica	André Lemos, José Mamede, Rodrigo Nóbrega, Silvano Pereira, Luize Meirelles	digital, web, internet, hipermedia, hipertexto	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos, Vol. 6, No 2 (2004)	74.
2 0 0 5	Digitalização e movimentos recentes na TV segmentada brasileira	César Bolaño e Chalini Barros	digital, web, informática	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 2, No 5 (2005)	75.
2 0 0 5	Teorias e práticas do jornalismo - da era do telégrafo ao tempo do hipertexto	Mário Mesquita	hipertexto	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 28, No 2 (2005)	76.

2 0 0 5	Comunicação, glocal e cibercultura. Bunkerização da existência no imaginário mediático contemporâneo. (apenas resumo, não esta mais no Revcom)	Eugênio Trivinho	cibercultura	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos Vol. 7, No 1 (2005)	77.
2 0 0 5	Storyspace e hipertexto: uma relação duradoura	Raquel Longhi	hipertexto	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 26 (2005)	78.
2 0 0 5	Jogos na web e o ensino da história da arte (em Nov/2010 está no univerciencia)	Tania Callegaro	digital, web, internet	Comunicação & Educação Vol. 10, No 1 (2005)	79.
2 0 0 5	Para pensar o consumo da música digital	Gisela G. S. Castro	digital, cibercultura	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 28 (2005)	80.
2 0 0 5	Web Music: música, escuta e comunicação	Gisela G. S. Castro	digital, TIC comunicação mediada por computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 28, No 1 (2005)	81.
2 0 0 5	O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras	Anelise Tolotti Dias Nardino, Sônia Elisa Caregnato	digital, digitais	Em Questão, Vol. 11, No 2 (2005)	82.
2 0 0 5	Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital	Elias Estevão Goulart, Priscila Ferreira Perazzo, Vilma Lemos	digital, TIC computação, informática, internet,	Em Questão Vol. 11, No 1 (2005)	83.
2 0 0 5	Qual o papel da Internet na promoção da (in)existência de laços entre os investigadores da comunidade lusófona	Lídia Oliveira Loureiro da Silva	cibercultura, novas tecnologias	Anuário Internacional de Comunicação Lusófona Vol. 3, No 1 (2005)	84.
2 0 0 5	Modos de utilización de las TICs por las organizaciones	Roberto Vila de Prado	Digitales, TICs,	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 2, No 5 (2005)	85.
2 0 0 5	Jornalistas e o acesso à informação	Maria de Jesus Nascimento, Caroline Sommer	digital, novas tecnologias	Em Questão Vol. 11, No 2 (2005)	86.
2 0 0 5	Hipertexto e poéticas digitais: uma análise de Patchwork Girl e do Storyspace	Raquel Longhi	digital, computador, hipertexto,	Em Questão Vol. 11, No 1 (2005)	87.
2 0 0 5	Conflito e cooperação entre relações mediadas pelo computador	Alex Primo	computador, blog, online	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 3, No 1 (2005)	88.
2 0 0 5	Como a ficção científica conquistou a atualidade: tecnologias de informação e mudanças na subjetividade	Fátima Regis de Oliveira	novas tecnologias, computador, comunicação mediada por computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 28, No 2 (2005)	89.
2 0 0 5	Cibercultura e tsunamis: tecnologias de comunicação móvel, blogs e mobilização social	André Lemos, Lorena Novas	digital, digitais, cibercultura	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 26 (2005)	90.
2 0 0 5	Base de dados: a memória extensiva do jornalismo	Cláudia Irene de Quadros	cibercultura, digital	Em Questão Vol. 11, No 2 (2005)	91.

2005	As fronteiras midiáticas da França: o pensamento da Comunicação e da cibercultura sob o olhar da internet brasileira	Francisco Menezes Martins	digital, cibercultura, computador, internet	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 28 (2005)	92.
2005	Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada	Hermílio Santos	ciberespaço, novas tecnologias de informação e comunicação	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 26 (2005)	93.
2005	Agendamento, disputas e construção do gaúcho na Internet	Liliane Dutra Brignol	web, internet	Em Questão Vol. 11, No 1 (2005)	94.
2005	A questão ética na atuação do profissional bibliotecário	Michel Maya Aranalde	digital, novas tecnologias	Em Questão Vol. 11, No 2 (2005)	95.
2005	A pedofilia na pós-modernidade: um problema que ultrapassa a cibercultura	Márcia Schmitt Veronezi Cappellari	cibercultura, ciberespaço, internet	Em Questão Vol. 11, No 1 (2005)	96.
2005	A identidade profissional no jornalismo open source	Ana Maria Brambilla	digital, web, internet	Em Questão Vol. 11, No 1 (2005)	97.
2005	A gaiola de chips: apontamentos sobre tecnologia, sociabilidade e cultura na sociedade da informação	Marco Antônio de Almeida	digital, novas tecnologias	Em Questão Vol. 11, No 1 (2005)	98.
2005	A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política	Wilson Gomes	digital, internet, computador	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos Vol. 7, No 3 (2005)	99.
2005	Internet: um novo paradigma de informação e comunicação (integra não estava no Revcom em Nov/2010)	Cibele Abdo Rodella	Web, NTCi, internet	Comunicação & Educação Vol. 10, No 1 (2005)	100.
2005	A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais	Artur Matuck, Arthur Meucci	digital, ciberespaço, digitais	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 2, No 4 (2005)	101.
2005	TV digital, potencialidades e disputas	Valério Cruz Brittos César Ricardo Siqueira Bolaño,	digital,internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 28, No 1 (2005)	102.
2006	O jornalismo contemporâneo no Brasil: as mídias digitais como elo entre a crise e a busca de uma nova identidade	Elizabeth Saad Corrêa	digital, novas tecnologias, digitais,	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	103.
2006	O uso da internet a serviço da comunicação do partido	Gersende Blanchard	digital, Web, internet, website	Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 9, No 18 (2006)	104.

2 0 0 6	Site Piatam: Pesquisa Científica e Tecnologia da Comunicação em Simbiose	Edson Ricardo Soares Pereira da Cunha, Denise de Almeida e Silva da Cunha, Rachel Reis Mourão, Maria Suelen Ribeiro dos Reis, Jackson Colares da Silva, Brunna Richelly Lima Rocha, Lilia Valessa Mendonça	Web, TIC, internet	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	105.
2 0 0 6	Entre bytes e toques: a desconstrução do digital nas telas do “Cosmo On-line”	Carolina Campos Moreno, Diego Tavares Grueiro, Érica Araiium Nogueira, Gabriela Marçal Vieira, Maísa Urbano dos Santos, Priscila Mingone Mendes Borges, Rafael Oliveira, Thais Fernandez, Juliano Maurício de Carvalho	digital, internet, web, online,	Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	106.
2 0 0 6	Piatamzinho: Estruturação e Desenvolvimento deu um Site Infanto-Juvenil para Educação	Maria de Nazaré Pinheiro Ferreira, Denise de Almeida e Silva da Cunha, Rachel Reis Mourão, Maria Suelen Ribeiro dos Reis, Jackson Colares da Silva, Brunna Richelly Lima Rocha, Lilia Valessa Mendonça da Silva, Romilda Camuru	digitais, Web, novas tecnologias,	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	107.
2 0 0 6	Estudo comparativo dos ambientes digitais Sampa.org e Telecentros.com.br: interatividade, hipertextualidade, multimídia	Juciano Lacerda	digital, digitais, blog, hipertexto	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos Vol. 8, No 2 (2006)	108.
2 0 0 6	Em busca de atenção: a (re)integração do conteúdo comercial ao editorial na televisão brasileira	Flávia Bizinella Baradon	digital, web site, novas tecnologias	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 1 (2006)	109.
2 0 0 6	Inclusão Digital: uma alternativa para o social? - análise de projetos realizados em Salvador	Leonardo Figueiredo Costa	digital, NTCI, online	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 1 (2006)	110.
2 0 0 6	Rádio Comunitária na internet: empoderamento social das tecnologias	Cicilia Maria Krohling Peruzzo	Digital, Internet, on-line, NTCI, ciberespaço	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 30 (2006)	111.
2 0 0 6	Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua	Rosental Calmon Alves	digital, web, computador	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	112.

2 0 0 6	Los observatorios de medios en Latinoamérica, una realidad en construcción	Susana Herrera	digital, web, nuevas tecnologías, Internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 29, No 2 (2006)	113.
2 0 0 6	Jornalismo digital. Poder, responsabilidade e desafios	Filipe Rodrigues da Silva	digital, www, online, internet	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	114.
2 0 0 6	El "estado del arte" en teoría de la comunicación: un ejercicio kuhiano	Edison Otero Bello	web, nuevas tecnologías y medios de comunicación	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 29, No 1 (2006)	115.
2 0 0 6	O pós-humano incipiente: uma ficção comunicacional da cibercultura	Erick Felinto	digital, web, cibercultura, internet, world wide web, novas tecnologias,	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 29, No 2 (2006)	116.
2 0 0 6	Novas Tecnologias da Informação: potencial para resgate do espaço público e da racionalidade crítica versus os riscos do totalitarismo digital	Carlos Eduardo Sandano Campos	digital, novas tecnologias, digitais	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 1 (2006)	117.
2 0 0 6	Democratização da Informação utilizando Rádios Livres com a Internet	Lourival da Conceição Pereira Junior, Roberto Cesar Betini, Verônica Costa Pantoja, Jone Kazuki Yamaguchi	digital, web, computação	Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	118.
2 0 0 6	Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas	Fernanda Bruno	digital, ciberespaço, digitais	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos Vol. 8, No 3 (2006)	119.
2 0 0 6	Os Novos Caminhos do Jornalismo Ambiental Acreano: Os Blogs como Pauteiros da Mídia	Aleta Tereza Dreves, Wagner Costa	digital, novas tecnologias, informática	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	120.
2 0 0 6	O uso do blog por meios jornalísticos no Brasil	Erika dos Santos Zuza	digital, Web, internet, informática, computador	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	121.
2 0 0 6	Problemas Epistemológicos da Análise de Conteúdo da Comunicação no Governo Eletrônico	Virgínia Salomão	digital, novas tecnologias, www, computador,	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	122.
2 0 0 6	O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura	Henrique Antoun	digital, TIC cibercultura,	Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos Vol. 6, No 2 (2004)	123.
2 0 0 6	O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica	Simone da Rocha Weitzel	digital web, internet	Em Questão Vol. 12, No 1 (2006)	124.
2 0 0 6	Roland Barthes: semiologia e cultura (não trata de TIC)	Roberto Ramos	digital	Em Questão Vol. 12, No 1 (2006)	125.

2 0 0 6	O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais	Denise da Costa Oliveira Siqueira	computação	Em Questão Vol. 12, No 1 (2006)	126.
2 0 0 6	Vou te Contar: Sobre a Televisão Como Suporte de Memória	Leonardo Moraes Menezes, Leila Queiroz	digital, world wide web, novas tecnologias,	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Vol. 1, No 2 (2006)	127.
2 0 0 6	Inovações tecnológicas, Webjornalismo e fluxos informacionais: entre novas possibilidades e velhos ideais	Edson Fernando Dalmonte	digital, web, internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 30, No 1 (2007)	128.
2 0 0 6	Internet y las nuevas formas de participación de los oyentes en los programas de radio	Susana Herrera Damas	digital, web, Internet, tecnologías, comunicación mediada por la tecnología	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	129.
2 0 0 6	Indústria fonográfica e a Nova Produção Independente: o futuro da música brasileira?	Leonardo De Marchi	digital, novas tecnologias	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 3, No 7 (2006)	130.
2 0 0 6	Dez anos depois do boom dos diários digitais	Claudia Irene de Quadros	digital, digitais, hipermedia, internet	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 31 (2006)	131.
2 0 0 6	Dez anos de jornalismo digital no Jornal de Notícias	Manuel Molinos, Nuno Marques, Paulo Ferreira	digital, online	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	132.
2 0 0 6	Da cidade real à cidade digital: a flânerie como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século XXI	Virgínia Pontual, Julieta Leite	digital, ciberespaço, hipertexto	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 30 (2006)	133.
2 0 0 6	Construyendo un nuevo periodismo. Diez años de logros y retos en la prensa digital	Ramón Salaverría	digital, nuevas tecnologías	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	134.
2 0 0 6	Considerações metodológicas sobre comunicação e cibercultura em tempos de (re) articulação do global e do local a partir da netnografia	Paula Jung Rocha, Sandra Portella Montardo	digital, cibercultura, ciberespaço	Anuário Internacional de Comunicação Lusófona Vol. 4, No 1 (2006)	135.
2 0 0 6	Jornal Digital: Percurso histórico	Madalena Sampaio	digital, online,web, internet	Comunicação e Sociedade Vol. 9, No 1 (2006)	136.
2 0 0 6	Circuitos comunicativos e construção da cidadania no ciberespaço: tramas do sentido em redes de weblogs	Adriano Warken Floriani, Valdir Jose Morigi	digital, ciberespaço	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 30 (2006)	137.
2 0 0 6	Capitalismo e novas tecnologias na indústria de notícias	Virginia Pradelina da Silveira Fonseca	digital, novas tecnologias, multimida	Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 9, No 18 (2006)	138.

2 0 0 6	Animação em tempo e espaço do humor on-line: Estudo de site com charges e caricaturas	Nadja de Moura Carvalho, Katia Patrícia Fonsaca	digital, hipertexto ciberespaço, computador	Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	139.
2 0 0 6	A vida como ela é/pode ser/deve ser? O programa Aqui Agora e cidadania no Brasil	Vicki Mayer	digital, computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 29, No 1 (2006)	140.
2 0 0 6	À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas	Ana Lucia S Enne	digital, computador,	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 3, No 7 (2006)	141.
2 0 0 6	A internet e a universidade: impactos na educação?	Francisco das Chagas de Souza	internet, informatica	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 29, No 1 (2006)	142.
2 0 0 6	A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) à informação (digital)	Paula Sibilía	digital, computador	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 3, No 6 (2006)	143.
2 0 0 6	Socieabilidades midiáticas: flexibilidade, mutação e pluralidade	Erotilde Honório Silva, Roberta Manoela Barros de Andrade	digital, webjornalismo	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 3, No 6 (2006)	144.
2 0 0 6	A condição transpolítica da cibercultura	Eugênio Trivinho	digital, cibercultura	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 31 (2006)	145.
2 0 0 6	A Cidade Virtual: O Porto Digital como representação do Recife	Isabel Almeida Marinho Rego	digital, computação, ciberespaço	Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Vol. 1, No 1 (2006)	146.
2 0 0 6	A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica - um novo habitus profissional?	José de Souza Muniz Junior, Sueli Mara Soares Pinto Ferreira	digital, computador, internet	Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Vol. 1, No 2 (2006)	147.
2 0 0 6	A teoria do bolo fatiado	Paulo Scarduelli	Internet	Comunicação: Veredas Ano III - Nº 03 - Novembro, 2004	148.
2 0 0 7	Midiatização e Comunicação Organizacional	Daiana Stasiaki, Eugenia Mariano da Rocha Barichello	digital, web, internet	Inovcom, Vol. 2, No 1, p. 50-58 - 2007	149.
2 0 0 7	<i>TIC's, internet e capital social*</i>	Heloiza Matos	digital, TICs, computador, digitais	Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 10, No 20 (2007)	150.

2 0 0 7	Quando o dispositivo é a própria enunciação. Leitura do livro Para uma Poética do Hipertexto – A ficção interactiva, de José Augusto Mourão (Lisboa, Edições Universitárias, 185 pp., 2001)	Rafael Paes Henriques	digitais, cibercultura	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	151.
2 0 0 7	Jovens e socialização: entre o aprendizado e o entretenimento(integra n estava no Revcom)	Tereza Quiroz	digital, computador, cibercultura	Matrizes Vol. 1, No 2 (2007)	152.
2 0 0 7	O museu digital: uma metáfora do concreto ao digital	José Cláudio Oliveira	digital, web ciberespaço	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	153.
2 0 0 7	O Double Coding na Animação: A Construção do Desenho Animado Contemporâneo para Adultos e Crianças	Luciana Andrade Gomes, Laura Torres S. dos Santos	digital, computador novas tecnologias	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicações Vol. 2, No 2 (2007)	154.
2 0 0 7	Cybersubculturas e cybercenas: explorações iniciais das práticas comunicacionais electro-goth na Internet	Adriana Amaral	digital, internet hipertexto	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 2, No 33 (2007)	155.
2 0 0 7	Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)	André Lemos	digital, cibercultura	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 4, No 10 (2007)	156.
2 0 0 7	Ensaio Sobre a Cegueira: uma Metáfora da Linguagem e da Comunicação Hipertextual do Ciberespaço	Juliana dos Santos Padilha	digital, world wide web, hipertexto, web, ciberespaço	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 1 (2007)	157.
2 0 0 7	Espacios para el arte: lugares en continua redefinición	Eloísa Alisal	web	Em Questão Vol. 13, No 2 (2007)	158.
2 0 0 7	Tupi or not tupi A dialética da«ninguendade» no cinema brasileiro	Maria Regina Paula Mota	digital	Matrizes Vol. 1, No 2 (2007)	159.
2 0 0 7	The Migration towards Digital Terrestrial Television: Challenges for Public Policy and Public Broadcasters	Roberto Suárez Candel	digital, computer internet	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 1 (2007)	160.
2 0 0 7	Ideas para revitalizar o Jornalismo diante do novo escenario da Sociedade da Información	Xosé Lopez	digital, web, multimedia,	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 1 (2007)	161.
2 0 0 7	Inclusão digital, educação e desenvolvimento econômico: alguns marcos do debate	Fabio B. Josgrilberg	digital, TIC, computador,	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 2, No 33 (2007)	162.
2 0 0 7	Comunicação e incomunicação: aproximação complexo compreensiva à questão	Dimas A. Künsch	novas tecnologias	Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 10, No 19 (2007)	163.
2 0 0 7	Open source journalism e cidadania: Centro de Mídia Independente Brasil	Ana Regina Barros Rego Leal	digital, ciberespaço, hipertexto	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 30, No 1 (2007)	164.

2 0 0 7	Os arquivos globais de vídeo na Internet: entre o efémero e as novas perenidades. O caso YouTube	Luís Miguel Loureiro	digital, computador, web	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	165.
2 0 0 7	Políticas de implantación de la TDT local en Espana (2005-2006): los casos de las comunidades autónomas de Islas Baleares, Madrid, Región de Murcia, Comunidad Valenciana, Galicia, Cataluña y Aragón	Isabel Fernández Alonso, Maria Corominas, Montse Bonet, Josep Àngel Guimerà i Orts, Julián Sanmartín Navarro	digital, digitales,	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 1 (2007)	166.
2 0 0 7	O mundo da vida e as tecnologias de informação e comunicação na educação	Fabio Botelho Josgrilberg	digital, multimidia, computador	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 30, No 2 (2007)	167.
2 0 0 7	Da tecnologia na organização à organização na tecnologia	James R. Taylor	novas tecnologias	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	168.
2 0 0 7	Notas sobre “O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas	Joaquim Fidalgo	digital, informatica, computador	Comunicação e Sociedade Vol. 11, No 1 (2007)	169.
2 0 0 7	Análisis de la infoestructura que presentan 22 portales gubernamentales de los países ubicados en la plataforma continental de América	Octavio Islas	digital, web cibercultura,	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 4, No 11 (2007)	170.
2 0 0 7	Media, Futebol e Identidade na Sociedade em Rede	David Xavier, Tânia Cardoso, Gustavo Cardoso	computador, internet	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 1 (2007)	171.
2 0 0 7	O virtual e a subjetividade: a heteronímia na internet	Rodrigo Fonseca e Rodrigues	digital, digitais, internet	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 5 (2007)	172.
2 0 0 7	O Profissional de Marketing na Internet no Cenário de Comunicação Digital	Roberto Gondo Macedo	digital ,web, internet	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 2 (2007)	173.
2 0 0 7	Regionalização, convergência midiática e interatividade no portal Temmais.com	Roberto Reis de Oliveira	digital, web, internet	Acervo On-line de Mídia Regional Vol. 6, No 7 (11)	174.
2 0 0 7	Limites e possibilidades das tecnologias da informação e comunicação na extensão rural (estudo de caso)	Elias de Pádua Monteiro, José Benedito Pinho	digital, computador, TICs	<u>Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 30, No 2 (2007)</u>	175.
2 0 0 7	Users In The 'Golden' Age Of The Information Society	Mijke Slot, Valerie Frissen	digital, web	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 3 (2007)	176.
2 0 0 7	Inside The Circle: Using Broadcast Sms In A Sports Club	Pat Byrne	web	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 3 (2007)	177.
2 0 0 7	Video - On - Demand: Towards New Viewing Practices?	Wendy Van den Broeck, Jo Pierson, Bram Lievens	digital,web, computer	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 3 (2007)	178.

2 0 0 7	Fazer ciência: o lugar do conceito	Wilton Garcia	digital, internet, novas tecnologias	Em Questão Vol. 13, No 1 (2007)	179.
2 0 0 7	Evocação da tecnologia: fantasmas, determinismo da utopia?	José Augusto Mourão	digitais, novas tecnologias,computador	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	180.
2 0 0 7	El acceso universal digital: utopía discursiva	Georgina Araceli Torres Vargas	digital, cibercultura, digitais	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 30, No 2 (2007)	181.
2 0 0 7	Um “museu vivo”: espetáculo e reencantamento pela técnica	Carla Pires Vieira Rocha	digital, digitais, computador, multimidia	Em Questão Vol. 13, No 2 (2007)	182.
2 0 0 7	Comunicação digital, redes virais e espectro aberto	Sérgio Amadeu da Silveira	digital, informática, computador,	Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cáser Líbero Vol. 10, No 19 (2007)	183.
2 0 0 7	Comparação entre Produtores de Informação em defesa da Amazônia na Internet	Débora de Carvalho Pereira Gabrich	web, digital, internet	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 2 (2007)	184.
2 0 0 7	Código aberto e produção colaborativa nos pontos de cultura	Clóvis Lima, Rose Marie Santini	digital, novas tecnologias, web	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 5 (2007)	185.
2 0 0 7	Cinema Interactivo: Estudios para una Posible Propuesta Cinema Interativo: Estudos para uma Possível Proposta Interactive Cinema: Studies for a Possible Proposal	Denis Porto Renó, Diego Bonilla Castañeda	digital, digitalmente, novas tecnologias	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 1 (2007)	186.
2 0 0 7	Ciberespaço: múltiplos tempos, novas mundivisões	Ana Taís Martins Portanova Barros	ciberespaço	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 1, No 32 (2007)	187.
2 0 0 7	Conceptualising Online News Use	Ike Picone	digital, computer, web	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 3 (2007)	188.
2 0 0 7	Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: relacionamentos no blog Martelada	Alex Primo	digitalização, computador, informática	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 4, No 11 (2007)	189.
2 0 0 7	Attractiveness and Responsiveness of Moblogs	Inka Koskela, Ilkka Arminen	digital, web	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 3 (2007)	190.
2 0 0 7	As Rotinas de Produção e suas Interferências nos Documentários e Reportagens Especiais Televisivos	Wilma Peregrino de Moraes, Ana Carla de Lemos Bezerra	digital, novas tecnologias	Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2004	191.
2 0 0 7	As Linguagens como antídotos ao midiacentrismo	Lucia Santaella	digital, hipermídia	Matrizes Vol. 1, No 1 (2007)	192.

2007	Apareço Logo Existo: A Revista Sou+Eu sob a Ótica da Obra a Sociedade do Espetáculo	Ada Caperuto, Ana Paula Casagrande de Oliveira, Daniela Beneti, Fábila Yoshida, Flávia Negrão, Maira Rita Begalli Nunes, Ricardo Filinto	web	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 1 (2007)	193.
2007	A rede de comunicação World Wide Web no domínio *.pt: métricas fundamentais	António Machuco Rosa, Jorge Giro	world wide web, computação,	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 2 (2007)	194.
2007	A questão da produção amadora no ciberespaço e o impacto no mainstream media	Fernando Milanini	digital, ciberespaço	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 5 (2007)	195.
2007	A prática do jornal laboratório digital pelo estudante de Jornalismo contemporâneo: novos resultados obtidos	Denis Porto Renó, Caroline Petian Pimenta	digital, hipertexto, internet, multimídia	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 2 (2007)	196.
2007	A Hitchhiker's Guide to the Turing Galaxy: On naming the age of the networked digital computer	Volker Grassmuck	digital, web, computador	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 5 (2007)	197.
2007	A estética cibernética na internet: música e sociabilidade na comunicação do MySpace	Adriana Amaral	digitqal, cibercultura	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 3, No 9 (2006 ou 7)	198.
2007	Sociologia da blogosfera: figurações do humano e do social em blogs	Pedro Andrade	digitqal internet,, ciberespaço, TICs,	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	199.
2007	O lado de lá da Comunicação. Leitura dos livros organizados por José Carlos Abrantes, A Construção do Olhar (Lisboa, Livros Horizonte: 2005) e Ecrãs em mudança – Dos jovens na Internet ao Provedor de Televisão	Rafael Paes Henriques	digitais, internet, hipertexto, computador	Comunicação e Sociedade Vol. 12, No 1 (2007)	200.
2007	A cultura política: entre o mediático e o digital (integra não esta no Revcom 2010)	Néstor García Canclini	digital, web, informática	Matrizes Vol. 1, No 2 (2007)	201.
2007	A (con) fusão dos mundos on e off line: novas formas de socialidade no Orkut	Erika Oikawa, Sonia Ferro e Silva Pinto	digitais, digitalmente, cibercultura, ciberespaço, computador	Inovcom - Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação Vol. 2, No 2 (2007)	202.
2007	El apagón analógico... ¿y después qué? Estrategias de la TDT en España	David Fernández Quijada	digital, digitais	Observatorio (OBS*) Vol. 1, No 2 (2007)	203.
2007	Não é propriamente um crime”: considerações sobre pirataria e consumo de música digital	Gisela Castro	web, digital, digitais	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 4, No 10 (2007)	204.
2008	Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira	João Freire Filho, João Francisco de Lemos	digitais, digital, web	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 13 (2008)	205.

2008	Novas tendências da Pesquisa em Comunicação no Brasil: preferências temáticas da geração emergente	Ada de Freitas Maneti Dencker	digital, internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 31, No 1 (2008)	206.
2008	El consumo juvenil en la sociedad mediática	Germán Muñoz González	TICs, digital, informática, computador	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 12 (2008)	207.
2008	Televisão Digital Interativa: A Usabilidade Como Linguagem de Uso	Lauro Henrique de Paiva Teixeira, César Fernandes Casella	digital	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual da Intercom Vol. Vol. 1, No 1 (2008)	208.
2008	Em busca de um modelo de composição para os jornais digitais	Luciana Moherdau	digital, web, digitais	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 6, No 2 (2008)	209.
2008	Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas	Lúcia Santaella	digital, TICs	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 35, No 1 (2008)	210.
2008	Do talk show ao televisivo: mais espetáculo, menos informação	Nisia Martins Rosário	computador	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	211.
2008	Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura	Fátima Régis	digital, cibercultura	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 37, No 3 (2008)	212.
2008	Subjetivação e consumo em sites de relacionamento	Marta de Araújo Pinheiro	web, digital	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 14 (5)	213.
2008	Representando a Information Literacy “Competências Informacionais” na Biblioteconomia	Rose Cristiani Liston, Plácida da Costa Santos	digital, web, world wide web, novas tecnologias, informática, computador, digitais	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	214.
2008	Legado e Herança das agências de notícias para o jornalismo na web	José Afonso da Silva Junior	digital, web, digitais	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 6, No 1 (2008)	215.
2008	Novas tecnologias em tempos pós-modernos	Rosa Lucila Fernandes Y Freitas	digital, novas tecnologias	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 35, No 1 (2008)	216.
2008	Gregory Bateson e o processo comunicativo	Lígia Campos de Cerqueira Lana	computação	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	217.
2008	Ouvindo números: o mito da transparência	José Cláudio Siqueira Castanheira	digital, novas tecnologias computador,	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	218.
2008	Os romances sentimentais na cultura tecnológica: um estudo de como viver junto o lazer e o amor no século XXI	Cristina Ennes da Silva, Paula Regina Puhl	digital, web computador,	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 13 (2008)	219.

2008	Os mecanismos de busca e suas implicações em comunicação e marketing	Rodrigo Goulart, Sandra Portella Montardo	digital, hipertexto, computação, web	Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 11, No 21 (2008)	220.
2008	Os estudos de gênero na Ciência da Informação	Patrícia Espírito Santo	digital, novas tecnologias, ciberespaço, computação, computador, web, TICs informática,	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	221.
2008	Portal Revcom & Google Analytics: acessando a caixa-preta da informação	Sueli Mara Ferreira, Alexandre Silva Cunha	digital, computador web, digitais,	Em Questão Vol. 14, No 1 (2008)	222.
2008	O conceito de commons na cibercultura	Sergio Amadeu da Silveira	digital, web, cibercultura,	Líbero - Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero Vol. 11, No 21 (2008)	223.
2008	Notícias de um documentário particular. Os sentidos do real em um documentário brasileiro	Ana Paula Cruz Penkala	digital	Em Questão Vol. 14, No 1 (2008)	224.
2008	Música, Celebridades e Fãs: Produtos da Indústria Cultural	João Osvaldo Schiavon da Matta	digital, cibercultura, ciberespaço	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual da Intercom Vol. 1, No 2 (2008)	225.
2008	Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital	Fernanda Bruno	digital,web, ciberespaço	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 36, No 2 (2008)	226.
2008	Modelos de servicios bibliotecarios: el acceso a la información	Juan Jose Prieto Gutiérrez	digital, TICs, internet	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	227.
2008	Think Different: Estilos de Vida Digitais e a Cibercultura como Expressão Cultural	Erick Felinto	digital, digitais cibercultura,	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 37, No 3 (2008)	228.
2008	Dimensões do instante: mídia, narrativas híbridas e experiência urbana	Renato Cordeiro Gomes	novas tecnologias	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 12 (2008)	229.
2008	Conectividade e mobilidade social: pilares da inclusão digital?	Mirian Amaral, Estrella D'alva Bohadana	digital, hipertexto, ciberespaço	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 6, No 2 (2008)	230.
2008	Comunicação e poder nas organizações	Marlene Branca Sólio	digital	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	231.
2008	Webjornalismo Audiovisual: Perspectivas para um Jornalismo de Qualidade no Ciberespaço	Beatriz Becker, Juliana Teixeira	digital, novas tecnologias, ciberespaço	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual da Intercom Vol. 1, No 2 (2008)	232.
2008	Comunicação como midiaticização: os meios em meio à tecnologia, sociedade, linguagem, e vice-versa	André Dornelles Pares	novas tecnologias	Em Questão Vol. 14, No 2 (2008)	233.

2008	Circuitos online de comunicação relacionada ao consumo	Ernani Coelho Neto, Giovanni Floridia	digital, internet, TICs	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 12 (2008)	234.
2008	Ciberespaço: conceito à procura de um nome	Lucrecia D'Alessio Ferrara	digital, tecnologias, computador, Ciberespaço	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 37, No 3 (2008)	235.
2008	Cibercultura, commons e feudalismo informacional	Sérgio Amadeu da Silveira	digital, computador cibercultura,	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 37, No 3 (2008)	236.
2008	Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online	Marco Silva	digital, internet cibercultura, hipertextual	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 37, No 3 (2008)	237.
2008	CHINA SOFT	Naren Chitty	digital, web, cyber	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual da Intercom Vol. 1, No 1 (2008)	238.
2008	Bunker glocal: configuração majoritária sutil do imaginário mediático contemporâneo e militarização imperceptível da vida cotidiana	Eugênio Trivinho	digital, cibercultura	Comunicação Mídia e Consumo Vol. 5, No 12 (2008)	239.
2008	As mídias legislativas e a redefinição da noticiabilidade política no Brasil	Antonio Teixeira de Barros, Cristiane Brum Bernardes, Cláudia Regina Fonseca	digital, internet	Em Questão Vol. 14, No 1 (2008)	240.
2008	As interfaces do Cinema, Representação e Novas Tecnologias	Hadija Chalupe da Silva	novas tecnologias, computador	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual Intercom Vol. 1, No 2 (2008)	241.
2008	As comunidades de compartilhamento social no Centro de Mídia Independente	Adilson Cabral	digital, web, TICs	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 31, No 2 (2008)	242.
2008	Arte, Televisão e Livros Na Sociedade da Cultura Audiovisual (aspectos críticos)	Marlene Fortuna	digital, digitais, computador, internet	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual da Intercom Vol. 1, No 2 (2008)	243.
2008	A hipótese dos usos e gratificações aplicada à internet: deslocamentos conceituais	Edson Fernando Dalmont	digital, internet, computador,	Contemporanea Journal of Communication and Culture Vol. 6, No 2 (2008)	244.
2008	A Hdtv E A Televisão Digital No Japão: As Primeiras Experiências e Próximas Tendências	Misaki Tanaka	digital, computador, internet	Revista NAU - Revista de Comunicação Audiovisual Intercom Vol. 1, No 1 (2008)	245.
2008	A EAD nas licenciaturas UFSC/UAB: um estudo da comunicação e das interações na disciplina de Introdução a Educação a Distância	Dulce Marcia Cruz, Aline Santana Martins	digital, cibercultura, hipertexto	Contemporanea - Journal of Communication and Culture Vol. 6, No 2 (2008)	246.
2009	Tecnologias da Comunicação e desenvolvimento: três aspectos vistos desde o Brasil	Antonio Hohlfeldt	digital, TICs, informática	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 32, No 2 (2009)	247.

2009	Vídeo digital: identidades e representações das culturas populares	Maria Salett Tauk Santos, Patrícia Munick de Albuquerque Fragoso	digital, novas tecnologias	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 32, No 1 (2009)	248.
2009	Painéis fotográficos digitais: uma tipologia de experiências de interação em um diário fotográfico na Internet	Norberto Kuhn Júnior	digital, digitais, computador, internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 32, No 2 (2009)	249.
2009	Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet (já não estava no Revcom em Nov/2010)	Raquel Recuero	computador, internet, digitando	Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia Vol. 38, No 1 (2009)	250.
2009	Colaboração e Internet: propondo uma taxonomia de formatos de colaboração em projetos de network	Karla Schuch Brunet	digital, internet, www, computer	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 32, No 1 (2009)	251.
2010	A transição dos quadrinhos dos átomos para os bits	Márcia Schmitt Veronezi Cappellari	digital, ciberespaço, internet	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol. 33, No 1 (2010)	252.